

**ENTRE O SAGRADO E O CÔMICO**

Vitor Emanuel Correa De Mesquita,  
Flávio Fernando Da Silva, Fernando Ferreira Rocha

**TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CULTO PENTECOSTAL**

Jean Clemisson Santos Rosa, Guilherme Inácio Santos  
Paes, Adriana Lopes Damian e Isabela Lefol Arruda

**A LITURGIA PENTECOSTAL EM REDE**

Brayan De Souza Lages

**A DINÂMICA DOS DONS E A UNIDADE  
ESPIRITUAL NA IGREJA**

Eliabe Lima Caraúba e Michell Platinir S. Damasceno

**OS PENTECOSTALISMOS BRASILEIROS  
E MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS:**

**ENTREVISTA COM MAGALI CUNHA**  
Victor Breno Farias Barrozo

**A TEOLOGIA PENTECOSTAL E MÍDIAS DIGITAIS:  
ENTREVISTAS COM CLAITON POMMERENING,  
EDUARDO LEANDRO E VALMIR NASCIMENTO**

Victor Breno Farias Barrozo

# **AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS**

**Volume XVI - Número 1**

**jan./jul. 2025**

**Revista Semestral da Faculdade Refidim**

**Joinville/SC**

**ISSN - 2178-7441**

**Azusa – Revista de Estudos Pentecostais**  
**Volume XVI – Número 1**  
**jan./jun. 2025**

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XVII, n. 1  
 (jan./jun. 2025) - Joinville: REFIDIM, 2025.  
 Semestral.  
 118p.  
 Editor: Aílto Martins  
 ISSN: 2178-7441  
 I. Martins, Aílto. II. Título.

**Editor:**

Prof. Dr. Aílto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

**Editor Executivo:**

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

**Comissão Científica ad hoc**

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Prof. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

**Revisão:** Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

**Diagramação:** Everton de Borba

**Traduções Abstracts:** Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: [ceeduc@ceeduc.edu.br](mailto:ceeduc@ceeduc.edu.br) - Site: [www.ceeduc.edu.br](http://www.ceeduc.edu.br)

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - [biblioteca@ceeduc.edu.br](mailto:biblioteca@ceeduc.edu.br) - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,  
a opinião dos editores*

## SUMÁRIO

**EDITORIAL** 4

**ORGANIZADORES** 7

**ENTRE O SAGRADO E O CÔMICO: A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PENTECOSTAIS EM AMBIENTES DIGITAIS** 12

VITOR EMANOEL CORREA DE MESQUITA 12

FLÁVIO FERNANDO DA SILVA 12

FERNANDO FERREIRA ROCHA 12

**TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CULTO PENTECOSTAL: ACEITAÇÃO, DESAFIOS E PERCEPÇÕES DE FIÉIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS** 34

JEAN CLEMISSON SANTOS ROSA 34

GUILHERME INÁCIO SANTOS PAES 34

ADRIANA LOPES DAMIAN 34

ISABELA LEFOL ARRUDA 34

**A LITURGIA PENTECOSTAL EM REDE: DESAFIOS SACRAMENTAIS E PRESENÇA DO ESPÍRITO EM TEMPOS DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA** 53

BRAYAN DE SOUZA LAGES 53

**ENTRE REDES E REVELAÇÕES: O ACONSELHAMENTO PASTORAL PENTECOSTAL NA ERA DIGITAL** 92

JANDERSON NASCIMENTO DA SILVA ALVES 92

**A DINÂMICA DOS DONS E A UNIDADE ESPIRITUAL NA IGREJA: A PNEUMATOLOGIA PAULINA A PARTIR DA PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS CORÍNTIOS** 106

ELIABE LIMA CARAÚBA 106

MICHELL PLATINIR SILVA DAMASCENO 106

**OS PENTECOSTALISMOS BRASILEIROS DIANTE DAS MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: ENTREVISTA COM MAGALI CUNHA** 123

VICTOR BRENO FARIAS BARROZO 123

**A TEOLOGIA PENTECOSTAL DIANTE DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTREVISTAS COM CLAITON POMMERENING, EDUARDO LEANDRO E VALMIR NASCIMENTO** 133

VICTOR BRENO FARIAS BARROZO 133

## EDITORIAL

É com grande satisfação que anunciamos a publicação da edição semestral da Azusa - Revista de Estudos Pentecostais, correspondente ao primeiro semestre de 2025 (jan./jun. 2025). Nesta edição, apresentamos um dossiê com a temática: “Teologia Pentecostal e Mídias Digitais: novas perspectivas sobre as experiências religiosas pentecostais”. O dossiê tem como objetivo acolher pesquisas que analisem as vivências religiosas de origem pentecostal no contexto brasileiro e latino-americano, bem como suas interações com as mídias digitais à luz da Teologia Pentecostal. O foco principal é reunir diferentes abordagens sobre os impactos das mídias digitais nos modos de pensar, vivenciar e (re)produzir as experiências religiosas da tradição pentecostal.

Contamos com a participação dos professores doutores Maxwell Fajardo e Victor Breno Farias Barrozo como organizadores do dossiê. Com suas amplas experiências e conhecimentos na área de estudos pentecostais, ambos trazem uma perspectiva enriquecedora para a discussão proposta nesta edição.

O dossiê, intitulado “*Teologia Pentecostal e Mídias Digitais: novos olhares para as experiências religiosas pentecostais*”, reflete a preocupação dos organizadores em explorar as interações entre as tradições religiosas pentecostais e as novas mídias. A colaboração desses renomados acadêmicos promete não apenas enriquecer o conteúdo do dossiê, mas também inspirar novos estudos e pesquisas na área, ampliando as fronteiras do conhecimento sobre o pentecostalismo e suas manifestações na era digital.

No primeiro artigo do dossiê, intitulado “*Entre o sagrado e o cômico: a construção de estereótipos pentecostais em ambientes digitais*”, dos autores Fernando Ferreira Rocha, Flávio Fernando da Silva e Vitor Emanuel Correa de Mesquita exploram a circulação de memes relacionados a cultos pentecostais nas redes sociais, utilizando a semiótica visual como base teórica. A análise crítica demonstra que esses memes promovem uma nova interpretação dos rituais religiosos, frequentemente considerados irracionais e exagerados. A pesquisa

conclui que essas práticas reforçam estereótipos e contribuem para a intolerância religiosa, visando estimular uma reflexão crítica sobre as dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

O segundo artigo dossiê, intitulado "*Tecnologias digitais no culto pentecostal: aceitação, desafios e percepções de fiéis da Assembleia de Deus*", escrito por Jean Clemisson Santos Rosa, Adriana Lopes Damian, Isabela Lefol Arruda e Guilherme Inácio Santos Paes, analisa o uso de tecnologias digitais nos cultos dessa denominação. Com base em questionários aplicados a ( $n=48$ ) membros brasileiros, o estudo identifica as principais ferramentas digitais utilizadas, seus objetivos e as experiências positivas e negativas dos fiéis. A pesquisa destaca a relação entre a tradição pentecostal e a inovação tecnológica, evidenciando uma integração crescente, embora ambivalente, do digital nas práticas litúrgicas e na experiência de culto.

Brayan de Souza Lages, é o escritor do terceiro artigo do dossiê intitulado "*A liturgia pentecostal em rede: desafios sacramentais e presença do espírito em tempos de mediação tecnológica*", explora a liturgia pentecostal em contextos digitais, destacando os desafios sacramentais e a manifestação do Espírito na mediação tecnológica. Examina a natureza comunitária do culto e os impactos da virtualização nas práticas litúrgicas, reinterpretando aspectos como pregação e oração como formas de mediação da graça. A liturgia digital é considerada um espaço para missão e testemunho, desafiando a Igreja a se engajar nas redes sociais com discernimento espiritual.

No quarto artigo do dossiê denominado "*Entre redes e revelações: o aconselhamento pastoral pentecostal na era digital*", de autoria de Janderson Nascimento da Silva Alves, o autor examina a evolução do aconselhamento pastoral pentecostal, desde as origens da Assembleia de Deus (AD) e seu uso de jornais impressos até os dias atuais, que são marcados pela utilização de mídias digitais. A AD demonstra sua capacidade de se adaptar às novas tecnologias para evangelizar e oferecer aconselhamento, enfatizando a necessidade de agir com prudência. A conclusão destaca que a fusão da tradição pentecostal com

inovações midiáticas expande o alcance missionário, mas requer a observância de limites éticos e fidelidade aos princípios bíblicos.

O quinto artigo não faz parte da temática do dossiê, contudo apresenta uma contribuição importante para a Teologia Pentecostal. Os autores Eliabe Lima Caraúba e Michell Platinir Silva Damasceno, com o tema “*A dinâmica dos dons e a unidade espiritual na igreja: a pneumatologia paulina a partir da primeira carta de Paulo aos Coríntios*”, examina a pneumatologia de Paulo em 1 Coríntios 12–14, focando nos dons espirituais como manifestações do Espírito Santo para a edificação da Igreja e glorificação de Cristo, não para prestígio pessoal. Paulo estabelece critérios teológicos para corrigir distorções na igreja de Corinto, enfatizando a unidade na diversidade dos dons e o amor (ágape) como regulador. A verdadeira espiritualidade, segundo Paulo, é caracterizada por ordem, maturidade e compromisso com a missão da comunidade.

Para concluir o dossiê, são apresentadas duas entrevistas com teólogos pentecostais sobre a temática em questão. A primeira, conduzida pelo Dr. Victor Breno Farias Barrozo, é com a doutora Magali Cunha, especialista em religiões, comunicação, mídias e política. Nesta entrevista, discute-se a presença dos pentecostalismos brasileiros nas mídias contemporâneas sob a ótica das ciências da comunicação. A segunda entrevista, também realizada pelo Dr. Victor Breno Farias Barrozo, envolve três teólogos pentecostais: Dr. Claiton Pommerening, Diretor e Professor da Faculdade Refidim, além de comentarista das Lições Bíblicas da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus); Dr. Eduardo Leandro, Diretor e Professor do CETAD-PB (Centro de Estudos Teológicos da Assembleia de Deus da Paraíba), também comentarista das Lições Bíblicas da CPAD; e Me. Valmir Nascimento, professor da FEICS/MT e comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. As entrevistas abordam o tema: *A Teologia Pentecostal frente aos desafios e oportunidades das mídias digitais*.

**Prof. Dr. Ailto Martins**  
**Editor**

**Prof. Me. Orlando Afonso Camutue Gunlanda**  
**Coordenador da Equipe de Pesquisa**

## ORGANIZADORES

### **Apresentação: Dr. Maxwell Fajardo**

Quando se estuda o contexto histórico em que transcorreu a Reforma Protestante na Europa do século XVI é inevitável citar a invenção da prensa de tipos móveis desenvolvida por Johannes Gutenberg no século anterior. Evidentemente, em si, a invenção não tem nada de religiosa ou teológica, tratando-se do produto de um desenvolvimento técnico de grande complexidade para o período.

No entanto, ao adentrarem no mundo social, os aperfeiçoamentos técnicos ganham sentidos que vão além de suas funções mecânicas. Eles passam a fazer parte de universos culturais que determinarão o significado de seus usos. Em uma via de mão dupla, os avanços técnicos ganham sentido a partir do modo como são apropriados pelo ser humano, mas também exercem influência sobre as formas como os seres humanos agem e pensam.

Não à toa, o primeiro livro a ser produzido na prensa de Gutenberg foi a Bíblia Sagrada, prefigurando assim o modo como a produção de escritos em larga escala provocaria mudanças no cenário religioso europeu. Evidentemente, não queremos aqui ser deterministas quanto ao uso das tecnologias, ao ponto de considerar a imprensa como o fator preponderante para a eclosão da Reforma. Por outro lado, não é possível compreender adequadamente o contexto histórico em que os debates teológicos da Reforma Protestante transcorreram sem levar em conta o papel da imprensa como ferramenta amplamente usada nos debates teológicos e sociais do período.

O mesmo pode ser dito a respeito da época em que vivemos. Nas últimas décadas o nível de inovação técnica atingiu patamares surpreendentes, que provocaram mudanças decisivas nas diferentes esferas da vida. É possível imaginar a vida hoje sem as comodidades da internet ou sem o uso de telas? Se no transcorrer do século XX aprendemos que a ausência prolongada de energia elétrica pode levar o caos às cidades, no século XXI acrescenta-se a este temor o prejuízo que a falta de conexão com a internet poderia causar.

Sem dúvida todas as transformações ocasionadas pelas tecnologias digitais também afetam o universo religioso. O panorama digital do século XXI, acelerado pelo processo de pandemia, trouxe questões inéditas para o contexto litúrgico das igrejas com implicações profundas sobre os debates teológicos. Além das questões de ordem geral, há aquelas que se relacionam de modo mais direto ao pentecostalismo e que são discutidas nos artigos desta edição da Revista Azusa: com a entrada das igrejas no mundo dos cultos virtuais, como lidar com elementos que historicamente caracterizam a liturgia pentecostal, como a espontaneidade e as manifestações dos dons espirituais? Como se dá o aconselhamento pastoral neste contexto? Como as linguagens próprias das redes sociais, como os memes, interferem nas representações sociais dos pentecostais?

Convidamos o leitor a participar destes e de outros debates propostos nas páginas desta edição! Boa leitura!

### **Apresentação: Dr. Victor Breno Farias Barrozo**

Desde as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento dos pentecostalismos e das teologias pentecostais têm se dado concomitantes às evoluções dos diversos tipos de mídias – imprensa, rádio, televisão e mais atualmente, as redes sociais com o advento da internet. No verbete dedicado ao tema, no clássico *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements* (BURGESS, et al, 2002), declara-se acertadamente que os pentecostais têm se caracterizado e destacado entre outros grupos pelo “uso entusiástico da mídia de massa”, sobretudo ligadas à evangelização, apologética e educação. Do avivamento de Azusa nos EUA à emergência do pentecostalismo globalizado na atualidade, as mídias tem sido tanto um meio que os pentecostais têm se utilizado para difundir sua mensagem, como também, o fenômeno da midiatização vem sendo responsável por modular e transformar a experiência religiosa pentecostal.

No Brasil, mídias e teologia pentecostal se interconectam em uma rede de mútuas influências e usos na história. Nos anos 20 e 30, as Assembleias de Deus utilizaram-se vastamente da mídia impressa (como no caso dos jornais *Boa Semente*, *Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*), como tecnologia da propagação da fé pentecostal utilizadas pelos missionários suecos e norte-americanos. Nos anos 40 e 50, surgem os primeiros

programas de rádio pentecostais, com destaque às iniciativas da Igreja do Evangelho Quadrangular. A partir dos anos de 60 e 70, foi a vez dos incursos pentecostais na televisão, com, por exemplo, os trabalhos da Igreja Cristã Nova Vida e Igreja Universal do Reino de Deus. Dos anos 90 em diante com a internet, sobretudo no início do século XXI, assistimos uma proliferação da presença midiática digital de igrejas, pastores e lideranças, movimentos, instituições de ensino, influencers, etc, nas redes sociais, como: YouTube, Facebook, Instagram, Tik Tok, WhatsApp, entre tantos outros.

Ao longo deste tempo, as relações entre mídias e teologia pentecostal foram compondo um mosaico de muitas matizes e gradientes. Há àquelas denominações pentecostais que, desde o início, utilizaram-se das mídias, com certas restrições. Outras, dos primórdios até a atualidade, mantêm uma postura de rejeição e relativo distanciamento. Ainda outras foram transformando-se ao longo das décadas para posicionamentos mais aberto e adaptativos. E, por fim, há àquelas que surgem no contexto de mídias digitais, mantendo com elas um vínculo presente, mas crítico, ou que se deixaram absorver e são metamorfoseadas pela midiatização.

Diante desse cenário, algumas questões se colocam: como as igrejas pentecostais têm utilizado às mídias digitais na propagação externa e formação interna de suas teologias e doutrinas? De que forma a midiatização religiosa digital tem transformado à teologia das denominações e a espiritualidade pentecostal? Quais são os desafios e oportunidades que as mídias digitais oferecem para o desenvolvimento de uma teologia pentecostal? Que novas metodologias e formas as igrejas e instituições de ensino pentecostal tem se utilizado (ou não) para formação teológica no contexto da sociedade em rede? Para onde caminha a teologia pentecostal em tempos de midiatização religiosa e como ela pode se apresentar como reflexão crítica da fé nesse cenário? Como as instituições de ensino ligadas às igrejas ou Seminários, Institutos e Faculdades pentecostais podem produzir boa teologia no espaço das mídias digitais?

Torna-se necessário, portanto, ante à emergência de uma ciberpentecostalismo, o desenvolvimento de uma ciberteologia pentecostal – parafraseando o teólogo Antonio Spadaro (2012). Uma vez que a cultura digital influencia e exige respostas a respeito do modo como elaboramos

nosso discurso sobre Deus e a fé na sociedade atual, e que as mídias digitais modificam o modo de comunicar e pensar, torna-se necessário refletir como a teologia pode compartilhar a Palavra de Deus na cibercultura. Assim, uma teologia pentecostal na, da e para as mídias digitais necessita ser uma reflexão à luz da Palavra de Deus, no discernimento e empoderamento do Espírito, que nos permita compreender os desafios e oportunidades trazidos pela midiatização religiosa. Esse labor teológico à luz da experiência pentecostal, deve incluir tanto a análise crítica das implicações éticas, culturais e teológicas das novas tecnologias, seus limites e problemas, quanto, ao mesmo tempo, iluminar sobre como os meios digitais podem ser usados para criar pontes, promover o diálogo e testemunhar a fé em ambientes virtuais. Desse modo, uma ciberteologia pentecostal deve contribuir para que a Igreja expresse sua identidade carismática, utilizando o potencial da comunicação digital de forma responsável, criativa e missionária, reafirmando a centralidade do Evangelho em um mundo cada vez mais conectado.

## ENTRE O SAGRADO E O CÔMICO: A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PENTECOSTAIS EM AMBIENTES DIGITAIS

Vitor Emanuel Correa de Mesquita<sup>1</sup>  
Flávio Fernando da Silva<sup>2</sup>  
Fernando Ferreira Rocha<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa, à luz da semiótica visual, a circulação de memes derivados de vídeos de cultos pentecostais nas redes sociais. A pesquisa utiliza como base teórica os estudos de semioticistas, explorando a articulação entre os planos da comunicação e do conteúdo. A metodologia semiótica consistiu na análise crítica de memes associados aos cultos pentecostais. Os resultados indicam uma sistemática resignificação dos rituais religiosos, frequentemente associados à irracionalidade e ao exagero. Conclui-se que tais práticas midiáticas reforçam estereótipos e colaboram com a intolerância religiosa. A proposta do artigo não é esgotar o tema, mas contribuir para uma leitura crítica das dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

**Palavras-chave:** semiótica visual; memes; pentecostalismo; redes sociais; intolerância religiosa.

### Abstract

This article analyzes, through the lens of visual semiotics, the circulation of

---

<sup>1</sup> Mestrado em andamento em Ciências da Religião pela UMESP (Bolsista CAPES). Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT. Formado em Teologia pela UNESA. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. E-mail: prof.vitoremanuel@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduado em História e Teologia. Pós-graduado em História e Arqueologia do Oriente Próximo e Mediterrâneo. Mestrado em andamento em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. E-mail: flaviofernandods@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Ciência da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP. Doutorado em andamento em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. E-mail: rocha\_fernando@hotmail.com.

memes derived from videos of Pentecostal worship services on social media. The research draws on the theoretical contributions of semioticians, exploring the relationship between the planes of communication and content. The semiotic methodology consisted of a critical analysis of memes associated with Pentecostal practices. The results point to a systematic re-signification of religious rituals, often portrayed as irrational and exaggerated. It is concluded that such media practices reinforce stereotypes and contribute to religious intolerance. The purpose of this article is not to exhaust the topic but to contribute to a critical reading of contemporary communication dynamics.

**Keywords:** visual semiotics; memes; Pentecostalism; social media; religious intolerance.

## INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo das mídias digitais, as manifestações religiosas pentecostais, ao circularem nas mídias digitais, são frequentemente apresentadas em formatos que descontextualizam suas expressões simbólicas e litúrgicas, o que pode contribuir para leituras que enfatizam o exagero ou o inusitado. Esse processo de ressignificação tende a ignorar os significados e valores atribuídos pelos próprios praticantes, o que evidencia uma lacuna interpretativa diante da diversidade das expressões religiosas presentes no contexto brasileiro. O pentecostalismo representa uma parcela significativa do cristianismo brasileiro. Segundo dados do IBGE<sup>4</sup>, as denominações pentecostais constituem o segmento religioso que mais cresce no Brasil, especialmente entre as camadas populares da sociedade<sup>5</sup>. Essa expressão religiosa, caracterizada por uma corporalidade e oralidade, encontra nas mídias digitais tanto um espaço de

---

<sup>4</sup> As informações encontram-se disponíveis no site do IBGE. Ver: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>.

<sup>5</sup> Nos dados recentes do IBGE, disponibilizados no ano de 2025, se pode observar o aumento passando de 21,6% em 2010 (35 milhões) para 26,9% em 2022 (47,4 milhões). Ver <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>.

expansão quanto um ambiente de confronto e ridicularização.

A análise semiótica<sup>6</sup>, enquanto ciência dos signos e dos processos de significação, oferece um instrumental teórico-metodológico privilegiado para compreender como os símbolos visuais e a linguagem corporal pentecostal são representados, interpretados e ressignificados nas mídias digitais.

Este artigo propõe-se a realizar uma análise crítica através da semiótica acerca dos vídeos associados ao meio pentecostal que circulam nas mídias digitais, com foco específico nos símbolos visuais e na linguagem corporal. Para isso, devido ao amplo volume de vídeos e conteúdos relacionados aos pentecostais, delimitamos nos mais conhecidos: Pastor Jacinto Manto<sup>7</sup> e corinho de fogo (e aqui, a fim de delimitarmos, escolhemos um vídeo específico).<sup>8</sup> O objetivo central é compreender como esses elementos são representados e ressignificados, muitas vezes de forma distorcida, e propor uma análise dessas manifestações religiosas. Diferentemente de abordagens que destacam o caráter cômico dessas expressões religiosas, este trabalho propõe uma análise que considere os sentidos internos atribuídos pelos próprios sujeitos envolvidos. Parte-se do reconhecimento de que as manifestações religiosas se estruturam a partir de uma lógica simbólica própria, cuja compreensão exige atenção aos seus contextos e códigos internos de significação.

Espera-se que este artigo contribua para uma compreensão mais crítica sobre o aumento da presença pentecostal no meio midiático. Ao mesmo tempo, busca-se demonstrar o potencial da análise semiótica como ferramenta para a

---

<sup>6</sup> Para Peirce, a semiótica é "a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido" (Santaella, 1985, p. 14).

<sup>7</sup> Um deles é UBER PENTECOSTAL - Pr. Jacinto Manto | Tô Solto. Você pode encontrar em: <https://www.youtube.com/watch?v=5g-yAOuH76c>. E GPS PENTECOSTAL feat. EL GATO | Tô Solto. Você pode encontrar em: <https://www.youtube.com/watch?v=aF5GPPnfLcl>.

<sup>8</sup> Veja em: <https://www.youtube.com/shorts/Z5IXARvYtHY>.

compreensão dos fenômenos religiosos contemporâneos e suas representações midiáticas.

## 1. O PENTECOSTALISMO E O NEOPENTECOSTALISMO

O pentecostalismo se tornou, no início do século XX<sup>9</sup>, um fenômeno religioso de rápida disseminação em diversos países<sup>10</sup>, incluindo o Brasil, onde assumiu traços marcantes. Segundo Souza<sup>11</sup>, essa expressão religiosa se caracteriza pela valorização da oralidade, da expressividade corporal nos cultos, da experiência direta com o sagrado e pela forte presença entre as camadas populares da sociedade.

Embora se considere que o movimento pentecostal tenha surgido em 1900, em Topeka, Kansas, com Charles Parham e sua escola bíblica Betel<sup>12</sup>, é o reavivamento ocorrido em 1906, na Rua Azusa, nos Estados Unidos, sob a liderança de William Seymour, que se consolidou como o marco mais

---

<sup>9</sup> NICHOL, John T. *Pentecostalism*. New York:: Harper & Row, 1966. p. 26. HOLLENWEGER, W. J. *The Pentecostals: the charismatic movement in the Churches*. Minneapolis : Augsburg Publishing House, 1972. p. 21-26. Para uma visão mais ampla sobre o movimento Pentecostal, ver: SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. ARAUJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

<sup>10</sup> ÁLVAREZ, Carmelo E. Panorama histórico dos pentecostalismos Latino-Americanos e Caribenhos. p. 30. In: *Na força do Espírito: Os pentecostais na América Latina*. GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. (Editores). São Paulo : Associação Literária Pendão Real, 1996. p. 30.

<sup>11</sup> SOUZA, Carlos Eduardo Silva de. *O pentecostalismo e sua inserção nas camadas populares no Brasil*. Revista Eletrônica Correlatos, v. 2, n. 47, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://revistas.fatectq.edu.br/index.php/correlatos/article/view/47>. Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>12</sup> BITTUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidade no Campo Religioso Neopentecosta*. São Paulo, 2007. Tese de Doutorado Pontifícia Universidade de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3801/1/RICARDO%20BITUN.pdf>. Acessado em: 25.06.2025. p. 25

representativo e influente da expansão pentecostal.<sup>13</sup> O evento é considerado um marco do que viria a se tornar um dos maiores movimentos religiosos do século XX. No Brasil, a chegada do pentecostalismo é associada a Congregação Cristã no Brasil, estabelecida em 1910 por Louis Francescon e ao trabalho dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que em 1911, fundaram a “Missão da Fé Apostólica”, que foi registrada em 1918, oficialmente como “Assembleia de Deus” em Belém do Pará. Essas igrejas enfatizavam a experiência do batismo no Espírito Santo, a prática dos dons espirituais, como a glossolalia (falar em línguas), e a crença na cura divina<sup>14</sup>.

Já o neopentecostalismo, surgido a partir da década de 1970<sup>15</sup>, apresenta uma abordagem distinta, tanto em termos teológicos quanto no modo de organização e interação com a sociedade. Essas distinções influenciam diretamente a maneira como cada vertente do cristianismo protestante organiza sua estrutura interna, interpreta a fé e se apropria dos meios de comunicação<sup>16</sup>.

A nova abordagem é caracterizada pelo pragmatismo religioso e uma reformulação de aspectos tradicionais do pentecostalismo.<sup>17</sup> Seu crescimento se deu em um contexto de transformações sociais e culturais no Brasil, particularmente a partir dos anos 1970 e 1980, com o surgimento de denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), fundada por Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), de R. R. Soares, e a Igreja Renascer em Cristo (1986), de Estevam Hernandes e Sônia Hernandes e o Ministério Internacional da Restauração, fundado por Rene Terra Nova em 1992.

---

<sup>13</sup> NICHOL, John T. 1966, p. 32-37. HOLLENWEGER, W. J. 1972, p. 22-23.

<sup>14</sup> MARIANO, 2005, p. 23.

<sup>15</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 37.

<sup>16</sup> Tais diferenciações que serão traçadas, não buscam promover “separação” entre os pentecostais e os neopentecostais, como muito se é feito. Não buscamos aqui reforçar um “anti-neopentecostais”, mas sim, uma diferenciação focando em suas particularidades.

<sup>17</sup> MARIANO, 2005, p. 8-9.

Essas igrejas passaram a reconfigurar sua mensagem e estrutura organizacional em diálogo com o contexto urbano e midiático emergente, recorrendo a formatos de evangelização que exploram intensamente os meios de comunicação disponíveis.

As diferenças entre pentecostalismo e neopentecostalismo podem ser observadas em diversas áreas, mas aqui selecionamos brevemente duas. No campo teológico, enquanto o pentecostalismo clássico mantém ênfase na salvação, na santidade e nos dons espirituais, o neopentecostalismo introduziu novas ênfases doutrinárias, como a teologia da prosperidade, que interpreta a bênção divina também em termos de sucesso financeiro e material. Outro aspecto relevante é a liturgia. As igrejas pentecostais tradicionais tendem a manter uma estrutura de culto mais homogênea, com orações, louvores e sermões centrados na experiência com Jesus. Nas Igrejas neopentecostais, há também um foco maior em ritos específicos voltados à libertação espiritual, com orações de exorcismo e quebra de maldições. Tais práticas, embora também presentes em setores do pentecostalismo clássico, tendem a ser mais recorrentes e organizadas no contexto neopentecostal, sendo amplamente difundidas por meios televisivos e plataformas digitais.

A relação com os meios de comunicação é um dos traços mais marcantes do neopentecostalismo.<sup>18</sup> Desde suas primeiras décadas, igrejas neopentecostais investiram fortemente na mídia, primeiro no rádio e na televisão, e mais recentemente na internet e redes sociais. Isso permitiu que essas denominações alcançassem um público amplo e diversificado, expandindo sua presença além das estruturas e templos físicos. A ampla presença midiática contribuiu para a projeção de lideranças neopentecostais, que passaram a ocupar espaços de visibilidade pública, gerando tanto reconhecimento quanto críticas no espaço social e religioso. Como observa Freston, o neopentecostalismo se destaca pela

---

<sup>18</sup> MARIANO, 2005.

habilidade de utilizar os meios de comunicação para consolidar sua identidade e alcançar fiéis em larga escala.<sup>19</sup>

Ambos os movimentos coexistem e, em alguns casos, influenciam-se mutuamente. Apesar das diferenças doutrinárias e estruturais, compartilham elementos em comum, como a crença na intervenção divina, a ênfase na experiência espiritual e a busca pelo crescimento da igreja. Dessa forma, o pentecostalismo e o neopentecostalismo representam manifestações distintas dentro do cristianismo protestante no Brasil, refletindo a diversidade do campo religioso brasileiro. Ampliando de forma objetiva os dos campos anteriormente trabalhado. Entre as principais características teológicas do pentecostalismo<sup>20</sup>, destacam-se: (a) A doutrina do batismo no Espírito Santo como uma experiência distinta e posterior à conversão, geralmente evidenciada pelo dom de línguas (glossolalia);<sup>21</sup> (b) A crença nos dons espirituais (carismas) mencionados por Paulo em 1 Coríntios 12-14, incluindo cura divina, profecia, discernimento de espíritos, entre outros; (c) A ênfase na experiência direta e pessoal com o divino, em contraste com abordagens mais intelectualizadas ou ritualizadas da fé; (d) A Expectativa escatológica da iminente volta de Cristo, que motiva o fervor evangelístico e a santificação pessoal; (e) A centralidade da Bíblia como autoridade final em matéria de fé e prática, interpretada de maneira predominantemente literal.

---

<sup>19</sup> FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado, Unicamp, 1993. No capítulo 10 de sua tese, Freston faz uma análise ampla da utilização das mídias. Você também pode conferir a discussão que é retomada por Ricardo Mariano em: *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 51-75.

<sup>20</sup> Conferir: *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

<sup>21</sup> Embora tenha sido colocado como característica teológica do pentecostalismo, há ainda um debate bastante abrangente sobre o falar em línguas como evidência do batismo no Espírito Santo. Então aqui será tratado com precaução.

Retomando a liturgia, agora como expressão litúrgica pentecostal, caracteriza-se por uma intensa corporalidade e oralidade. A teologia pentecostal se estrutura fundamentalmente pela oralidade, que antecede e molda qualquer tentativa de sistematização escrita. A oralidade, marcada por fluidez, emoção e espontaneidade, constitui o principal meio pelo qual a fé é vivenciada, interpretada e comunicada no contexto pentecostal<sup>22</sup>.

A transição de uma teologia construída oralmente para registros escritos tende a acentuar a racionalidade em detrimento da dimensão emocional característica da pregação pentecostal<sup>23</sup>, cuja força reside justamente na produção teológica a partir da experiência vivida e compartilhada na coletividade. Ainda segundo o autor, a reflexão teológica construída oralmente carrega códigos próprios de expressão e significado. Assim, é necessário que qualquer sistematização escrita reconheça tais dinâmicas como fundantes no modo como essa tradição religiosa formula e compartilha seus saberes.<sup>24</sup>

A linguagem corporal no pentecostalismo é igualmente expressiva e significativa. Os fiéis manifestam sua experiência religiosa através de diversos gestos e movimentos corporais, como: (a) Levantar as mãos durante a adoração, simbolizando entrega e receptividade ao divino; (b) Ajoelhar-se em oração, expressando humildade e submissão; (c) Manifestação de alegria e êxtase espiritual; (d) Quedas ou "descanso no Espírito", interpretados como sinais da ação divina sobre o corpo; (e) Imposição de mãos para oração, cura ou transmissão de bênçãos. As manifestações corporais exercem papel relevante na construção da experiência religiosa pentecostal, sendo frequentemente integradas aos rituais como formas de expressão simbólica da espiritualidade vivida. Os

---

<sup>22</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal*: acertos, riscos e possibilidades. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 24, Jan. Abs. 2011. p. 132.

<sup>23</sup> POMMERENING, 2011.

<sup>24</sup> POMMERENING, 2011, p. 133.

símbolos visuais também desempenham um papel importante na identidade pentecostal, embora de maneira menos proeminente que em tradições cristãs mais litúrgicas.

É importante ressaltar que, apesar da ênfase na espontaneidade e na experiência direta com o sagrado, muitos dos memes de temática pentecostal operam por meio de uma lógica de singularização estereotipada, ou seja, constroem uma imagem unívoca e homogênea de um movimento que, na realidade, é profundamente plural e multifacetado.<sup>25</sup>

## **2. A MÍDIA DIGITAL E A REPRESENTAÇÃO DO PENTECOSTALISMO**

A ascensão das mídias digitais transformou de forma significativa a maneira como a fé é vivida e comunicada. Estamos diante de um fenômeno com lastros profundos no ambiente digital, que não apenas oferece um novo espaço de expressão para as comunidades religiosas, como também constitui um campo simbólico de disputas, apropriações e representações, muitas vezes marcadas por estereótipos e descontextualizações. A presença marcante do pentecostalismo nas mídias digitais se manifesta de forma dupla: como uma extensão de suas práticas religiosas e como uma adaptação ao ambiente comunicacional contemporâneo. Vale ressaltar que o fenômeno da “mídiatização” da fé não é exclusivo do pentecostalismo, todavia ao analisarmos os conteúdos veiculados, há contornos específicos nesse segmento, dada sua forte ênfase na emocionalidade, expressividade corporal e espiritualidade experiencial, que se traduzem

---

<sup>25</sup> É fundamental reconhecer que o pentecostalismo não constitui uma identidade única e monolítica, mas sim um amplo espectro de experiências religiosas que se desdobram em diferentes contextos sociais, étnicos, geográficos e teológicos. Há pentecostalismos. Reduzir essa diversidade a uma caricatura amplificada por recursos humorísticos é, portanto, um gesto que desconsidera a riqueza interna do movimento e que pode contribuir para sua marginalização simbólica no espaço público.

facilmente em linguagem audiovisual.

Segundo Magali <sup>26</sup>, os meios de comunicação não apenas reproduzem conteúdos religiosos, mas participam ativamente da construção de uma nova expressão cultural cristã. Essa transformação é visível naquilo que a autora denomina de "cultura gospel", marcada pela apropriação de elementos do mercado e do entretenimento no universo da fé. A mídia, nesse contexto, torna-se um espaço simbólico e uma plataforma de visibilidade em que a experiência religiosa é moldada, representada e, frequentemente, espetacularizada. Essa espetacularização da fé pentecostal é intensificada no ambiente digital, onde vídeos de cultos, manifestações carismáticas, testemunhos e momentos de oração e revelações proféticas ganham novos sentidos ao circular fora de seu contexto litúrgico e teológico. Ezequias Soares observa que o “pentecostalismo moderno ou avivamento pentecostal, trouxe uma revolução ao pensamento teológico do século XX e alterou o comportamento das igrejas nos Estados Unidos e no Brasil”.<sup>27</sup>

Todavia, o fenômeno das mídias, reconfiguram a experiência religiosa, visto que os grandes ajuntamentos pentecostais, mediados pelos meios digitais tornam acessíveis as manifestações vividas ali a todos os públicos, onde frequentemente os símbolos e significados religiosos são deslocados de seu contexto original, sendo apresentados em registros cômicos ou simplificados, que podem contribuir para representações estereotipadas. Muitas vezes, a glossolalia, os gestos corporais intensos e a retórica da cura e da libertação são editados, recortados e apresentados de maneira irônica ou sensacionalista, contribuindo para uma representação estereotipada do pentecostalismo.

A presença do pentecostalismo nas mídias digitais contemporâneas,

---

<sup>26</sup> CUNHA, Magali do nascimento. *A comunicação e seus desafios contemporâneos*, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 47.

<sup>27</sup> SOARES, Ezequias, *O pentecostalismo brasileiro*, Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 9.

navega em um ambiente delicado, visto que perpassam pelo âmbito comunicacional e mercadológico atual, onde os padrões de cultura são amplamente compartilhados. Ou seja, aquilo que antes era um movimento, passou a ser identificado como um segmento de mercado. Essa cultura midiática, portanto, está intrinsecamente ligada à lógica do mercado, como também argumenta Kellner, sendo “uma das esferas mais lucrativas da economia global, ao reconfigurar práticas sociais e religiosas em função do consumo”.<sup>28</sup>

Assmann, em sua análise pioneira sobre a igreja eletrônica na América Latina, já identificava um modelo comunicacional religioso estruturado na tríade salvação–milagres–coleta de fundos.<sup>29</sup> Esse modelo comunicacional, fortemente presente nas mídias televisivas, penetrou o campo religioso latino-americano por meio dos televangelistas norte-americanos e foi posteriormente incorporado por grupos religiosos brasileiros, especialmente os pentecostais e neopentecostais. No ambiente digital, essa lógica persiste e se intensifica. A performance religiosa é adaptada às exigências das redes sociais, onde visualizações, curtidas e compartilhamentos tornam-se métricas simbólicas de espiritualidade e sucesso ministerial. Como observa Cunha<sup>30</sup>, a eficiência passou a ser um valor essencial também nas igrejas, na medida em que os líderes precisam apresentar resultados, crescimento numérico, arrecadação e presença midiática comparáveis aos exigidos no mercado secular.

Paralelamente, a cultura do consumo religioso se fortalece. Canclini define o consumo como “o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”,<sup>31</sup> e afirma que o consumo cultural

---

<sup>28</sup> KELLNER, Douglas, *A cultura da mídia*, Bauru: EDUSC, 2001, p. 9.

<sup>29</sup> ASSMANN, Hugo, *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*, Petrópolis: Vozes, 1986, p. 15.

<sup>30</sup> CUNHA, Magali do nascimento. *A explosão gospel: mercado religioso e indústria cultural*, São Paulo: Mauad, 2001, p. 55

<sup>31</sup> CANCLINI, Néstor García, *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 5.

é aquele no qual “o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de câmbio”<sup>32</sup>. Produtos da cultura gospel como: CDs, streamings, camisetas, bíblias personalizadas, vídeos, apps, tornam-se mediadores simbólicos entre o fiel e o sagrado, integrando um mercado no qual o cristão é um consumidor altamente segmentado e fiel.

Esse mercado religioso, também denominado "mercado gospel", é analisado por Cunha<sup>33</sup> como resultado direto da inserção da lógica neoliberal no discurso e na prática das igrejas evangélicas. A autora mostra como esse processo envolve não apenas a oferta de bens religiosos, mas também a transformação da fé em espetáculo, fortemente influenciada pelos modelos de comunicação secular.

Esse cenário evidencia a necessidade de uma análise crítica sobre as formas de representação do pentecostalismo nas mídias digitais. Como afirma ainda Cancilini<sup>34</sup>, os rituais e objetos religiosos funcionam como “acessórios rituais” que organizam e fixam significados em uma sociedade. Assim, quando a glossolalia, a imposição de mãos, os gestos de adoração e os cânticos emocionados são editados e compartilhados sem contexto, ocorre uma “desritualização” desses símbolos, que passam a ser lidos como exageros ou incoerências culturais, e não como expressões autênticas de fé.

É importante destacar que essa representação não ocorre de forma unilateral. Muitas lideranças pentecostais têm se apropriado estrategicamente das mídias digitais para fins evangelísticos e doutrinários. Há um esforço contínuo de adaptação da linguagem, da estética e dos formatos ao ambiente digital, com o objetivo de ampliar o alcance da mensagem e engajar novos públicos. Contudo, essa adaptação pode implicar uma tensão constante entre a fidelidade teológica e

---

<sup>32</sup> CANCELINI, 1993, p. 8

<sup>33</sup> CUNHA, Magali do nascimento. *Cultura e comunicação nas práticas religiosas*, São Bernardo do Campo: UESP, 1999, p. 72.

<sup>34</sup> CANCELINI, Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade, São Paulo: EDUSP, 1991, p. 119.

a performance midiática, entre a tradição litúrgica e a inovação comunicacional.

Portanto, a mídia digital constitui-se simultaneamente em oportunidade e desafio para o pentecostalismo contemporâneo. Ela amplia o alcance da mensagem, mas também impõe novas linguagens, formatos e riscos de distorção. A compreensão crítica dessas representações é essencial para se evitar leituras reducionistas e contribuir para um diálogo mais respeitoso e informado sobre as manifestações pentecostais no Brasil.

### **3. PENSANDO A SEMIÓTICA VISUAL DO PENTECOSTAL NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Retomando as proposições da introdução, este artigo busca desenvolver uma análise semiótica visual das práticas de circulação e ressignificação de signos religiosos pentecostais no ambiente digital, com especial atenção ao modo como esses signos são gerados na produção de conteúdos humorísticos e memes. A partir da perspectiva da semiótica peirceana, o objetivo é compreender como os processos de significação atuam na construção de representações que transitam entre crítica interna, autoironia e celebração identitária, podendo também resultar em leituras que classificam práticas religiosas populares de modo depreciativo. A semiótica, enquanto disciplina voltada ao estudo dos signos e das formas de produção de sentido, oferece uma chave interpretativa relevante para esse fenômeno, sobretudo no que diz respeito à lógica sgnica subjacente às mídias digitais.

A abordagem semiótica torna possível detalhar como imagens e vídeos estruturam processos de significação <sup>35</sup>, especialmente quando analisados pela

---

<sup>35</sup> A fim de uma leitura mais introdutória, ver SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral.

tipologia de Charles Sanders Peirce de ícone, índice e símbolo<sup>36</sup>. Esses três componentes interagem em um processo contínuo denominado semiose, que não é apenas um ato isolado, mas uma cadeia dinâmica e em constante expansão, onde um signo gera sempre outro signo, permitindo que o processo de comunicação seja ilimitado e sempre em evolução<sup>37</sup>. Para Peirce, a semiose não é um fenômeno estático, mas um processo dinâmico e social, no qual o significado se constrói continuamente através da interação entre signos e interpretações.<sup>38</sup> Neste sentido, permitirá mapear como diferentes tipos de relações entre o signo, seu objeto e seu interpretante se manifestam nos conteúdos analisados.

A iconicidade diz respeito à semelhança formal entre o signo e seu objeto; a indexicalidade, por sua vez, refere-se a uma conexão causal ou factual; e a simbolicidade remete a uma convenção cultural estabelecida. Esses três modos de significação coexistem nos memes e se entrelaçam no processo contínuo da semiose, que, segundo Peirce, consiste no "processo em que algo funciona como signo, ao evocar em uma mente um interpretante que se relaciona com o objeto do signo".<sup>39</sup> A semiose não é, portanto, uma operação isolada, mas um fluxo dinâmico e infinito de interpretações, que envolve tanto os aspectos cognitivos quanto os socioculturais da comunicação.

Lucia Santaella contribui para essa discussão ao destacar a relevância da semiótica visual no contexto da cultura digital, apontando que os signos visuais possuem uma plasticidade e uma potência expressiva particularmente adequadas

---

<sup>36</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos; 46). p. 46.

<sup>37</sup> Mas a semiótica peirciana não se restringe apenas ao estudo isolado dos signos, mas se concentra na maneira como eles se articulam para dar origem ao conhecimento e à comunicação.

<sup>38</sup> PEIRCE, 2005, p. 45.

<sup>39</sup> PEIRCE, Charles Sanders. 1931-1935. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VIII. Hartshorne, C. & Weiss, P. (Eds.). Charlottesville: Intelelex Corporation. MA.: Harvard University.

às dinâmicas aceleradas da mídia contemporânea. A imagem digital, em sua maleabilidade técnica, permite não apenas a representação, mas a manipulação e o remix de signos, o que a torna um terreno fértil para a produção de sentidos múltiplos, muitas vezes contraditórios, em um curto espaço de tempo.

No universo dos memes que tematizam o pentecostalismo, observa-se com frequência a apropriação de elementos característicos das práticas religiosas como: a performance corporal, a entonação fervorosa, os gestos intensos e os jargões que contribuem para a construção de conteúdos humorísticos. Tais elementos funcionam inicialmente de forma icônica, já que mimetizam características reconhecíveis do universo pentecostal. Essa mimese, entretanto, não se encerra na semelhança, mas adquire complexidade na medida em que se articula com signos indexicais e simbólicos, produzindo efeitos interpretativos variados.<sup>40</sup>

Começando pelo meme “Pastor Jacinto Manto”<sup>41</sup>, a construção do humor e da crítica se dá pela articulação desses três tipos de signos. A performance do ator Vini Rodrigues<sup>42</sup> funciona ironicamente ao mimetizar gestos, entonações e jargões associados ao estereótipo do pregador pentecostal fervoroso. Essa semelhança (primeiridade peirceana, a qualidade do signo em si) cria a base para o reconhecimento da paródia. Contudo, a força do meme reside na indexicalidade (segundidade, a relação existencial do signo com seu objeto): a aplicação desses comportamentos a situações cotidianas e seculares funciona como um índice que aponta para um suposto exagero ou inadequação atribuída ao grupo parodiado. Peirce define o índice como um signo que se refere ao objeto "em virtude de ser realmente afetado por esse objeto".<sup>43</sup> Aqui, a situação secular "afeta" a

---

<sup>40</sup> SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

<sup>41</sup> Você pode encontrar em: <https://www.youtube.com/watch?v=5g-yAOuH76c>.

<sup>42</sup> Você pode encontrar em: <https://www.youtube.com/watch?v=aF5GPPnfLcI>.

<sup>43</sup> PEIRCE, 2005, p. 46.

performance religiosa, gerando o efeito cômico e a crítica implícita. O plano da expressão (a materialidade do vídeo: figurino, cenário, atuação, edição) é cuidadosamente construído para reforçar esse contraste. A enunciação visual, embora ficcional, simula uma captura do real, e a debreagem espacial e temporal (colocar o pastor em situações não eclesiais) é o motor da sátira. Finalmente, elementos como o nome "Jacinto Manto" e os bordões tornam-se símbolos (terceiridade, a convenção), cristalizando a caricatura e permitindo sua replicação memética. Essa performance, ao ser inserida em contextos seculares ou cotidianos, funciona como índice que ressalta elementos interpretados, por determinados públicos, como exagero ou inadequação em relação a convenções devocionais predominantes. A força do humor reside, portanto, não está somente na imitação, mas na descontextualização e na reconfiguração enunciativa que o meme promove.

Outro campo relevante de análise são os memes envolvendo os chamados "Corinhos de Fogo" que focam na performance coletiva e na expressão musical/corporal. Os elementos visuais e sonoros intensos funcionam iconicamente, representando o fervor atribuído ao culto. Para os fiéis, esses atos podem ser índices da presença divina. No entanto, a lógica memética opera por debreagem enunciativa: ao serem descontextualizados, recortados e reeditados (frequentemente com trilhas sonoras contrastantes ou legendas irônicas), esses atos são ressignificados como índices de descontrole ou exotismo para o olhar externo. O plano da expressão original é manipulado – a intensidade dos movimentos e sons é isolada e repetida em loop, por exemplo. Como aponta Santaella e Nöth sobre a imagem, sua capacidade de condensar qualidades é explorada ao máximo, mas aqui para gerar interpretantes que vão do estranhamento a construção do cômico que tanto é consumido pelo público geral, quanto pelos próprios pentecostais.<sup>44</sup> A enunciação original do culto é apagada e

---

<sup>44</sup> SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 35.

substituída pela enunciação do meme, que frequentemente adota um tom jocoso ou superior. Isso contribui para o processo de "othering" (alterização), posicionando o pentecostalismo como prática cultural distante das normas religiosas hegemônicas. Um exemplo recorrente nas mídias digitais é um vídeo amplamente compartilhado em que um pastor realiza com as mãos o gesto de uma arma de fogo direcionado aos fiéis; em algumas versões meméticas, esse gesto é acompanhado por trilhas sonoras como as do artista MC Poze, conferindo ao conteúdo uma camada de ressignificação humorística e crítica.<sup>45</sup>

Nos últimos anos, o pastor Júnior Trovão se tornou uma figura recorrente em memes e vídeos virais nas redes sociais, especialmente no Instagram e no TikTok. Os memes expõem o seu estilo enérgico, sua oratória intensa e seus gestos performáticos durante as pregações, ele acabou ganhando destaque não apenas no meio religioso, mas também como personagem de humor involuntário na internet, ou seja, assim como outros memes pentecostais, os cortes realizados de seus vídeos transpassaram a bolha "religiosa" e o algoritmo fez com que chegasse a outros públicos. Um dos memes mais populares é o que envolve a expressão "o som da última trombeta".<sup>46</sup> A maneira como o pastor pronuncia essa frase, com voz grave e com ênfase, levou internautas a criarem edições cômicas. Esse tipo de conteúdo contribui para a formação de um subgênero de memes religiosos que articula códigos devocionais e estratégias cômicas, circulando entre públicos heterogêneos.<sup>47</sup> Vemos também em páginas no Instagram como crente aranha, crente Jiraiya, etc. São redes que abrange um número grande views

---

<sup>45</sup> Você pode conferir o vídeo em: <https://www.youtube.com/shorts/OaKCCVstuiK>. O vídeo contém 731 mil visualizações e 17 mil curtidas.

<sup>46</sup> Você pode conferir o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=FESpN3hhR5k>. Somente essa versão de meme tem 112 mil visualizações. Outro meme bastante conhecido é um recorte de sua pregação sobre a famosa frase "segura o bloqueio". Você pode conferir o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=YI37b1LVesg>.

<sup>47</sup> Outro fenômeno é o meme "The King of The Power". Você pode conferir em: <https://www.youtube.com/shorts/o0Wx-mRiAnQ>.

e interações. O fator aqui importante é a quebra de uma “bolha social” que se insere em uma ecologia midiática complexa, que conecta a religião, a cultura digital e o entretenimento de massa.<sup>48</sup>

A semiótica do cômico, nesse contexto, opera como um mecanismo de deslocamento cultural. O sagrado, quando convertido em objeto de singularidade, não apenas perde sua função abrangente, mas é reinscrito em uma nova lógica discursiva, que pode reforçar estereótipos. Esse fenômeno é particularmente sensível quando atinge religiões que já ocupam um lugar social marginalizado. Como observa Eliade, o sagrado não desaparece, ele se transforma, mas essas transformações podem significar tanto reinterpretações quanto esvaziamentos de sentido.<sup>49</sup>

Dessa maneira, a iconização do sagrado pentecostal evidencia riscos de interpretações simplificadas, que podem reduzir a complexidade das práticas analisadas. O humor, quando desloca o sagrado sem compreendê-lo, pode reforçar assimetrias simbólicas entre grupos religiosos. A análise semiótica nos ajuda a entender que por trás da imagem há um sistema de crenças, afetos e pertencimentos que merecem ser lidos com mais profundidade. Como propõe Berger, a religião é um universo simbólico que ordena o mundo e dá sentido à vida e é justamente essa função simbólica, que está em jogo quando o sagrado é transformado em meme.<sup>50</sup>

Em síntese, a análise semiótica à luz de Peirce e Santaella evidencia como os mecanismos de significação são mobilizados, ressignificados e amplificados nas mídias digitais por meio de memes religiosos. Os signos ligados

---

<sup>48</sup> Aqui se refere há como os algoritmos entregam os conteúdos a diversos públicos, não somente a camada cristã da sociedade.

<sup>49</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 11.

<sup>50</sup> BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 27.

ao pentecostalismo, acionados nos modos icônico, indexical e simbólico, passam por deslocamentos enunciativos que, ao ampliarem a visibilidade dessas práticas, também podem favorecer leituras reducionistas ou estigmatizantes. A participação ativa de fiéis nesse circuito midiático indica que os sentidos atribuídos não estão fixados de antemão; eles emergem de negociações e disputas contínuas. Faz-se, portanto, necessária uma abordagem crítica que articule as operações semióticas às condições socioculturais de produção, circulação e recepção desses signos, tanto entre públicos pentecostais quanto entre interlocutores externos.

## CONCLUSÃO

Este artigo buscou lançar luz sobre a complexa rede de significações que envolve os memes de temática pentecostal, a partir de uma perspectiva semiótica fundamentada nos aportes teóricos de Charles Sanders Peirce e nas contribuições de Lucia Santaella para a análise da visualidade e das mídias. Ao explorar os mecanismos de iconicidade, indexicalidade e simbolismo presentes nas representações midiáticas do pentecostalismo, procurou-se compreender como a lógica memética atua na construção e circulação de imagens e discursos que, simultaneamente, visibilizam, ressignificam e, em alguns casos, estigmatizam práticas religiosas.

A proposta não teve a pretensão de esgotar o tema, tampouco oferecer uma análise definitiva sobre a relação entre memes e religião. Pelo contrário, trata-se de uma investigação inicial, que pretende abrir espaço para diálogos interdisciplinares, especialmente entre os campos da semiótica, da comunicação, das ciências da religião e dos estudos culturais. A fluidez dos conteúdos digitais, sua velocidade de difusão e a multiplicidade de interpretações possíveis desafiam abordagens fixas ou totalizantes, exigindo olhares atentos às nuances contextuais,

aos agentes envolvidos e às dinâmicas de recepção.

É relevante observar que as representações analisadas envolvem tanto agentes externos quanto internos ao campo religioso, e que sua leitura pode abarcar diferentes perspectivas, incluindo críticas e ressignificações simbólicas, a depender do contexto de recepção. Observa-se ainda que, em diversos contextos, os próprios membros das comunidades religiosas participam da produção de conteúdos humorísticos, o que demonstra a complexidade das estratégias de representação e o papel ativo desses sujeitos na constituição de repertórios midiáticos.

Conclui-se que a abordagem semiótica contribui de forma significativa para o entendimento dos modos como tradições religiosas, como o pentecostalismo, são representadas, reinterpretadas e negociadas nas plataformas digitais. A mediação dos signos religiosos por meio da linguagem dos memes constitui um campo fértil para a investigação acadêmica, sobretudo por revelar as tensões, negociações e ambivalências que atravessam a interface entre fé, cultura e tecnologia. Esperamos que este artigo contribua para ampliar o debate sobre as formas contemporâneas de expressão religiosa nas mídias digitais e sobre as práticas comunicacionais do universo evangélico brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Carmelo E. Panorama histórico dos pentecostalismos Latino-Americanos e Caribenhos. p. 30. In: *Na força do Espírito: Os pentecostais na América Latina*. GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. (Editores). São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996. p. 30.

ARAUJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo: EDUSP, 1991, p. 119.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 5.

CUNHA, Magali do Nascimento. “A Serviço do Rei”. *Uma Análise dos Discursos Cristãos Midiatizados*. Revista de Estudos da Religião – REVER. PUC – São Paulo, 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário contemporâneo evangélico*. Rio de Janeiro: Mauad; Instituto Mysterium, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. A vida e a missão da Igreja Metodista (1987-1997): uma tentativa de avaliação. In: CASTRO, Clóvis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento (orgs.). *Forjando uma nova Igreja: dons e ministérios em debate*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001.

CUNHA, Magali do Nascimento. *O crescimento do marketing evangélico no Brasil – resultado da inserção da doutrina neoliberal no discurso religioso das igrejas evangélicas*. Comunicação & Política, Rio de Janeiro: Cebela, n.s., v. VI, n. 2 e 3, abr.-ago. 1999, p. 63-133.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOLLENWEGER, W. J. *The Pentecostals: the charismatic movement in the Churches*. Minneapolis : Augsburg Publishing House, 1972.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

NICHOL, John T. *Pentecostalism*. New York: Harper & Row, 1966.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos; 46).

PEIRCE, Charles Sanders. 1931-1935. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VIII. Hartshorne, C. & Weiss, P. (Eds.). Charlottesville: Intelix Corporation. MA.: Harvard University.

POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 24, Jan. Abs. 2011.

BITTUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidade no Campo Religioso Neopentecosta*. São Paulo, 2007. Tese de Doutorado Pontifícia Universidade de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3801/1/RICARDO%20BITUN.pdf>. Acessado em: 25.06.2025. p. 25

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 1985.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SOARES, Esequias. *O Pentecostalismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado, Unicamp, 1993.

## TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CULTO PENTECOSTAL: ACEITAÇÃO, DESAFIOS E PERCEPÇÕES DE FIÉIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Jean Clemisson Santos Rosa<sup>51</sup>  
Guilherme Inácio Santos Paes<sup>52</sup>  
Adriana Lopes Damian<sup>53</sup>  
Isabela Lefol Arruda<sup>54</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta a exploração acerca do uso de tecnologias digitais durante os cultos em igrejas da Assembleia de Deus, analisando a aceitação, os desafios e as percepções dos fiéis. Com base em dados coletados por meio de questionários respondidos por membros brasileiros da denominação ( $n=48$ ), identificou-se as principais ferramentas digitais utilizadas por igrejas e indivíduos, os objetivos que norteiam seu uso, as experiências (positivas e negativas) vivenciadas e a dinâmica de incentivo ou desencorajamento da liderança. O estudo revela uma complexa interação entre a tradição pentecostal e a inovação tecnológica, apontando para uma crescente, embora por vezes ambivalente, integração do digital na liturgia e na experiência de culto.

**Palavras-chave:** Tecnologias Digitais; Culto; Experiência Religiosa; Tecno-espiritualidade; Interação Humano-Computador.

### ABSTRACT

---

<sup>51</sup> Doutor e Mestre em Ciência da Computação (Universidade Federal da Bahia). Professor do Centro Universitário Maurício de Nassau de Aracaju. Email: jclemisson@live.com

<sup>52</sup> Estudante de Bacharelado em Ciência da Computação (Universidade Federal de Sergipe). Email: guinacio@academico.ufs.br

<sup>53</sup> Doutora e Mestre em Informática (Universidade Federal do Amazonas). Email: adriana.damian@eldorado.org.br

<sup>54</sup> Mestre em Comunicação (Universidade Federal de Goiás). Email: isabelalefol@gmail.com

This article explores the use of digital technologies during worship services in churches affiliated with the Assemblies of God denomination, analyzing the acceptance, challenges, and perceptions of congregants. Based on data collected through questionnaires completed by Brazilian members of the denomination (n=48), we identified the main digital tools adopted by churches and individuals, the motivations guiding their use, the (positive and negative) experiences reported, and the dynamics of encouragement or discouragement by church leadership. The study reveals a complex interplay between pentecostal tradition and technological innovation, pointing to a growing—albeit sometimes ambivalent—integration of digital media into liturgy and worship experiences.

**Keyword:** Digital technologies; workshop services; religious experience; techno-spirituality; human-computer interaction

## INTRODUÇÃO

A pervasividade das tecnologias digitais na vida contemporânea tem transformado profundamente as esferas social, econômica e cultural (NERIS *et al.*, 2024)<sup>55</sup>. A dimensão da espiritualidade e da religiosidade não estão imunes a essa influência (Bell, 2006)<sup>56</sup>, com igrejas e fiéis explorando e adaptando ferramentas digitais em suas práticas e vivências de fé (ROSA e DAMIAN, 2024)<sup>57</sup>. Assim como outras dimensões da vida humana, espiritualidade pode influenciar a adoção e o uso de tecnologias digitais em todo o mundo (NERIS *et al.*, 2024).

---

<sup>55</sup> Neris, V. P. A., Rosa, J. C. S., Maciel, C., Pereira, V. C., Galvão, V. F., & Arruda, I. L. (2024). GranDIHC-BR 2025-2035 - GC4: Sociocultural Aspects in Human-Computer Interaction. Proceedings of the XXIII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems, 1, 1–14. <https://doi.org/10.1145/3702038.3702057>

<sup>56</sup> Bell, G. (2006). No More SMS from Jesus: UbiComp, Religion and Techno-spiritual Practices. UbiComp'06 Proceedings of the 8th International Conference on Ubiquitous Computing, 4206, 141–158. [https://doi.org/10.1007/11853565\\_9](https://doi.org/10.1007/11853565_9)

<sup>57</sup> Rosa, J. C. S., & Damian, A. L. (2024). Exploring Digital Technology Adoption among Brazilian Evangelicals: A Survey and Research Agenda. Journal on Interactive Systems, 15(1), 79–91. <https://doi.org/10.5753/jis.2024.3035>

De acordo com Wyche (2008)<sup>58</sup>, a religião afeta a utilidade e a adoção de algumas tecnologias digitais. Consequentemente, a adoção e o uso de tecnologias digitais implicam novas formas de aprender e praticar a fé. A busca e o estímulo à inovação podem, muitas vezes, contradizer os desejos e as necessidades de potenciais usuários de tecnologias digitais. Pode ser que os humanos não desejem intervenções tecnológicas em alguns aspectos da vida. Um exemplo disso pode ser a prática religiosa, conforme relatado pela autora.

No entanto, o uso de tecnologias digitais por evangélicos nem sempre foi bem visto por líderes evangélicos. Exemplos disso são as proibições de televisão, internet, filmes ou outras mídias digitais pela Igreja Assembleia de Deus (ROIZ e FONSECA, 2009; SANTANA 2013)<sup>5960</sup>. Notadamente, no contexto brasileiro, na Igreja Assembleia de Deus e em outras igrejas, observa-se um movimento dinâmico entre a manutenção de tradições e a abertura para inovações que podem auxiliar na propagação da mensagem e na facilitação da participação (ROSA *et al.*, 2024).

Daí, surgem algumas perguntas: (i) Quais são as tecnologias digitais utilizadas pelos assembleianos nos cultos no Brasil? (ii) Quais são as principais percepções desses assembleianos sobre as tecnologias digitais utilizadas durante os cultos? Para responder a essas perguntas, este artigo apresenta uma análise do uso de tecnologias digitais especificamente durante os cultos, investigando a aceitação, os desafios e as percepções de 50 fiéis da Assembleia de Deus. Busca-se compreender como essa comunidade pentecostal incorpora essas

---

<sup>58</sup> Wyche, S. (2008). Church Share: Investigating Technology Use and Adoption Among Culturally Different Religious Groups. (Thesis) Georgia Institute of Technology.

<sup>59</sup> Roiz, D. S., & Fonseca, André. D. (2009). *As representações da Igreja Assembléia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000*. Revista Brasileira de História Das Religiões, 2(4), 185–205. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v2i4.26731>

<sup>60</sup> Santana, L. G. (2013). “CAIXA DO DIABO”: representações construídas pela Assembleia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960 - 2000). (Dissertação) Universidade Estadual de Feira de Santana.

ferramentas, quais os propósitos que orientam esse uso e as implicações para a experiência religiosa presencial.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo se insere no campo interdisciplinar que investiga as relações entre espiritualidade e artefatos computacionais interativos, focalizando particularmente no pentecostalismo brasileiro e no uso de tecnologias digitais no contexto do culto. Para tanto, o arcabouço teórico será construído a partir de três pilares fundamentais: a Teologia Pentecostal, que fornece a base doutrinária e experiencial; a Sociologia e Antropologia da Religião, que oferecem lentes para compreender as dinâmicas sociais e culturais da fé; e a Interação Humano-Computador, que abordam as transformações impostas pelas tecnologias digitais.

### 1.1. *Teologia Pentecostal*

Para compreender as percepções e práticas dos fiéis da Assembleia de Deus no que se refere ao uso das tecnologias digitais no ambiente de culto, é importante situar o debate dentro da própria Teologia Pentecostal. Esta vertente cristã-teológica, emergente no início do século XX, distingue-se por uma série de pilares doutrinários que moldam profundamente sua experiência de fé e suas manifestações no culto (SIQUEIRA, 2018)<sup>61</sup>.

Um dos fundamentos mais distintivos do pentecostalismo é sua ênfase na experiência pessoal e direta com o Espírito Santo. Diferentemente de outras tradições cristãs, o pentecostalismo valoriza a manifestação dos dons espirituais – como a glossolalia (falar em línguas), profecias, curas divinas e milagres – como evidências da presença e atuação do Espírito na vida do crente e na comunidade

---

<sup>61</sup> Siqueira, G. F. (2018). *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*. CPAD.

(SIQUEIRA, 2018). O culto pentecostal, portanto, não é meramente um ritual a ser observado, mas um espaço dinâmico de encontro e vivência sobrenatural. A liturgia é frequentemente caracterizada por liberdade de expressão, fervor e uma expectativa constante pela intervenção divina (SMITH, 2020)<sup>62</sup>.

A centralidade do culto de adoração como momento de louvor, oração e pregação da Palavra de Deus é inegável no pentecostalismo. É nesse contexto que a resposta congregacional – seja através de “améns”, “aleluias”, “glórias”, palmas (em algumas congregações, pois é sabido que há líderes que não permitem palmas durante o culto) ou a manifestação dos dons – se torna uma parte intrínseca da dinâmica litúrgica (GOMES e PALHARES, 2021; DIAS e SILVA, 2010)<sup>63</sup>. A palavra pregada é vista como viva e eficaz, e a música tem o papel de preparar o ambiente para a manifestação espiritual.

Nesse cenário, a introdução de tecnologias digitais levanta questões pertinentes: como o uso de telões para letras de louvores ou versículos bíblicos, e até mesmo a presença de smartphones nas mãos dos fiéis, interagem com essa busca por uma experiência autêntica e focada no Espírito? Será que a tecnologia, ao facilitar o acesso a textos e cânticos, potencializa a adoração ou, inversamente, pode desviar a atenção da imersão espiritual e da interação comunitária?

Além da experiência, o pentecostalismo é marcado por um forte impulso evangelístico e missionário. A “Grande Comissão” (Mateus 28:19-20) é interpretada não apenas como um mandamento, mas como um chamado urgente à propagação do Evangelho (SIQUEIRA, 2018). Nesse sentido, as tecnologias

---

<sup>62</sup> Smith, J. K. A. (2020). *Pensando em Línguas*: contribuições pentecostais para a filosofia cristã. Thomas Nelson Brasil.

<sup>63</sup> cf. Gomes, S. A., & Palhares, R. H. (2021). Igreja Assembleia de Deus: uma abordagem etnográfica de um culto protestante em Pirapora-MG, Brasil. *Revista Tocantinense de Geografia*, 10(20).  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia> e Dias, J. C. T., & Silva, E. C. da. (2010). Uma Pregação Pentecostal. *Ciências Da Religião - História e Sociedade*, 8(1).

digitais são frequentemente vistas como ferramentas valiosas para cumprir o “Ide” missionário (MEDEIRO *et al.*, 2022)<sup>64</sup>. A transmissão de cultos ao vivo, a divulgação de conteúdos em redes sociais e o uso de aplicativos para evangelismo digital se alinham a essa vocação missionária, permitindo que a mensagem cristã alcance um público mais amplo e diversificado.

### ***1.2. Mediação Tecnológica da Experiência Espiritual: Interfaces com a IHC, Tecnoespiritualidade e Pós-Fenomenologia***

A Interação Humano-Computador (IHC) é uma área de estudo que, embora situada originalmente na Ciência da Computação, desenvolve-se de forma profundamente interdisciplinar. Seus esforços vão além de aspectos técnicos, buscando compreender como as pessoas projetam e usam artefatos computacionais interativos e os fenômenos relacionados a essa relação (ACM, 1992)<sup>65</sup>. Para isso, a IHC dialoga com saberes das Ciências Sociais, Psicologia, Educação, Antropologia, Semiótica e outras áreas, incluindo estudos que abordam a espiritualidade e a religiosidade (DE SOUZA *et al.*, 2003)<sup>66</sup>. Tal perspectiva permite investigar como diferentes comunidades — como aquelas ligadas à fé e às práticas religiosas — se apropriam de tecnologias digitais em suas experiências cotidianas (NERIS *et al.*, 2024).

As boas experiências relatadas pelos fiéis, como a agilidade em encontrar um versículo ou a praticidade de um *autoplay*, demonstram uma usabilidade eficaz que facilita a participação. Por outro lado, as experiências negativas, como a bateria descarregando ou a dificuldade em destravar um celular

---

<sup>64</sup> Medeiros, F. F., Souza, A. R. de, Silva, A. A. da Sbardelotto, M., & Gomes, V. B. (2022). *Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores?* RuMoRes, 16(31), 230–252. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200401>

<sup>65</sup> ACM. (1992). ACM SIGCHI Curricula for Human Computer Interaction (Vol. 1). <http://www2.parc.com/istl/groups/uir/publications/items/UIR-1992-11-ACM.pdf>

<sup>66</sup> DE SOUZA, C. S., Carmelita, M., & Dias, P. (2003). Interdisciplinaridade e Fragmentação Científica em IHC. In A. M. Nicolaci-da-Costa & J. C. Leite (Eds.), Congresso Latino-Americano de Interação Humano-Computador (pp. 3–4).

para um *playback*, apontam para falhas na interação que podem quebrar a imersão no culto (ROSA e DAMIAN, 2024). A IHC, portanto, oferece lentes para entender como o design e a funcionalidade das tecnologias digitais podem tanto apoiar quanto prejudicar a experiência espiritual, ditando a fluidez da conexão entre o indivíduo, a tecnologia e o sagrado. A qualidade da interação (humano-computador) pode ser um fator determinante para que a tecnologia se torne uma extensão transparente da prática espiritual, em vez de um obstáculo.

Nesse sentido, o conceito de tecno-espiritualidade surge para descrever a confluência crescente entre o desenvolvimento tecnológico e a busca humana por significado, propósito e conexão com o transcendente (BELL, 2006). Não se trata apenas do uso de tecnologias para fins espirituais preexistentes, mas da própria formação de novas experiências e compreensões do espiritual mediadas pelo digital.

As transmissões de culto via *live streaming*, por exemplo, não são meras reproduções de um evento presencial; elas criam um novo espaço para a “copresença” digital, onde o fiel, mesmo distante fisicamente, pode sentir-se parte da comunidade e da adoração. As plataformas digitais, como redes sociais, transformam-se em extensões do espaço de comunhão e evangelização, permitindo “*alcançar/ajudar alguém que precisa mesmo estando distante*” ou servindo como “*vestígio de que a igreja do Senhor esteve na terra mais foi arrebatada*”, como um dos participantes desta pesquisa descreveu, evidenciando uma visão escatológica mediada pela tecnologia. A tecnoespiritualidade nos convida a questionar se o “sagrado” pode ser experimentado e compartilhado em ambientes digitais, e como a imersão em “conteúdos cristãos” online se integra à vivência da fé.

Sob essa perspectiva, a pós-fenomenologia de Peter-Paul Verbeek (2005)<sup>67</sup> sobre a tecnologia é central para entender como as tecnologias digitais

---

<sup>67</sup> Verbeek, P.-P. (2005). *What Things Do*. The Pennsylvania State University Press.

moldam a experiência espiritual. Para o autor, elas não são ferramentas neutras, mas agentes ativos que “co-moldam” a existência humana e o mundo (VERBEEK, 2005). Isso significa que elas participam ativamente na construção das nossas experiências, inclusive no âmbito espiritual.

A partir dessas abordagens teóricas, que nos permitem compreender a tecnologia não apenas como ferramenta, mas como um elemento intrínseco na (re)configuração das práticas e experiências espirituais, a próxima seção detalhará o percurso metodológico adotado para investigar a interação entre as tecnologias digitais e o culto na Igreja Assembleia de Deus.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem de pesquisa quantitativa e qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. O objetivo principal foi compreender as percepções, usos, aceitação e desafios relacionados à integração de tecnologias digitais no cotidiano espiritual e, especificamente, durante os cultos na Igreja Assembleia de Deus. A metodologia foi desenvolvida em duas fases principais: coleta de dados e análise de dados.

### ***2.1. Procedimentos de Coleta de Dados***

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online estruturado, aplicado a membros da Igreja Assembleia de Deus. A escolha do formato online visou facilitar o alcance de um público geograficamente disperso, em consonância com a natureza digital do tema investigado. O questionário foi composto por 36 questões, abrangendo diferentes tipologias: questões demográficas, questões de múltipla escolha, questões abertas e questões de escala. O questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ambos em Português e em Inglês, estão disponível abertamente no link: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/KAUN3>

A amostra de conveniência foi composta por 48 participantes, todos identificados como fiéis da Igreja Assembleia de Deus. Embora a coleta tenha sido voluntária e anônima, os dados demográficos revelam uma diversidade de perfis. Antes do preenchimento do questionário, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário e anônimo de sua participação e o uso exclusivo dos dados para fins científicos, garantindo a privacidade e a confidencialidade das informações, conforme preceitos éticos em pesquisas com seres humanos. O consentimento foi obtido de forma explícita na primeira pergunta do formulário.

## **2.2. Procedimentos de Análise de Dados**

A análise dos dados seguiu uma abordagem mista, combinando técnicas quantitativas e qualitativas para extrair o máximo de conhecimento das informações coletadas.

As respostas de múltipla escolha e as informações demográficas foram tabuladas e analisadas estatisticamente de forma descritiva (frequências absolutas e relativas). Isso permitiu identificar o perfil dos participantes, a prevalência de uso de determinadas tecnologias e a distribuição de respostas sobre incentivo/desencorajamento, por exemplo. Gráficos e tabelas (não apresentados nesta seção, mas que são parte da seção de resultados) foram utilizados para visualização dos dados agregados.

Por sua vez, a análise das respostas às perguntas abertas foi realizada utilizando a Análise Temática (AT), conforme proposto por Braun e Clarke (2006)<sup>68</sup>. Esta abordagem é flexível e rigorosa, permitindo a identificação, análise e relato de temas significativos nos dados qualitativos, sem estar atrelada a uma estrutura teórica predefinida, o que a torna adequada para uma pesquisa exploratória e descritiva como a presente.

---

<sup>68</sup> Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

O processo de Análise Temática seguiu as seis fases recomendadas por Braun e Clarke (2006). Primeiramente, os pesquisadores buscaram familiarizar-se profundamente com os relatos, lendo atentamente as respostas abertas sobre o uso da tecnologia nos cultos, com atenção às percepções e experiências espirituais relatadas.

Em seguida, foram identificadas expressões significativas nos relatos, agrupando-as por similaridade e sentido. Esse processo resultou na criação de códigos que refletiam práticas, desafios e sentidos atribuídos à presença de tecnologias no culto, como por exemplo, o uso do celular para louvores ou ofertas digitais, bem como preocupações com distrações ou dificuldades técnicas.

Esses códigos foram organizados em temas mais amplos, os quais revelam dimensões relevantes da experiência dos fiéis. Após revisão e refinamento, foram definidos quatro grandes temas que estruturam os resultados: (i) praticidade e suporte ao culto, (ii) a distração como desafio, (iii) experiências institucionais e pessoais e (iv) ambivalência da liderança diante da tecnologia.

Por fim, os resultados serão apresentados na próxima seção com base nesses temas, ilustrados por falas diretas dos participantes. O objetivo foi manter a integridade das vozes dos fiéis e aprofundar a compreensão sobre como práticas espirituais contemporâneas, especialmente em contextos pentecostais, estão sendo moldadas — e tensionadas — pela presença de tecnologias digitais.

### **3. RESULTADOS**

Representantes de diversas cidades e estados brasileiros (Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraíba, Goiás, Bahia, Ceará, Amazonas e Alagoas), indicando uma abrangência nacional da percepção; 29 homens (~60%) e 19 mulheres (~40%); predominância de jovens adultos, com a maioria entre 21 e 39 anos; variedade de níveis escolares, do Ensino Fundamental

Incompleto ao Ensino Superior Completo, permitindo inferir diferentes níveis de familiaridade com o ambiente digital; abrangendo desde "membros" a indivíduos com cargos de liderança ou ministério, como pastores, presbíteros, diáconos, músicos, líderes de departamentos e professores da Escola Bíblica Dominical (EBD)

A análise das percepções dos fiéis da Igreja Assembleia de Deus sobre o uso de tecnologias digitais durante os cultos revela uma interação complexa e multifacetada. Com base nas respostas diretas dos participantes, emergiram temas centrais que iluminam tanto os benefícios quanto os desafios dessa integração, evidenciando as dinâmicas institucionais e pessoais envolvidas, que são descritas nas subseções a seguir.

### **3.1. Praticidade e Suporte ao Culto**

As tecnologias digitais são amplamente percebidas como um suporte valioso que otimiza a experiência do culto e a participação dos fiéis. A praticidade é um ponto recorrente, especialmente no acesso facilitado à Bíblia e aos hinários, que historicamente foram elementos centrais na prática pentecostal. Participantes destacam a agilidade em encontrar versículos e acompanhar os cânticos. Uma fiel relatou: “*não tenho harpa cristã física, posso usar a digital para acompanhar o hino*” (P15, 19 anos). Outra enfatiza: “*ajuda auxiliando quem [...] louvando, vendo as letras da música*” (P20, 26 anos). Essa conveniência é particularmente relevante para novos convertidos ou para quem não tem a versão impressa: “*Para as pessoas que não tem bíblia como novos convertidos o telão onde passa os versículos no momento da leitura da palavra talvez seja o mais próximo que ele chegue da Bíblia antes de ter alguma, serve para que todos cantem juntos no momento do louvor*” (P2, 24 anos).

Para os envolvidos com ministérios, a tecnologia é um auxílio instrumental. Músicos, por exemplo, utilizam-na para afinar instrumentos, acessar cifras, playbacks ou pads, o que agiliza e melhora a performance musical: “[...]”

para afinar o instrumento, ver a letra e cifra das músicas, escrever a sequência dos louvores, colocar o “pad”, playback...” (P5, 24 anos). A capacidade de projetar conteúdos também é vista como um ganho significativo: “auxilia nos estudos” (P8, 39 anos).

### **3.2. A Distração como Desafio**

Apesar dos benefícios, a distração é o desafio mais proeminente e unanimemente reconhecido pelos fiéis. O uso do smartphone para fins não-espirituais durante o culto emerge como a principal fonte de preocupação, comprometendo o foco na adoração e na pregação. As experiências negativas frequentemente orbitam em torno da perda de concentração, tanto do próprio usuário quanto das pessoas ao redor. “Precisa vigiar pra não perder o foco do culto”, alerta uma participante (P6, 39 anos). Outro fiel expressa: “O uso de smartphones durante os cultos atrapalha, tanto a pessoa que usa quanto os que estão em volta” (P4, 32 anos). A observação de outras pessoas “desatentas ao culto” também gera tristeza: “percebo algumas pessoas desatentas ao culto, o que me entristece bastante, mas procuro não focar nos outros, já que a adoração é individual” (P15, 19 anos).

Além da distração, problemas técnicos como bateria descarregada ou dificuldades de conexão são citados como empecilhos, quebrando a fluidez da experiência: “às vezes a bateria descarrega quando precisa” (P16, 43 anos). A imprevisibilidade de conteúdos em plataformas como o YouTube também é um risco: “[...]pelo Youtube não conseguimos controlar o que vem de lá e às vezes músicas seculares são tocadas nas propagandas, antes de começar o que se foi buscado” (P24, 36 anos).

### **3.3. Experiências Institucionais e Pessoais**

As experiências dos fiéis com a tecnologia no culto podem ser divididas entre as institucionais, promovidas pela própria igreja, e as pessoais, que partem da iniciativa individual.

No âmbito institucional, as igrejas da Assembleia de Deus utilizam tecnologias como telões ( $n=5$ ), computadores ( $n=32$ ) e câmeras ( $n=4$ ) para fins organizacionais e de alcance. A pandemia de COVID-19, em particular, impulsionou a adoção de transmissões online como uma estratégia para manter a comunhão e o evangelismo, revelando o potencial de alcançar um público mais vasto: “[cultos] foram feitos através de lives” (P6, 39 anos). A percepção é que essa estratégia “[...] ajudou a aproximar as pessoas que não podiam ir aos cultos” (P28, 32 anos).

No nível pessoal, o smartphone é o principal dispositivo, usado para múltiplos propósitos. A comunicação emerge como uma função primordial, seja para o trabalho ou para contatos familiares distantes, mesmo durante o culto. Além disso, a tecnologia serve como um meio para o estudo e aprofundamento da fé: “uso mais o celular para falar com meus pais que moram distante, ouvir música e estudar” (P2, 24 anos). A dicotomia entre o uso facilitador e o uso distrativo, como visto anteriormente, marca fortemente a experiência pessoal. Enquanto o uso da Bíblia digital é elogiado, a liberdade de acesso a outras aplicações no mesmo dispositivo representa um dilema para os fiéis.

### **3.4. *Ambivalência da Liderança***

A postura da liderança de Assembleias de Deus em relação ao uso de tecnologias digitais no culto é marcada por uma ambivalência notável. Há um claro incentivo quando a tecnologia serve aos propósitos institucionais e missionários da igreja, mas também um desencorajamento em relação ao uso pessoal que possa comprometer a atenção e a reverência.

O incentivo é percebido na aquisição de equipamentos e na formação de departamentos de mídia, visando aprimorar a experiência coletiva e expandir o alcance da mensagem. “Os equipamentos e o departamento de mídia que temos na igreja” (P2, 24 anos) são citados como fatores de incentivo. A divulgação do evangelho por meio das redes sociais é um motivador explícito: “Pois as pessoas

*podem divulgar nas suas redes sociais e assim o nome do Jesus Cristo é anunciado no Brasil e no mundo”* (P18, 31 anos).

Por outro lado, o desencorajamento frequentemente surge da preocupação com a distração. Há uma crença de que o uso do smartphone no culto não é o “*não é o momento oportuno (na igreja é momento de cultuar)*” (P3, 39 anos) e que “prejudica” a concentração. Alguns líderes “*chamam a atenção*” (P20, 45 anos) ou há “*constrangimento do uso*” (P33, 28 anos). Um participante relata: “*No meio Pentecostal alegam que prejudica*” (P8, 39 anos). Curiosamente, a percepção de “talvez” ou “nenhuma das respostas” quanto ao incentivo/desencorajamento (14 menções) sugere que, em muitas congregações, não há uma diretriz formal ou explícita sobre o assunto, deixando a interpretação a cargo de líderes e membros individuais.

Em síntese, a liderança parece abraçar a tecnologia como um recurso estratégico para o avanço da igreja e aprimoramento da liturgia, mas mantém uma postura cautelosa e, por vezes, restritiva, quando percebe que a ferramenta pode desviar o foco da experiência espiritual individual no ambiente sagrado do culto.

#### **4. DISCUSSÃO**

A análise dos temas emergentes da AT, em conjunto com a fundamentação teórica em IHC, tecno-espiritualidade e pós-fenomenologia da tecnologia, revela um contexto complexo, rico e profundo de interações entre os participantes e as tecnologias digitais na composição do culto. Longe de serem meras ferramentas neutras, as tecnologias atuam como mediadoras ativas, co-moldando as percepções, práticas e o próprio ambiente espiritual, conforme a perspectiva de Verbeek (2005).

O tema da “Praticidade e Suporte ao Culto” ilustra a face mais imediatamente aceita da mediação tecnológica. Telões e smartphones se tornam extensões da percepção e da ação dos fiéis e líderes. A capacidade de projetar

letras de louvores ou versículos bíblicos elimina barreiras de acesso e padroniza a participação, ao passo que aplicativos de Bíblia e hinários digitais no celular oferecem uma agilidade e conveniência sem precedentes. Essa funcionalidade intrínseca à IHC facilita a imersão nos conteúdos sagrados, permitindo que o fiel se concentre na mensagem ou no louvor, em vez de folhear um livro físico. A tecnologia, aqui, age como um facilitador transparente, tornando-se quase imperceptível em sua função de apoio.

Contudo, a transparência não é absoluta e a mediação tecnológica pode, paradoxalmente, gerar atritos, como evidenciado pelo tema “A Distração como Desafio” constante. As experiências negativas dos participantes sublinham que o mesmo smartphone que oferece a Bíblia digital é um ponto para a distração inerente às redes sociais e comunicações cotidianas. Essa tensão reflete a perspectiva de Verbeek (2005) sobre as prescrições morais embutidas nas tecnologias. O celular, ao mesmo tempo em que prescreve o acesso ao conteúdo religioso, também “convida” à navegação em outros aplicativos, desafiando a reverência e o foco no espaço sagrado do culto. A “perda de foco” e a “interrupção da experiência coletiva” não são meros desvios individuais; são consequências da mediação tecnológica que reconfigura a atenção e a presença dos fiéis.

As “Experiências Institucionais e Pessoais” demonstram a dualidade no propósito da mediação tecnológica. Institucionalmente, igrejas Assembleia de Deus abraçam a tecnologia para expandir seu alcance e cumprir o “Ide” missionário, fundamental na Teologia Pentecostal (SIQUEIRA, 2018). As *lives streaming* e a presença em redes sociais, intensificadas durante a pandemia de COVID-19, exemplificam a tecno-espiritualidade, onde novas formas de experiência religiosa são forjadas através do digital. Essa “copresença” digital permite que a igreja transcenda as barreiras físicas, tornando a mensagem acessível globalmente e criando um “vestígio” digital da fé. Do ponto de vista

peçoal, o smartphone se torna um centro de múltiplas funcionalidades, desde a leitura bíblica até a comunicação familiar, evidenciando como a tecnologia se integra de forma holística à vida do fiel, inclusive em seu aspecto espiritual.

Por fim, a “Ambivalência da Liderança” diante da tecnologia encapsula as complexas negociações que as Assembleias de Deus enfrentam. Há um claro incentivo à tecnologia quando ela se alinha aos objetivos estratégicos da igreja (evangelismo, organização, aprimoramento litúrgico institucional), o que pode ser visto como uma instrumentalização benéfica da tecnologia para fins divinos. Contudo, há um notável desencorajamento e preocupação quando o uso pessoal das tecnologias ameaça a sacralidade, a reverência e a atenção dos fiéis no ambiente do culto. Verbeek (2005) argumentaria que a liderança tenta impor um “script” moral que prioriza a imersão no ato de culto sobre a conectividade digital. A ausência de diretrizes explícitas em muitas congregações sugere uma fase de adaptação e debate interno sobre a ética do uso da tecnologia, refletindo a tensão entre a abertura pentecostal à inovação e a preservação da experiência espiritual tradicional e da comunhão congregacional.

Em suma, esta discussão demonstra que as tecnologias digitais no culto assembleiano são forças ativas que redefinem não apenas a praticidade das atividades, mas também a natureza da presença, os desafios à atenção e as dinâmicas de poder e moralidade dentro da comunidade de fé. As tecnologias não são meros suportes, mas construtoras ativas de uma experiência religiosa em constante evolução.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo buscou explorar a complexa relação entre fiéis da Assembleia de Deus e as tecnologias digitais no contexto do culto, revelando um contexto complexo, rico e profundo de interações mediadas pelo digital que moldam a experiência espiritual pentecostal. Os resultados da análise evidenciaram que as

tecnologias são amplamente valorizadas pela sua praticidade e suporte ao culto, facilitando o acesso à Palavra e ao louvor e otimizando as atividades ministeriais. Contudo, a distração emerge como um desafio significativo, levantando questões sobre o foco na adoração e a natureza da presença no espaço sagrado. A análise também revelou a ambivalência da liderança diante da tecnologia, que oscila entre o incentivo estratégico para o alcance e a divulgação do evangelho, e o desencorajamento de usos que possam desviar a atenção individual da liturgia. A teologia pentecostal, com sua ênfase na experiência e no “Ide” missionário, encontra na tecnologia um potente aliado, mas também um elemento que demanda discernimento contínuo para evitar a superficialização e datificação da fé e a perda da comunhão genuína. Para trabalhos futuros, sugere-se a realização de estudos com metodologias mistas mais abrangentes, incluindo observação participante e entrevistas aprofundadas, a fim de explorar as nuances da experiência digital em diferentes contextos pentecostais e aprofundar a compreensão sobre a formação de diretrizes e a “teologia digital” emergente nessas comunidades.

## REFERÊNCIAS

- ACM. (1992). *ACM SIGCHI Curricula for Human Computer Interaction* (Vol. 1). <http://www2.parc.com/istl/groups/uir/publications/items/UIR-1992-11-ACM.pdf>
- BELL, G. (2006). No More SMS from Jesus: Ubicomp, Religion and Techno-spiritual Practices. *UbiComp'06 Proceedings of the 8th International Conference on Ubiquitous Computing*, 4206, 141–158. [https://doi.org/10.1007/11853565\\_9](https://doi.org/10.1007/11853565_9)
- BRAUN, V.; CLARKE, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

de Souza, C. S., Carmelita, M., & Dias, P. (2003). Interdisciplinaridade e Fragmentação Científica em IHC. In A. M. Nicolaci-da-Costa & J. C. Leite (Eds.), *Congresso Latino-Americano de Interação Humano-Computador* (pp. 3–4).

DIAS, J. C. T.; SILVA, E. C. da. (2010). Uma Pregação Pentecostal. *Ciências Da Religião - História e Sociedade*, 8(1).

GOMES, S. A.; PALHARES, R. H. (2021). Igreja Assembleia de Deus: uma abordagem etnográfica de um culto protestante em Pirapora-MG, Brasil. *Revista Tocantinense de Geografia*, 10(20).

MEDEIROS, F. F., SOUZA, A. R. de; SILVA, A. A. da; SBARDELOTTO, M.; GOMES, V. B. (2022). Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores? *RuMoRes*, 16(31), 230–252. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200401>

NERIS, V. P. A. *et al.* (2024). GrandIHC-BR 2025-2035 - GC4: Sociocultural Aspects in Human-Computer Interaction. *Proceedings of the XXIII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*, 1, 1–14. <https://doi.org/10.1145/3702038.3702057>

ROIZ, D. S.; FONSECA, André. D. (2009). As representações da Igreja Assembléia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. *Revista Brasileira de História Das Religiões*, 2(4), 185–205. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v2i4.26731>

ROSA, J. C. S.; DAMIAN, A. L. (2024). Exploring Digital Technology Adoption among Brazilian Evangelicals: A Survey and Research Agenda. *Journal on Interactive Systems*, 15(1), 79–91. <https://doi.org/10.5753/jis.2024.3035>

SANTANA, L. G. (2013). *“Caixa do diabo”*: representações construídas pela Assembleia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960 - 2000). (Dissertação) Universidade Estadual de Feira de Santana.

SIQUEIRA, G. F. *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*.

Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SMITH, J. K. A. *Pensando em Línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.

VERBEEK, P.-P. (2005). *What Things Do*. The Pennsylvania State University Press.

WYCHE, S. (2008). *Church Share: Investigating Technology Use and Adoption Among Culturally Different Religious Groups*. (Thesis) Georgia Institute of Technology.

## A LITURGIA PENTECOSTAL EM REDE: DESAFIOS SACRAMENTAIS E PRESENÇA DO ESPÍRITO EM TEMPOS DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Brayan de Souza Lages<sup>69</sup>

### RESUMO

O artigo analisa a liturgia pentecostal em ambientes digitais, enfocando os desafios sacramentais e a presença do Espírito em tempos de mediação tecnológica. A partir de uma perspectiva teológico-pentecostal, discute-se a natureza comunitária e corporal do culto, os impactos da virtualização sobre os ritos e a adaptação das práticas litúrgicas à cultura digital. A pregação, o louvor, a ceia do Senhor, a oração, a unção e a imposição de mãos são reinterpretados como mediações possíveis da graça, ainda que marcadas por ambiguidades. A liturgia digital é compreendida como espaço de missão, testemunho profético e interatividade carismática, desafiando a Igreja a habitar as redes com discernimento espiritual e fidelidade bíblica.

**Palavras-chave:** pentecostalismo; mediação; sacramentalidade; culto online; presença do Espírito.

### ABSTRACT

This article analyzes Pentecostal liturgy in digital environments, focusing on sacramental challenges and the presence of the Holy Spirit amid technological mediation. From a Pentecostal theological perspective, it explores the communal and embodied nature of worship, the impacts of virtualization on liturgical practices, and the adaptation of worship elements to the digital culture. Preaching, praise, the Lord's Supper, prayer, anointing, and the laying on of hands are reinterpreted as possible mediations of grace, though marked by certain ambiguities. Digital liturgy is understood as a space for mission, prophetic

---

<sup>69</sup> Doutor em Teologia PUC-RIO, Mestre em Ciências da Religião FUV-ES, Graduado em Teologia FAECAD, Graduado em Administração UNIGRANRIO. Professor e Coordenador administrativo da FAECAD. E-mail: brayanlages@gmail.com

witness, and charismatic interactivity, challenging the Church to inhabit social networks with spiritual discernment and biblical fidelity.

**Keywords:** digital liturgy; Pentecostalism; sacramentality; online worship; mission; presence of the Spirit.

## INTRODUÇÃO

A liturgia, enquanto expressão comunitária da fé, nunca foi estática. Em cada época, ela se renova em diálogo com os contextos culturais, sociotécnicos e espirituais nos quais a Igreja se encontra inserida. No interior da tradição pentecostal, esse dinamismo litúrgico manifesta-se por meio de práticas marcadas pela espontaneidade, pela corporeidade e, sobretudo, pela expectativa da presença ativa do Espírito Santo. Contudo, com a intensificação das tecnologias de comunicação e a virtualização da vida eclesial, especialmente catalisada pela pandemia da COVID-19, as formas tradicionais de culto foram profundamente desafiadas, dando origem a uma nova ambiência: a liturgia em rede.

Nesse cenário emergente, a experiência do culto pentecostal sofre um deslocamento crucial: o espaço-templo cede lugar ao espaço-tela, e a mediação técnica torna-se parte integrante do encontro comunitário. Essa transposição não é neutra. Ela interpela categorias fundamentais da liturgia pentecostal, como a sacramentalidade dos atos, a corporeidade do louvor, a interatividade carismática, a autoridade espiritual e a presença real do Espírito. Por isso, este artigo propõe-se a refletir criticamente sobre os desafios e possibilidades da liturgia pentecostal em tempos de mediação digital, visando oferecer critérios teológicos robustos para sua compreensão e prática.

A pesquisa se desenvolve a partir de três eixos interligados. Primeiramente, examina-se a natureza da liturgia pentecostal em sua forma tradicional, destacando sua espiritualidade comunitária e afetiva. Em seguida,

analisa-se o processo de transposição litúrgica para ambientes digitais, com especial atenção às reconfigurações de linguagem, rito e sacramentalidade. Por fim, propõe-se critérios teológicos para uma liturgia digital pentecostal coerente com sua identidade bíblica, pneumatológica e missional, compreendendo-a como testemunho profético e ato público de resistência espiritual nas redes.

Diante da crescente presença da Igreja nas plataformas digitais e da consolidação de novas formas de culto mediado, urge que o pentecostalismo formule uma teologia litúrgica à altura dos desafios contemporâneos, uma teologia que reconheça o agir do Espírito também nos fluxos de dados, nos *pixels* e nas conexões, sem abrir mão da reverência, da comunhão e da esperança escatológica. O presente artigo se inscreve neste horizonte, oferecendo uma contribuição ao debate litúrgico contemporâneo a partir do *locus* pentecostal latino-americano.

## 1. A NATUREZA LITÚRGICA DA TRADIÇÃO PENTECOSTAL

### 1.1. Liturgia espontânea e espiritualidade comunitária

A compreensão pentecostal da liturgia, ainda que marcada por fluidez estrutural e improvisação carismática, repousa sobre um fundamento teológico sólido: o culto é, antes de tudo, encontro com Deus vivo, presente e operante. Essa premissa, longe de constituir apenas um princípio devocional, configura-se como eixo hermenêutico que organiza a práxis litúrgica pentecostal em sua dimensão comunitária e espiritual. O culto não é visto como um momento de mera representação simbólica ou repetição ritualística, mas como espaço-tempo de manifestação real da presença divina, “é uma terra sedenta clamando por chuva”<sup>70</sup>, onde o céu toca a terra, e a comunidade se reconhece como povo em adoração diante do trono da graça.

---

<sup>70</sup> KESSLER, Nemuel. *O culto e suas formas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2017, p. 16.

A tradição pentecostal, ao contrário de outras matrizes eclesiológicas que herdam liturgias codificadas e sacramentais fixas, cultiva uma teologia implícita da presença. Essa presença não é apenas metafórica ou memorial: ela é esperada, evocada e experimentada em sua concretude. O culto, nesse sentido, é evento no “tempo cultural”.<sup>71</sup> Ele não remete apenas ao passado (memória da cruz), nem apenas ao futuro (esperança escatológica), mas ao presente dinâmico do Espírito. Nele, a assembleia reunida se torna morada transitória da glória de Deus — “porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20).

Essa concepção de culto como encontro transforma toda a estrutura litúrgica em gesto de expectativa. A oração inicial, os cânticos, os testemunhos, a pregação e até mesmo os silêncios são lidos não como formalidades, mas como vias de mediação da presença divina. O culto pentecostal, ainda que não use linguagem sacramental formalizada, opera sob lógica sacramental: aquilo que se realiza no visível aponta para um agir invisível do Espírito. A imposição de mãos, o falar em línguas, os cânticos espontâneos, as palavras proféticas, a entrega de testemunhos, todos esses elementos são modos de contato com o sagrado que se manifesta.

O culto pentecostal é também um lugar de encontro com Deus comunitário. Ainda que valorize a experiência pessoal e íntima com o Espírito, a tradição pentecostal reconhece a assembleia como sujeito coletivo da adoração. Ninguém cultua sozinho, mesmo que sozinho esteja. A linguagem litúrgica, fruto de uma “leitura performática da bíblia”<sup>72</sup>, é sempre inclusiva: “nós sentimos”, “nós recebemos”, “nós glorificamos”. Trata-se de uma espiritualidade relacional,

---

<sup>71</sup> CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo Recriar, 2018, p. 118.

<sup>72</sup> OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018, p. 102.

que reforça os vínculos comunitários à medida que convoca os fiéis ao mesmo altar. Neste sentido, a liturgia pentecostal não separa mística e eclesiologia: o encontro com Deus se dá com os outros, pelos outros e entre os outros.

A dimensão pneumatológica do culto torna-se central nesse processo. É o Espírito quem conduz o encontro, quem distribui os dons, quem interpreta a Palavra, quem inspira os louvores e quem unge o pregador.<sup>73</sup> Por isso, o culto pentecostal não segue uma coreografia pré-fixada, mas se submete à condução do Espírito. O culto é esperado como imprevisível: ali pode haver choro ou júbilo, silêncio ou clamor, cura ou arrependimento, línguas ou interpretação. O Espírito é o liturgo invisível, e os oficiantes humanos são seus cooperadores atentos e obedientes.

A experiência do culto como encontro com Deus também estabelece uma teologia do cotidiano. Ao contrário de espiritualidades litúrgicas que dissociam radicalmente o espaço do culto do restante da vida, o pentecostalismo tende a interpretar o culto como extensão da vida, e a vida como culto contínuo. Isso se manifesta na linguagem dos crentes, na forma como se referem às experiências do dia a dia (“foi culto lá em casa”, “senti Deus no ônibus”, “o culto foi bênção no hospital”). A consciência da presença de Deus permeia o todo da existência, mas se intensifica na assembleia reunida. O culto, então, é cume e impulso: ponto alto da semana e impulso para a vida.

Contudo, ao enfatizar o culto como encontro, a tradição pentecostal também carrega uma tensão: como preservar a reverência e a profundidade diante da espontaneidade e do improvisado? Como evitar que o culto se torne mero show ou repetição emocional, quando perde a consciência do encontro com o Sagrado? Essa tensão, longe de ser patológica, é pedagógica. Ela exige constante discernimento, discipulado e formação litúrgica. O culto como encontro precisa

---

<sup>73</sup> GILBERTO, Antonio. *Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo*. In: Gilberto, Antonio et. al. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2008, p. 184.

ser ensinado, cultivado e vivido com temor e tremor, pois não se trata de entreter fiéis, mas de comparecer diante do Deus vivo. Podemos afirmar que o culto pentecostal, entendido como encontro com Deus, não é mera performance comunitária, mas celebração da presença. Ele é o lugar onde a Palavra é proclamada com poder, onde o Espírito se manifesta com liberdade, e onde a comunidade se reconhece como povo sacerdotal. Em tempos de midiaticização, manter essa consciência é vital: pois o risco de transformar o culto em espetáculo é real. Porém, onde houver fome por Deus, sede do Espírito e reverência ao santo nome de Jesus, ali o culto será sempre encontro, mesmo em meio às mediações da tela.

Uma das marcas mais distintivas da liturgia pentecostal é sua relação dinâmica com a liberdade do Espírito Santo, o que se traduz, no plano prático e simbólico, em ritos não fixos e estruturas litúrgicas fluidas. Essa característica, longe de representar uma ausência de ordem ou um descaso com a tradição eclesial, expressa, antes, uma teologia implícita de abertura ao inesperado divino, na qual a soberania do Espírito orienta e redimensiona a ordem do culto em favor da edificação, da manifestação e do testemunho da presença de Deus. Nesse sentido, “a adoração coletiva é planejada por Deus para instruir e conduzir uma vida de adoração”.<sup>74</sup>

A ênfase na liberdade do Espírito nasce de uma leitura hermenêutica das Escrituras que reconhece na ação pneumatológica a força motriz da vida da Igreja.<sup>75</sup> Desde Atos 2 até os escritos paulinos, o Espírito aparece não como uma presença ornamental, mas como sujeito ativo do culto e da missão. A comunidade pentecostal, herdeira dessa tradição de avivamento, entende que o culto

---

<sup>74</sup> HUGHES, R. Kent. *Culto na igreja livre: o desafio da liberdade*. In: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. (Ed). Louvor: análise teológica e prática. São Paulo: Thomas Nelson Brasil. 2017, p. 142.

<sup>75</sup> CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar. 2018, p. 31.

verdadeiro não pode ser rigidamente controlado por agendas humanas, sob pena de se tornar previsível, estereótipo e formalista. Assim, a liturgia pentecostal é projetada não como sequência inflexível de atos, mas como espaço de escuta e resposta, onde a ordem do culto pode ser alterada conforme a condução percebida do Espírito.

Os ritos não fixos da tradição pentecostal não significam ausência de estrutura, mas sim estrutura permeável, flexível ao mover divino.<sup>76</sup> Existe, em geral, uma sequência mínima e reconhecida, como oração inicial, louvores, leitura bíblica, pregação e apelo. Mas, essa ordem pode ser interrompida, expandida ou reconfigurada sem escândalo teológico, quando se discerne a ação do Espírito. Esse modelo litúrgico pressupõe uma espiritualidade atenta, sensível e responsiva. Líderes de culto, ministros de louvor e pregadores não apenas executam um programa; eles se colocam como mediadores atentos da voz do Espírito, dispostos a interromper, esperar, mudar o rumo do culto quando percebem que “o Espírito tem algo mais”.

Esse dinamismo é sustentado por uma cosmovisão pneumatocêntrica que concebe Deus como presente, ativo e comunicador. “Pregar não é produto de algumas poucas horas de estudo por semana; é o fluxo de uma vida inteira de relacionamento com Cristo”.<sup>77</sup> A liberdade do Espírito é, portanto, compreendida não como desordem, mas como soberania divina sobre o tempo litúrgico. Não há liturgia fixa porque não há controle total sobre a revelação. O culto é, assim, um ensaio da liberdade escatológica, um vislumbre da cidade futura onde o Cordeiro

---

<sup>76</sup> JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexões sobre estrutura litúrgica. *Tear Online*, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018, p. 55.

<sup>77</sup> LEDNICKY, H. Maurice. *Antes de subir ao púlpito: a preparação do sermão*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 595.

é a luz e a adoração é plena (Ap 21.23). Recusar os ritos engessados é, nesse contexto, uma afirmação da primazia da revelação sobre a tradição humana.

É importante ressaltar que essa liberdade, no entanto, não se confunde com improvisação desinformada ou desorganização banal. O culto pentecostal, embora livre, é conduzido por líderes preparados, profundamente comprometidos com a Palavra e com a oração. A sensibilidade litúrgica é cultivada, não improvisada. O risco da arbitrariedade e da centralização emocional existe, e por isso mesmo é necessário um processo formativo que integre discernimento espiritual e maturidade pastoral, pois “o gabinete de estudos é um lugar de disciplina”.<sup>78</sup> O Espírito é livre, sim, mas Ele não contradiz a Escritura, não exalta o ego humano e não fragmenta o corpo. Sua liberdade é sempre vinculada ao amor, à verdade e à edificação.

Essa liturgia aberta também promove um tipo específico de escuta comunitária. A congregação não é passiva; ela participa do culto com expectativa, intervém com améns, glórias e línguas, sente quando “Deus está no ambiente”, e contribui ativamente com louvores, orações e testemunhos. A liturgia pentecostal é, por isso, altamente participativa e afetiva, o culto é vivido como um evento coletivo, imprevisível e vivificante. Nesse modelo, cada culto é único, irrepetível e, em certo sentido, irreproduzível.

No entanto, essa liberdade enfrenta novos desafios no contexto da midiaticização da liturgia. O ambiente digital, com sua demanda por previsibilidade, tempo controlado, estética padronizada e fluxo contínuo, tende a restringir a liberdade do Espírito em nome da eficiência da transmissão. Muitas igrejas, ao transmitirem cultos, sentem-se pressionadas a adaptar suas práticas à lógica da edição, do tempo comercial, da performance agradável ao espectador. Nesse processo, o risco é produzir uma liturgia padronizada, domesticada, que

---

<sup>78</sup> WILSON, Bill. *O gabinete de estudos do pastor*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 76.

perde o frescor profético da imprevisibilidade do Espírito. Manter os ritos não fixos no ambiente digital exige resistência e criatividade espiritual.

Concluimos que a liberdade do Espírito, tão cara à identidade pentecostal, deve ser preservada e cultivada, mesmo diante dos desafios contemporâneos. A fluidez litúrgica não é desorganização, mas abertura ao sagrado. Os ritos não fixos não significam ausência de reverência, mas disposição para seguir a nuvem, mesmo que o cronograma indique outro rumo. Onde o Espírito é Senhor, ali há liberdade (2Co 3.17). E onde há liberdade, há vida, há Palavra, há culto verdadeiro, seja no templo, seja na casa, seja na rede. A liturgia pentecostal é, assim, uma celebração da imprevisibilidade divina, um espaço onde o tempo se curva diante do *kairos*, e o povo se rende à direção daquele que sopra onde quer.

## **1.2. A dimensão corporal e afetiva da adoração pentecostal**

A tradição litúrgica pentecostal, em sua tessitura espiritual, afetiva e corporal, encontra no entrelaçamento entre cânticos, oração e manifestação dos dons espirituais um núcleo vital de sua identidade celebrativa. Esses três elementos não operam isoladamente, mas se articulam como expressões de uma espiritualidade que compreende o culto como lugar de encontro com Deus, de edificação da comunidade e de manifestação sensível da presença do Espírito. Cada um desses elementos, em sua especificidade, carrega consigo uma teologia implícita que ilumina a compreensão do culto como experiência integral, não apenas racional ou contemplativa, mas também afetiva, corporal e carismática, “porque a imprevisibilidade do Espírito permite”.<sup>79</sup>

No que tange aos cânticos, a música no culto pentecostal vai além da função introdutória ou estética. Ela é meio de mediação da presença de Deus,

---

<sup>79</sup> RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Numen*, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005, p. 33.

instrumento de guerra espiritual, expressão de júbilo, lamento ou esperança. Os cânticos pentecostais não obedecem necessariamente à lógica do hinário fixo, ainda que os hinários clássicos sejam valorizados em muitos contextos.<sup>80</sup> A espontaneidade, a repetição emotiva, a liberdade melódica e a abertura à improvisação carismática são marcas que configuram uma musicalidade que visa provocar não apenas a reflexão, mas a experiência de Deus. A música não prepara para o culto: ela é culto. Quando cantada em uníssono pela comunidade, ela se torna um clamor coletivo, uma súplica, uma oferta de vozes diante do trono.

Esse fenômeno se intensifica quando os cânticos são acompanhados de orações congregacionais, proferidas em alta voz, muitas vezes simultâneas, e marcadas por forte carga afetiva.<sup>81</sup> A oração pentecostal não é apenas verbalização de pedidos: é ato de entrega, batalha espiritual, intercessão e adoração, pois a “fé é gerada pela Palavra e pelo Espírito, e não pela observação”.<sup>82</sup> Sua intensidade sonora e gestualidade corporal expressam a convicção de que Deus ouve, responde e intervém. A oração é vivida como ato performativo: ela provoca o mover espiritual, convoca a ação do Espírito, inaugura milagres. Nesse contexto, as palavras tornam-se secundárias diante da carga afetiva e da expectativa espiritual que envolvem o momento.

Mas é na manifestação dos dons espirituais que a liturgia pentecostal revela sua singularidade mais intensa. Os dons, especialmente profecia, línguas, interpretação, palavra de sabedoria e cura não são compreendidos como exceção, mas como dinâmica esperada do culto, expressão do Deus que fala, age e revela. O dom espiritual, longe de ser um evento isolado, é integrado ao culto como sua

---

<sup>80</sup> KESSLER, 2017, p. 22.

<sup>81</sup> TESMER, Rodrigo Moulian. De la reflexividad social a las mediaciones rituales: mutaciones, convergencias y paradojas en el lepün y el culto pentecostal. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n. 8, p. 29-50, 2004, p. 34.

<sup>82</sup> ANDERSON, Gordon L. *Sinais e maravilhas*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 330.

culminância ou inflexão: ele pode interromper o cântico, redirecionar a oração, reformular a pregação. A liturgia, neste contexto, é radicalmente aberta ao sobrenatural. Não há garantias nem previsibilidades, pois o Espírito é livre. Cada culto é vivido com a expectativa de que algo novo pode acontecer, e de que esse novo será, inevitavelmente, fruto da ação do Espírito.

Esse conjunto de cântico, oração e dons configura um modelo de adoração afetiva, participativa e carismática, que integra corpo, emoção e linguagem pneumatológica. A comunidade não assiste ao culto, mas o vive. O louvor não é performance; é expressão do coração contrito e do espírito fervoroso. A oração não é formalidade, mas grito, choro, clamor, confissão. E os dons não são espetáculo, mas serviço, edificação, confronto e consolo. Nesse cenário, o culto pentecostal é um campo de forças espirituais, onde o humano e o divino se encontram, e onde a comunidade é moldada pela Palavra e pela Presença.

Esse modelo litúrgico, porém, enfrenta tensões no ambiente digital. A midiática da liturgia, muitas vezes centrada na organização do tempo, na estética da transmissão e na previsibilidade da estrutura, pode engessar a manifestação livre desses elementos. A oração simultânea perde sua força afetiva quando fragmentada em comentários no chat; os cânticos são formatados para vídeos curtos; os dons espirituais encontram dificuldades em “ambientes mediados tecnologicamente”<sup>83</sup>, onde o discernimento coletivo e a resposta comunitária são limitados. O desafio, portanto, é traduzir essa liturgia afetivo-carismática para os formatos digitais, sem perder sua essência, espontaneidade e centralidade no Espírito.

Concluimos que cânticos, oração e dons não são apenas partes do culto pentecostal: são linguagens do Espírito no meio do povo. São formas pelas quais a comunidade expressa sua fé, sua esperança e sua dependência da ação divina. Preservar essas expressões em tempos de mediação é tarefa teológica e pastoral de

---

<sup>83</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 74

grande importância. Pois onde há cântico sincero, oração fervorosa e dons operantes, ali há sinais do Reino, mesmo quando vividos diante de uma tela.

A tradição pentecostal, em sua vivência litúrgica, afirma de maneira incisiva uma espiritualidade encarnada: nela, o corpo não é mero instrumento periférico ou suporte da alma, mas sujeito ativo na adoração, mediação concreta da graça e expressão visível da presença do Espírito. Essa corporeidade da fé, longe de ser um detalhe folclórico ou uma simples manifestação cultural, constitui uma teologia implícita do corpo, segundo a qual Deus se manifesta na e por meio da fisicalidade da comunidade reunida. Em uma tradição marcada pela oralidade, pelo clamor, pelo movimento e pela resposta afetiva, o corpo adora, clama, dança, chora, ajoelha-se, impõe mãos, estende os braços e se torna canal visível do invisível.

A antropologia pentecostal, mesmo que nem sempre explicitada em termos sistemáticos, carrega a convicção de que o ser humano é integral: “corpo, alma e espírito não se separam em esferas estanques, mas convivem numa unidade dinâmica”.<sup>84</sup> Dessa maneira, o culto pentecostal não reduz a adoração à interioridade silenciosa, mas a expressa na linguagem do corpo, que se torna sacramento vivente da experiência espiritual. Nesse contexto, o gesto litúrgico, seja ele o levantar de mãos, o caminhar pelo templo em oração, o toque fraterno, o choro incontido ou o gesto de rendição, não é teatralização, mas encarnação da fé.

Essa corporeidade é ainda mais significativa quando associada ao conceito pentecostal de presença do Espírito Santo. Ao contrário de modelos litúrgicos mais simbólicos ou retóricos, o pentecostalismo espera que o Espírito se manifeste com sinais tangíveis, perceptíveis ao corpo. Assim, o culto torna-se um campo de sensações espirituais: “senti o Espírito”, “fui tocado por Deus”, “o fogo

---

<sup>84</sup> COELHO, Renato Arnellas. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. *Revista Eletrônica Espaço Teológico.*, v. 10, n. 17, p. 84-93, 2016, p. 90.

desceu” — expressões comuns que revelam como o corpo é parte integrante da experiência espiritual. A graça, nesse sentido, não é apenas crida: ela é sentida, atravessa o corpo, transforma o gesto, impacta o afeto. “São incontáveis os milagres que acontecem entre os crentes em todas as igrejas espalhadas pelo país e pelo mundo inteiro”.<sup>85</sup> A liturgia pentecostal é, por isso, uma performance espiritual que une corpo e transcendência.

Importa também destacar o papel comunitário e pedagógico dessa corporeidade litúrgica. O corpo em movimento comunica fé à coletividade. Quando uma irmã ergue as mãos em louvor, ela testemunha ao seu redor. Quando um irmão chora ao ser visitado pelo Espírito, ele edifica os demais. O corpo, no culto, é sempre coletivo, mesmo nos gestos individuais. O povo pentecostal aprende a adorar observando, imitando, participando corporalmente do culto. Essa aprendizagem não é racional, mas experiencial. E por isso mesmo, é profundamente formadora. A corporeidade litúrgica constitui uma didática silenciosa, que ensina a crer pela adoração e a adorar crendo com o corpo.

Entretanto, essa dimensão corporal encontra novos limites no contexto da midiática do culto. As transmissões online, mesmo quando bem-produzidas, frequentemente dissociam o corpo da comunidade. O adorador, agora isolado diante de uma tela, perde o calor do ajuntamento, a força simbólica do gesto coletivo, a pedagogia da presença física. A tela, ao mesmo tempo que conecta, também reduz: o movimento é enquadrado, o som é filtrado, o afeto é domesticado. Surge, assim, o desafio de preservar a corporeidade da adoração em ambientes digitais, evitando que o culto se transforme em consumo estético ou experiência meramente mental.

---

<sup>85</sup> SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 99.

Ainda assim, é possível vislumbrar através do discernimento espiritual do crente caminhos criativos e sentidos aguçados.<sup>86</sup> Muitos fiéis, mesmo em cultos online, erguem suas mãos, choram, se ajoelham, impõem mãos sobre familiares, ou repetem gestos litúrgicos em suas casas. Isso revela que, mesmo na mediação tecnológica, o corpo continua sendo lugar de resposta ao Espírito. A corporeidade não é anulada; ela é ressignificada e revitalizada.<sup>87</sup> O desafio teológico, então, é reconhecer a importância do corpo como meio de graça, não apenas no templo físico, mas em cada lugar onde se invoca o nome do Senhor. A liturgia pentecostal, marcada por essa presença encarnada, não pode abdicar do corpo sem perder sua identidade.

Concluimos que a experiência do corpo no culto pentecostal não é acessório devocional, mas núcleo teológico e litúrgico da espiritualidade comunitária. O corpo é templo do Espírito, instrumento da graça, linguagem da adoração. Preservar essa dimensão é tarefa urgente, especialmente em tempos em que a virtualização da fé ameaça reduzir a adoração ao intelecto ou à imagem. O culto pentecostal seja presencial, híbrido ou digital, continuará sendo espaço de mediação da graça, sempre que o corpo, em obediência ao Espírito, responder com reverência, liberdade e entrega. Pois onde o corpo se dobra, a alma se eleva e Deus se manifesta.

## **2. A TRANSPOSIÇÃO LITÚRGICA PARA AMBIENTES DIGITAIS**

### **2.1. Cultos online e a questão da presença real**

---

<sup>86</sup> SOARES, Esequias. *Heresias e modismos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 350.

<sup>87</sup> MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia*. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2012, p. 55.

A emergência dos cultos online como forma litúrgica alternativa e, em certos momentos, principal no seio da tradição pentecostal, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19, inaugurou um novo campo de experiências espirituais que desafia concepções estabelecidas sobre a presença do sagrado e a eficácia litúrgica. Dentro desse novo território, configura-se uma mística da adoração em tela, que precisa ser teologicamente discernida e pastoralmente acompanhada. Essa mística, embora mediada tecnologicamente, não deve ser a priori desqualificada como inferior ou simulada. Ao contrário, ela revela a capacidade adaptativa da espiritualidade pentecostal em encontrar formas de presença do Espírito em espaços não convencionais e reconfigura a sensibilidade litúrgica da comunidade crente diante do invisível que se revela no visível, mesmo que em pixels.<sup>88</sup>

A mística pentecostal é, por natureza, marcada por intensidade afetiva, abertura ao sobrenatural e convicção da ação direta de Deus na história. Quando essa espiritualidade é transposta para a tela, seja por meio de transmissões ao vivo, cultos gravados ou reuniões por plataformas digitais, o que está em jogo não é apenas a técnica, mas a experiência religiosa da presença. Muitos crentes relatam, com profunda sinceridade, terem sentido a presença de Deus de maneira vívida ao assistirem a um culto pelo celular ou ao acompanharem um momento de oração via redes sociais. O Espírito não está limitado ao templo físico e o povo pentecostal reconhece isso intuitivamente, sem necessidade de autorização teológica formal. Essa percepção é o ponto de partida para refletirmos sobre a mística da adoração em tela.

A tela, por sua vez, assume o papel de janela litúrgica. Ela não substitui o templo, mas cria um novo espaço de expectativa e de recepção da Palavra e da Presença. Nessa nova ambiência, a espiritualidade é ativada por gestos

---

<sup>88</sup> ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível? *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020, p. 608.

domésticos: colocar uma bíblia sobre a mesa, unir a família no sofá, ajoelhar-se diante da televisão. Esses pequenos ritos domésticos, muitas vezes espontâneos, tornam-se liturgias encarnadas na vida cotidiana, abrindo espaço para a adoração no lar e reconfigurando o espaço doméstico como extensão do sagrado. A casa torna-se tabernáculo; a tela, púlpito; o lar, comunidade.

Ao mesmo tempo, essa mística digital é construída a partir da memória afetiva do culto presencial. Os cânticos conhecidos, a voz do pastor, o ritmo do culto, os trechos das Escrituras recitados em tom familiar, tudo isso reconfigura, na mente e no coração do fiel, um ambiente simbólico de pertencimento. A tela não é apenas meio; ela é ponte de memória e fé, através da qual a comunidade, ainda que dispersa, sente-se reunida “em uma multiformidade de expressões da verdade cristã que o Espírito gera na igreja”.<sup>89</sup> A mística da adoração em tela, portanto, não substitui a comunhão presencial, mas a evoca, a prolonga, e a mantém viva nos tempos de dispersão.

É necessário, contudo, reconhecer que essa experiência mística exige condições espirituais e afetivas apropriadas. Não se trata de consumo automático de conteúdo religioso. O culto online só se torna culto quando há disposição interior, atenção orante e desejo de encontro com Deus. A mística da adoração não está garantida pela conexão digital, mas pela intencionalidade do coração crente. Nesse sentido, a espiritualidade pentecostal, com sua ênfase na busca e na entrega, encontra terreno fértil para cultivar uma liturgia em rede que seja, ao mesmo tempo, simples e profunda.

A atuação do Espírito, nesse contexto, não depende da geografia, mas da abertura espiritual. O Pentecostes, que foi público e coletivo, também se manifesta no quarto secreto, na sala silenciosa, na casa aflita. O mesmo Espírito

---

<sup>89</sup> PUNTEL, Joana Teresinha; SBARDELLOTTO, Moisés. Da reforma histórica à “reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos teológicos*, v. 57, n. 2, p. 350-364, 2017, p. 262.

que encheu o cenáculo pode encher a sala de estar e conduzir “ao Único que dá alívio, conforto, perdão e amor àqueles que abrem os corações para receber”.<sup>90</sup> A mística da adoração em tela, portanto, não é uma diluição da presença divina, mas uma nova configuração da sua acessibilidade, mediada pela tecnologia, mas sustentada pela fé. Quando o povo ora, canta, chora e se rende diante de uma tela com a mesma reverência com que o faria diante do altar, ali a mística se realiza, e o culto se consuma.

Nesse sentido, afirmamos que a mística da adoração em tela não deve ser interpretada como um subproduto da técnica, mas como resposta da graça à limitação humana. Ela representa uma pedagogia do Espírito para tempos de dispersão, uma liturgia do exílio, um modo de manter acesa a chama do culto em meio às restrições da presença física. Cabe à teologia pentecostal discernir, afirmar e aprofundar essa mística, não para substituir o culto presencial, mas para reconhecer que, quando o coração arde, mesmo diante de uma tela, o Senhor se faz presente, e isso é culto.

A presença dos cultos online na vida litúrgica das comunidades pentecostais contemporâneas suscitou uma série de transformações profundas na maneira como a fé é comunicada, experienciada e corporificada.<sup>91</sup> Ainda que reconheçamos a possibilidade de uma mística da adoração em tela marcada pela atuação do Espírito além dos limites espaciais, é imprescindível reconhecer que essa mediação digital não é teologicamente neutra. Pelo contrário, ela carrega em si ambiguidades estruturais que interpelam a própria natureza do culto cristão,

---

<sup>90</sup> PAUL, Ferrin. *O lugar da música na adoração congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 623.

<sup>91</sup> ARRUDA, Reinaldo Pereira; SILVA, Hilquias Benício. Igrejas online em fortaleza: uma resposta circunstancial na quarentena da pandemia da COVID-19. *Via Teológica*, v. 22, n. 43, 2021, p. 100.

especialmente quando este se ancora em pressupostos pneumatológicos e comunitários, como é o caso do pentecostalismo.

A primeira ambiguidade refere-se à própria condição mediada da experiência espiritual. A fé pentecostal, em sua forma mais genuína, é atravessada pela vivência do imediato: o Deus que age aqui e agora, o Espírito que se manifesta entre nós, os dons que se expressam no seio da assembleia. A mediação técnica como câmera, microfone, conexão e transmissão insere-se como um filtro entre a comunidade e a experiência, deslocando o eixo da corporeidade compartilhada para uma recepção individualizada e, em certa medida, desincorporada. Ainda que o Espírito não esteja restrito ao espaço físico, a mediação tecnológica altera sensivelmente a qualidade da presença: o corpo coletivo é fragmentado; o tempo ritual é cronometrado; a atenção se dispersa entre múltiplas abas, notificações e distrações do cotidiano doméstico.

A segunda ambiguidade diz respeito à performatividade comunicacional que o ambiente digital exige. A lógica das redes não prioriza necessariamente a profundidade, mas a estética, a clareza e a capacidade de retenção da atenção. O culto, nesse contexto, corre o risco de ser adaptado às exigências do espectador-consumidor e da “cultura de massa”<sup>92</sup>: encurtado, roteirizado, montado em blocos, com linguagem visual publicitária e ritmo veloz. Surge, então, uma tensão entre o culto como encontro com Deus e o culto como produção audiovisual. A linguagem da fé, quando capturada pela lógica da visibilidade e da viralização, pode perder sua densidade sacramental e sua força de interpelar. A mediação técnica, nesse caso, desloca o foco do Espírito para o “*view*”, do altar para o engajamento.

Outro aspecto ambíguo diz respeito à autoridade espiritual e ao discernimento comunitário. Os dons espirituais, especialmente aqueles que

---

<sup>92</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2017, p. 238.

exigem confirmação e resposta da assembleia como profecia, interpretação de línguas, palavra de sabedoria, tornam-se difíceis de administrar no ambiente online. A ausência de um corpo comunitário reunido impede que haja o reconhecimento coletivo do dom, o *feedback* imediato da assembleia e a moderação pastoral presencial. Isso pode gerar tantos abusos (pessoas que se proclamam profetas sem nenhum filtro comunitário), quanto silenciamentos (crentes que têm dons, mas não encontram espaço para exercê-los diante da tela). A mediação técnica, nesse ponto, desfigura a dimensão eclesial do carisma.

A mediação digital também impõe novas camadas de exclusão e desigualdade. Nem todos têm acesso à internet de qualidade, a dispositivos apropriados ou à privacidade necessária para cultivar com liberdade em casa. A mediação técnica, ainda que abra portas de alcance global, também cria um abismo de acessibilidade, que afeta especialmente idosos, pessoas com baixa escolaridade ou condições socioeconômicas precárias. A promessa de universalização da fé via tecnologia não pode ignorar os corpos que permanecem à margem do acesso digital. Aqui, a ambiguidade se torna desafio pastoral concreto: como incluir e acompanhar quem não está conectado?

Por fim, há uma ambiguidade mais sutil, porém teologicamente densa: a sensação de presença sem comunhão. O culto online, ainda que provoque emoção, não necessariamente gera vínculo. O fiel pode sentir-se tocado, mas não inserido. Pode experimentar lágrimas, mas não comunhão. O risco, portanto, é uma liturgia sem corpo eclesial: uma espiritualidade isolada, desprovida de discipulado, de prestação de contas, de caminhada compartilhada. A mediação técnica, se não for pensada e orientada por uma eclesiologia robusta, pode fomentar uma fé líquida, desconectada da vida comunitária, da missão e do compromisso.

Conclui-se que a mediação técnica da fé, embora útil e, em certos contextos, necessária, requer discernimento espiritual, reflexão teológica e planejamento pastoral. As ambiguidades que ela carrega não são argumentos para

seu abandono, mas alertas para seu uso consciente. A tradição pentecostal, por sua ênfase na liberdade do Espírito, pode acolher a inovação tecnológica sem sacrificar sua essência, mas isso exige que a técnica permaneça serva da presença, e não senhora da experiência. Que a tela jamais substitua a comunhão, e que a mediação não nos afaste da realidade do Deus que se fez carne e que deseja habitar entre nós, mesmo quando nos encontramos separados.

## 2.2. Novas linguagens litúrgicas e os limites da sacramentalidade digital

A celebração da Ceia do Senhor constitui, na tradição cristã e particularmente na vivência pentecostal, um momento de elevada densidade teológica, comunitária e espiritual. “Trata-se de um ato de memória”<sup>93</sup>, de comunhão e de antecipação escatológica, no qual a Igreja participa simbolicamente do corpo e do sangue de Cristo, recordando seu sacrifício e reafirmando a esperança de sua vinda. No entanto, com a virtualização das liturgias em tempos de pandemia e posterior consolidação das práticas online, surge uma questão teológica premente: é possível celebrar a Ceia do Senhor em conexão remota? E, em caso afirmativo, como garantir a integridade sacramental dessa celebração mediada tecnicamente?

A ceia, como sacramento ou ordenança, possui uma dimensão visível, comunitária e incorporada.<sup>94</sup> O pão e o vinho, distribuídos em meio à assembleia reunida, apontam para a corporeidade da fé e da comunhão. A tradição pentecostal, mesmo não adotando uma teologia sacramental no sentido clássico das igrejas históricas, reconhece no momento da ceia um alto grau de solenidade e sensibilidade espiritual, onde o Espírito Santo atua de modo especial na renovação da aliança com Cristo e na purificação dos corações. Esse momento é precedido

---

<sup>93</sup> KESSLER, 2017, p. 150.

<sup>94</sup> FISK, Bruce N. *Paulo: a vida e as epístolas*. In: MCKNIGHT, Scot; OSBORNE, Grant R. *Faces do Novo Testamento: um exame das pesquisas mais recentes*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018, p. 330.

por autoexame, contrição, oração e unidade, elementos que pressupõem uma vivência comunitária não apenas simbólica, mas relacional.

Ao ser transposta para o ambiente digital, a celebração da Ceia adquire características inéditas e, por vezes, tensionadas. A distribuição dos elementos é feita à distância, muitas vezes com os participantes preparando previamente pão e suco em casa, seguindo a orientação de um pastor através de uma transmissão. A consagração é mediada pela palavra pronunciada na tela, e o ato de comer e beber ocorre simultaneamente, mas de forma dispersa. Essa dinâmica inaugura uma nova forma de participação sacramental: não presencial, mas sincrônica; não comunitária no espaço, mas unificada na intenção e no espírito.

Esse modelo, no entanto, levanta questões teológicas relevantes. A primeira diz respeito à realidade da comunhão: pode-se falar em verdadeira comunhão quando os participantes estão fisicamente separados? A resposta pentecostal, majoritariamente afirmativa, se ancora na compreensão de que a comunhão é produzida pelo Espírito, não pela contiguidade física. O mesmo Espírito que unia os crentes em Atos 2 continua unindo os irmãos em diferentes contextos e geografias. Assim, o que garante a legitimidade da Ceia remota não é o espaço, mas a disposição do coração, a fé em Cristo e a presença espiritual que transpassa a mediação técnica.

Outro ponto crítico refere-se à autoridade da consagração. Se, no culto presencial, os elementos são consagrados pelo ministro diante da comunidade, como essa consagração se aplica aos elementos distribuídos em múltiplos lares? Há aqui uma zona de tensão entre a tradição e a inovação: alguns líderes defendem que a consagração só tem validade quando feita presencialmente; outros reconhecem a eficácia espiritual da Palavra proferida em fé, mesmo quando transmitida à distância. O princípio teológico de que “a Palavra, quando unida à fé, é eficaz” é resgatado, ainda que implicitamente, por muitas

comunidades pentecostais que celebraram a Ceia online sem romper com sua teologia bíblica fundamental.

Entretanto, há limites que precisam ser respeitados. A banalização da ceia como a ideia de que “cada um pode fazer por si mesmo, quando quiser” é incompatível com a teologia pentecostal da reverência e da coletividade. A Ceia não é evento doméstico privado, mas ato público de confissão e unidade eclesial. Por isso, mesmo em formato remoto, deve ser sempre orientada pela autoridade espiritual reconhecida, em contexto litúrgico e com instruções claras. A mediação tecnológica não deve apagar a solenidade, nem desfigurar a profundidade sacramental da celebração.

Em síntese, a Ceia do Senhor, celebrada em tempos de conexão remota, revela tanto a flexibilidade pastoral do pentecostalismo quanto a necessidade de aprofundar uma eclesiologia conectada à realidade digital. A mesa do Senhor pode ser estendida, sim, até os lares e as telas, desde que o corpo de Cristo ali se reconheça como tal unido em fé, em contrição e em memória da cruz. A sacramentalidade, nesse contexto, não reside nos objetos nem nos aparelhos, mas no encontro entre Palavra, Espírito e comunidade, ainda que dispersa fisicamente.

No contexto da espiritualidade pentecostal, a unção com óleo, a imposição de mãos e a oração intercessora não são rituais meramente simbólicos ou ornamentais, mas atos espiritualmente eficazes, que fazem parte da gramática sacramental do movimento.<sup>95</sup> Esses gestos expressam a mediação do poder de Deus, a transferência de autoridade espiritual, a invocação da cura e a comunhão do corpo. Eles são profundamente bíblicos e comunitários, tendo origem na prática apostólica e sendo reiteradamente vividos como canais pelos quais o Espírito Santo atua no corpo, na mente e na alma dos crentes.

No entanto, com a expansão dos cultos digitais e da mediação tecnológica das práticas pastorais, surgem novas questões litúrgicas: é possível impor as mãos

---

<sup>95</sup> GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos*: consolo e afeto. São Paulo: Loyola, 2007, p. 8

a distância? Pode-se ungir alguém por meio da tela? A oração virtual carrega o mesmo peso espiritual que a oração presencial com contato físico? Tais indagações não são apenas operacionais, são profundamente teológicas, pois envolvem a compreensão da ação do Espírito, da corporeidade e da eficácia da mediação sacramental.

A imposição de mãos é, bíblicamente, um gesto de bênção, consagração e cura (cf. Mc 16.18; At 8.17; 1Tm 4.14).<sup>96</sup> No pentecostalismo, ela é carregada de expectativa espiritual e experiência sensível. Trata-se de um gesto litúrgico que comunica autoridade e transmite graça. A unção com óleo, por sua vez, é também prática recorrente, especialmente em contextos de cura e consagração ministerial (cf. Tg 5.14). A oração em voz alta, com clamor e imposição das mãos, é um dos atos mais distintivos da liturgia pentecostal, promovendo uma experiência tangível da intercessão. Ao transpor essas práticas para o ambiente digital, perde-se inevitavelmente o elemento tátil, o contato físico que historicamente acompanha tais ritos.

Contudo, a ausência do toque não anula, por si só, a possibilidade da ação divina. O pentecostalismo sempre reconheceu a soberania do Espírito em atuar além dos meios físicos, inclusive com curas a distância, orações respondidas por cartas ou testemunhos de libertação em programas de rádio e televisão. O poder de Deus não está preso ao gesto, mas à fé da Igreja reunida. Nesse sentido, a oração intercessora feita por uma live, uma videoconferência ou até uma gravação pode ser igualmente eficaz, desde que realizada com fé, sob a unção do Espírito e com reconhecimento comunitário.

Já a unção e a imposição de mãos, especificamente, encontram limitações práticas quando se tenta reproduzi-las em formato digital. Alguns líderes propõem

---

<sup>96</sup> GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão*: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: EST; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006, p. 124.

que o fiel em casa unja a si mesmo, ou que alguém da família imponha as mãos sobre a pessoa necessitada, mediante orientação do ministro que conduz a transmissão. Trata-se, neste caso, de uma ressignificação doméstica dos gestos litúrgicos, que embora inovadora, ainda carece de maturação teológica mais ampla. A participação ativa da família e da comunidade local no processo de mediação sacramental pode ser uma alternativa válida, desde que não se desvincule da autoridade eclesial e da consciência de que esses atos não são mágicos, mas espiritualmente dirigidos.

Outra possibilidade tem sido a oração intercessora coletiva por meio das mídias, como vigílias online, correntes de oração em aplicativos e imposições simbólicas de mãos pela tela. Muitos pastores estendem as mãos em direção à câmera, e os fiéis respondem com o gesto correspondente, criando um ambiente de comunhão espiritual mediada. Apesar da ausência do toque real, há uma intencionalidade de fé e comunhão que mantém viva a expectativa da ação do Espírito. O gesto simbólico, neste caso, não é vazio: ele aponta para um vínculo espiritual real, sustentado pela oração e pelo compromisso eclesial.

Todavia, é preciso prudência para que essas práticas não se transformem em fetichização da técnica ou banalização do gesto sagrado. A espiritualidade pentecostal não pode ser reduzida a performance digital. Os atos de imposição de mãos e unção devem ser resguardados como momentos de solenidade, reverência e acompanhamento pastoral. Seu deslocamento para o ambiente virtual exige, portanto, formação teológica, pastoreio contínuo e pedagogia litúrgica, para que a Igreja compreenda que tais atos, mesmo quando adaptados, mantêm sua centralidade no encontro com o Espírito, e não em sua transmissão visual.

Entendemos que a unção, a imposição de mãos e a oração no ambiente digital expressam tanto os desafios quanto as possibilidades de uma liturgia carismática em tempos de mediação técnica. A ausência do corpo não significa ausência do Espírito; mas a presença do Espírito não dispensa o discernimento do

corpo. Por isso, a Igreja precisa desenvolver uma teologia da mediação que una tradição e inovação, fé e responsabilidade, liberdade espiritual e fidelidade eclesial. Pois, em todo lugar onde houver fé viva, clamor sincero e nome de Jesus exaltado, mesmo pela tela, ali o poder de Deus pode se manifestar.

### **3. CRITÉRIOS TEOLÓGICOS PARA UMA LITURGIA DIGITAL PENTECOSTAL**

#### **3.1. A centralidade da Palavra e do Espírito na adoração online**

A tradição pentecostal, embora não se organize em torno de uma teologia sacramental nos moldes clássicos das tradições católica e reformada, reconhece a existência de momentos e práticas litúrgicas nos quais a presença de Deus se manifesta de forma, eficaz e transformadora. Entre essas práticas, a pregação ocupa lugar de centralidade.<sup>97</sup> O púlpito pentecostal é, historicamente, lugar de revelação, de confrontação profética e de edificação comunitária. A Palavra proclamada e ungida pelo Espírito não é vista como mera exposição didática, mas como ato de mediação da presença de Deus. Ela cura, liberta, transforma, batiza no Espírito e renova a esperança. Por isso, no contexto digital, torna-se urgente recuperar e reafirmar a natureza sacramental da pregação, especialmente quando esta ocorre em ambientes mediados por tecnologia.

A pregação digital, por sua mediação técnica, corre o risco de ser compreendida como um conteúdo audiovisual entre tantos outros: um vídeo motivacional, uma live devocional, um discurso religioso entre memes e tutoriais. O desafio teológico consiste, portanto, em reafirmar que, mesmo em formato digital, a pregação continua sendo evento de encontro entre o Logos e o ouvinte, momento de comunicação viva do Espírito. Quando proclamada sob a unção, com

---

<sup>97</sup> CARSON, D. A. *Adoração por meio da palavra*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 55.

fidelidade bíblica e abertura à ação divina, a pregação online pode tornar-se espaço de epifania e lugar onde Cristo se revela e a fé é despertada.

A pregação, neste novo cenário, exige um reposicionamento do pregador e da audiência. O pregador pentecostal, agora diante de uma câmera, não fala a uma massa impessoal, mas a indivíduos sedentos, doentes, aflitos, dispersos, mas espiritualmente atentos. Sua missão não é entreter, mas entregar, não performar, mas ministrar. Ele deve compreender que seu púlpito digital é também um altar, e que cada palavra proferida pode ser uma semente de vida. A consagração do tempo de fala, a oração antes da gravação ou da transmissão, e o discernimento espiritual sobre o que deve ser dito são atitudes que transformam a live em culto e a tela em território da graça.

A audiência, por sua vez, também deve ser formada liturgicamente. A escuta da Palavra precisa ser preparada com reverência e intencionalidade. Muitos crentes relatam ter sido impactados profundamente por uma pregação que ouviram em um vídeo antigo, em um canal de pouco alcance, ou em meio à madrugada. Isso demonstra que a eficácia da Palavra não depende do momento da transmissão, mas da disponibilidade do coração e da soberania do Espírito, que age quando e como quer. Contudo, para que a pregação digital não seja tratada como “mais um conteúdo”, é necessário cultivar práticas devocionais que acompanhem o momento de escuta: desligar distrações, preparar o ambiente, orar antes de ouvir e responder espiritualmente à Palavra recebida.

Ao compreendermos a pregação como ato sacramental digital, assumimos que ela não apenas comunica informações, mas transmite presença. A Palavra proclamada, no poder do Espírito, torna-se sinal visível da graça invisível. Nesse sentido, pode-se falar, analogicamente, de uma “sacramentalidade da Palavra”: ela santifica o ouvinte, cura o corpo e o espírito, gera fé, convoca à conversão e fortalece a Igreja. Quando essa Palavra é veiculada digitalmente, não perde sua

força, desde que esteja enraizada na Escritura, inspirada pelo Espírito e acolhida pela fé.<sup>98</sup>

Entretanto, há riscos a serem enfrentados. A pregação online, ao ser inserida na lógica da economia da atenção, pode ceder ao sensacionalismo, ao esvaziamento teológico e à tentação da autopromoção. Pregadores passam a buscar likes em vez de frutos, alcance em vez de transformação, identidade estética em vez de autoridade espiritual. O púlpito torna-se palco, e a mensagem, produto. Contra isso, é necessário afirmar que o poder da pregação não reside na estética, mas na verdade ungida. O pregador pentecostal deve resistir às pressões do algoritmo e manter a fidelidade ao evangelho, mesmo que suas palavras não viralizem.

Concluimos, portanto, que a pregação online, quando compreendida e praticada como ato sacramental, mantém viva a centralidade da Palavra na espiritualidade pentecostal. A tela não anula a unção. O microfone não silencia o Espírito. A Palavra, quando anunciada com temor e fidelidade, continua sendo viva e eficaz (Hb 4.12) mesmo quando transmitida em rede. Que a liturgia digital pentecostal preserve essa convicção, e que cada pregação seja celebrada como o que de fato é: momento de manifestação da glória de Deus entre o seu povo, ainda que espalhado geograficamente, mas unido na escuta e na fé.

No seio da tradição pentecostal, o louvor congregacional ocupa um lugar central na vivência litúrgica, não apenas como introdução ao culto ou expressão estética da fé, mas como dimensão espiritual e teológica que catalisa a presença do Espírito Santo na assembleia reunida. O louvor pentecostal é mais que música: é encontro, clamor, entrega, batalha espiritual e epifania. Ele não se limita a ser parte da liturgia, ele constitui, frequentemente, a própria liturgia, estruturando o culto em sua fluidez e conduzindo a comunidade a um estado de sensibilidade espiritual capaz de acolher a Palavra e experimentar os dons.

---

<sup>98</sup> LEDNICKY, H., 2005, p. 595.

Quando transposto ao ambiente digital, o louvor pentecostal sofre alterações sensíveis. O espaço físico compartilhado, que favorece o contágio afetivo e a resposta corporal comunitária, cede lugar à dispersão geográfica dos participantes, à escuta por meio de dispositivos e à mediação técnica da experiência sonora. Ainda assim, longe de ser esvaziado, o louvor pode ser reinterpretado como canal de interatividade carismática, desde que compreendido em sua natureza espiritual e adequadamente conduzido como expressão viva da adoração.<sup>99</sup>

Essa interatividade carismática, ainda que diferente da interação física, manifesta-se através de múltiplos elementos: os comentários ao vivo que expressam glórias, aleluias e orações; os testemunhos que emergem no chat; os gestos realizados em casa (levantar as mãos, cantar junto, ajoelhar-se); e, sobretudo, a sensação partilhada da presença de Deus no louvor, mesmo que vivida em isolamento físico. O louvor digital torna-se, assim, um ato litúrgico compartilhado por outros meios, no qual a ação do Espírito continua presente, embora a mediação do corpo coletivo seja limitada.

A música pentecostal, com sua vocação afetiva, emocional e improvisacional, adapta-se de modo singular ao espaço digital. O uso de canções conhecidas, a repetição de refrãos, a espontaneidade no improviso vocal e instrumental, e a estética de adoração verticalizada contribuem para a criação de um ambiente propício à experiência espiritual. Em muitos cultos online, a atmosfera de adoração é mantida ou até intensificada, por meio de arranjos cuidadosamente preparados, cenários reverentes e condução sensível dos ministros de louvor. Mesmo à distância, muitos relatam lágrimas, línguas, visões e

---

<sup>99</sup> CAWSTON, David. *A chamada do altar e o compromisso congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 600.

quebrantamentos durante o louvor assistido em vídeo, o que demonstra que o Espírito transcende os limites da mediação técnica.

Ainda assim, é necessário reconhecer os riscos e limites dessa transposição. Quando o louvor digital é excessivamente editado, performático ou voltado à produção estética em detrimento da espiritualidade, corre-se o risco de esvaziar sua função litúrgica e espiritual. A estética da adoração não pode suplantar a sua profundidade. A interatividade carismática exige espontaneidade, autenticidade e abertura ao mover do Espírito, e isso não pode ser plenamente roteirizado nem capturado por métricas de engajamento. O louvor não é show: é culto. E sua força reside na entrega dos adoradores e na condução sensível daqueles que ministram diante do Senhor, mesmo pela tela.

Um dos maiores desafios é preservar a comunhão entre os adoradores. No ambiente presencial, a assembleia canta unida, formando um corpo sonoro coletivo. No digital, a voz da comunidade se dilui e, por isso, torna-se necessário fomentar uma espiritualidade da escuta e da resposta, na qual cada fiel, mesmo em casa, reconheça-se participante do culto, e não mero espectador. Incentivar que os crentes cantem juntos em casa, que expressem gestos de adoração, que mantenham uma postura reverente, são práticas pedagógicas que ajudam a manter viva a dimensão comunitária do louvor. A interatividade, nesse caso, não é apenas tecnológica, ela é espiritual.

Ao que nos parece, o louvor, na liturgia digital pentecostal, permanece como canal privilegiado de interatividade carismática, expressão da fé vivida e meio pelo qual a presença de Deus é evocada e celebrada. Ele une corações dispersos, desperta dons, gera quebrantamento e prepara o caminho para a Palavra. Ao preservar sua centralidade, espiritualidade e função litúrgica, mesmo no ambiente digital, o louvor pentecostal continuará sendo, como sempre foi, um dos lugares onde o céu toca a terra e a Igreja, mesmo à distância, canta como corpo unido em adoração ao Senhor dos exércitos.

### 3.2. A liturgia como testemunho profético nas redes sociais

No horizonte da tradição pentecostal, o culto cristão jamais se limitou a uma prática devocional privada ou confinada ao espaço eclesial. Ainda que profundamente marcado por uma dimensão vertical de adoração, arrependimento e busca pela presença do Espírito, o culto pentecostal sempre transbordou para além das paredes do templo, assumindo uma forma de testemunho público, de proclamação existencial do Reino e, sobretudo, de resistência espiritual às forças que estruturam o presente século.<sup>100</sup> No contexto das redes sociais e da cultura digital, esse caráter testemunhal da liturgia ganha novos contornos e possibilidades, exigindo reflexão teológica cuidadosa e reposicionamento pastoral estratégico.

A pesquisa de André Magalhães Coelho buscou investigar, por meio de entrevistas e observações nas redes sociais dos atores de uma instituição religiosa, de que forma os fiéis mantiveram a participação na vida da igreja através do uso da tecnologia para a preservação dos rituais e cultos. A análise das falas dos membros e das mídias digitais utilizadas pela igreja evidenciou que, mesmo em sua modalidade virtual, a religião continuou a desempenhar papel significativo como espaço de integração e sociabilidade em tempos pandêmicos.<sup>101</sup> O estudo identificou que os meios eletrônicos foram assumidos como uma extensão dos cultos presenciais, capazes de gerar pertencimento religioso e produzir orientações práticas e espirituais, sobretudo no contexto da Covid-19.

---

<sup>100</sup> BAPTISTA, Douglas. *O ethos pentecostal na esfera pública: valores cristãos, política e suas relações com o Estado Democrático de Direito à luz da Declaração de Fé Assembleiana*. Rio de Janeiro: CPAD. 2023, p. 64.

<sup>101</sup> COELHO, André Magalhães. A religião e a incidência dos meios eletrônicos na Comunidade Cristã Paz e Vida em tempos de Covid-19. *Revista NUPEM*, v. 16, n. 38, p. 1-19, 2024, p. 19.

Destacou-se, por exemplo, o grupo de WhatsApp da Paz e Vida de São Mateus como um canal de aconselhamento pastoral e difusão de discursos religiosos que legitimavam o isolamento social por meio da interpretação de textos bíblicos. Observou-se, ainda, que a postura da comunidade religiosa não era de antagonismo em relação à ciência, mas de complementaridade, utilizando a fé como instância de sentido diante da crise sanitária. Por fim, o estudo apontou que as opiniões dentro da comunidade não formavam um corpo homogêneo, mas que os espaços virtuais permitiram a promoção de símbolos religiosos e a ressignificação do discurso cristão em meio às tensões e transformações da pandemia. Tal constatação abre caminhos para futuras investigações sobre a relação entre religião e ciberespaço, reconhecendo que novos contextos demandarão novas abordagens teóricas e metodológicas no campo das ciências da religião.

Cultuar, nesse ambiente, torna-se um ato público por excelência. Diferentemente da reunião presencial, onde a assembleia é delimitada pelos corpos presentes, o culto online é imediatamente lançado à esfera pública digital. Ele pode ser acessado por desconhecidos, compartilhado entre diferentes redes, comentado por crentes e não crentes, e permanece disponível como testemunho permanente da fé da comunidade. Isso significa que o culto digital não é apenas uma “transmissão” da liturgia: é uma forma de exposição pública da fé, um altar visível no espaço simbólico das mídias, onde o louvor, a oração, a Palavra e os dons são oferecidos diante de uma audiência multifacetada.

Nesse sentido, cultuar nas redes sociais é, inevitavelmente, um ato teológico-político e cultural. Não porque o culto precise ser panfletário ou ideológico, mas porque ele afirma em meio à lógica do consumo, da superficialidade e da fragmentação uma realidade alternativa: o Reino de Deus está entre nós, e sua presença pode ser sentida até pela tela. Dizer “Jesus é Senhor” em uma plataforma governada por algoritmos de mercado é um ato de

resistência. Adorar com reverência e verdade em um espaço de performance e vaidade é um ato contracultural. Proclamar a Palavra em um ambiente de desinformação e ruído é um gesto profético.

Essa dimensão pública do culto impõe à Igreja a responsabilidade de discernir como se apresenta e o que comunica. A exposição do culto não deve ser confundida com autopromoção institucional ou exploração estética da espiritualidade. O culto é público não porque é transmitido, mas porque é ato de proclamação da soberania de Deus diante do mundo. Por isso, tudo o que é feito na liturgia, desde os cânticos escolhidos até o sermão pregado, passando pela linguagem corporal e pelos elementos visuais, precisa ser permeado por reverência, consciência e propósito teológico.

Cultuar como resistência espiritual significa, ainda, afirmar a centralidade do Espírito num mundo que dessacraliza o invisível. Significa reunir-se, mesmo digitalmente em nome de Jesus, e nesse nome invocar a presença real do Espírito Santo, clamando por cura, santidade, renovação e salvação. O culto é, nesse aspecto, um ato de guerra espiritual, uma convocação profética contra as potências que deformam a imagem de Deus nas pessoas e nas estruturas. E ao ser realizado nas redes, esse culto se torna também denúncia e anúncio: denúncia das idolatrias do nosso tempo e anúncio da esperança escatológica que move a Igreja.

Importa dizer que essa resistência espiritual não se dá apenas nos conteúdos do culto, mas também em sua forma litúrgica. Cultuar com simplicidade, com autenticidade, com liberdade espiritual, mesmo nas redes, é resistir ao formalismo engessado, ao espetáculo vazio e à estética da fé como mercadoria. O culto pentecostal, mesmo quando transmitido, não pode perder seu frescor profético, sua oralidade encarnada, sua abertura ao imprevisível do Espírito. Preservar essas características no ambiente digital é manter viva a chama da presença e, com isso, resistir às tentações da padronização algorítmica.

Cultuar nas redes não é apenas adaptar a liturgia à tecnologia: é reafirmar, com novos meios, a vocação pública e profética da Igreja. É ocupar territórios simbólicos com a Palavra, com o louvor e com a intercessão. É fazer da *timeline* um espaço de culto, da *live* um altar, do *feed* uma proclamação da glória de Deus. Em tempos de dispersão, cultuar é reunir. Em tempos de superficialidade, cultuar é aprofundar. Em tempos de idolatria digital, cultuar é resistir. E onde houver dois ou três conectados em nome de Jesus ali o Espírito se manifestará, e a resistência se tornará testemunho.

A missão da Igreja — proclamada desde Atos como testemunho do Cristo ressurreto “até os confins da terra” (At 1.8) — nunca esteve dissociada de formas comunicativas específicas. Cada tempo histórico demanda novas linguagens para anunciar o mesmo evangelho, sem, contudo, adulterar sua essência.<sup>102</sup> No contexto contemporâneo, marcado pela ubiquidade das mídias digitais e pela cultura da conectividade, a liturgia digital emerge como uma nova linguagem missional, na qual o culto, ao ser transmitido e compartilhado, torna-se veículo do anúncio, forma pública de discipulado e instrumento de evangelização.

No imaginário pentecostal, a missão é movida pelo Espírito e sustentada pela Palavra, mas realizada, historicamente, por meio da liturgia vivida: o louvor que atrai, a oração que cura, a pregação que confronta, os testemunhos que inflamam corações. Esses elementos, quando levados às redes sociais, não perdem sua vocação missionária; ao contrário, ganham capilaridade missional e poder de alcance, atingindo indivíduos em ambientes onde o templo físico jamais poderia penetrar. A *live* se torna praça pública; o *feed*, um boletim de milagres; a *timeline*, uma estrada de Damasco onde muitos têm se encontrado com o Senhor.

A liturgia digital, compreendida como linguagem da missão, exige da Igreja criatividade espiritual e discernimento teológico. Não basta replicar os

---

<sup>102</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 61.

moldes tradicionais do culto na internet; é preciso reinterpretar os ritos e gestos, de modo que comuniquem sentido e graça aos que assistem. Um culto online é, simultaneamente, adoração para os de dentro e anúncio para os de fora. Sua forma deve acolher, ensinar, testemunhar e convidar. Um culto verdadeiramente missionário nas redes não é apenas belo ou bem-produzido, é profundamente habitado pela presença de Deus, e por isso mesmo, evangeliza por meio da experiência.

O potencial evangelístico da liturgia digital se manifesta de múltiplas formas. Muitos indivíduos não entram em templos, mas acessam vídeos de cultos por curiosidade ou angústia. Muitos afastados reencontram a fé por meio de transmissões que os alcançam na solidão do quarto ou na rotina do trabalho. Jovens desigrejados, famílias em crise, pessoas enfermas ou sem comunidade experimentam, mesmo à distância, o consolo do Espírito que se move por meio da Palavra e do louvor. A missão pentecostal, nesse novo cenário, torna-se mais do que cruzadas e cultos públicos: ela se insere nos ritmos cotidianos da vida digital, como presença encarnada da graça.

Por isso, é fundamental que pastores, músicos, pregadores e comunicadores compreendam que cada elemento da liturgia digital é ato missionário. O modo como se inicia um culto online, a forma como se dirige a audiência, a clareza com que se apresenta o plano de salvação, a sensibilidade com que se ora por quem assiste, tudo isso comunica evangelho ou silêncio. Cada gesto litúrgico, quando transmitido em rede, torna-se palavra dirigida ao mundo, e por isso deve ser pensado com responsabilidade missionária. A linguagem da missão, hoje, passa pelo cuidado com a linguagem litúrgica.

A missão, no entanto, não pode se restringir à transmissão. A liturgia digital deve provocar envolvimento, resposta, seguimento. Uma teologia missional da liturgia online precisa pensar em formas de acolhimento pós-culto: contato com novos convertidos, discipulado virtual, integração em comunidades

locais. O culto online é apenas o começo; a missão se concretiza quando a Palavra proclamada encontra continuidade em vidas transformadas. Assim, a liturgia digital não apenas anuncia: ela conduz a um processo de discipulado, que deve ser estruturado pastoral e comunitariamente.

Por fim, a liturgia digital, quando unvida e inteligentemente conduzida, não apenas celebra a fé dos que creem, mas comunica a graça aos que buscam. Ela é linguagem da missão porque testemunha, acolhe, anuncia e convoca. É, ao mesmo tempo, altar e praça, púlpito e ponte. E quando feita no poder do Espírito, torna-se instrumento eficaz de salvação, cura e transformação. Que a Igreja pentecostal, em seu zelo pela presença, não perca de vista a urgência da missão e que cada culto transmitido seja também enviado como carta viva do Reino aos confins digitais da terra.

## CONCLUSÃO

A liturgia pentecostal, em sua natureza profundamente comunitária, carismática e escatológica, tem demonstrado notável capacidade de adaptação diante das transformações culturais e tecnológicas que marcam o mundo contemporâneo. O advento das mídias digitais e a intensificação dos cultos online não apenas reconfiguraram o espaço e o tempo da celebração, mas também interpelaram a teologia litúrgica pentecostal, exigindo novas reflexões sobre sacramentalidade, presença do Espírito e corporeidade da adoração.

Longe de significar um enfraquecimento da espiritualidade, a transposição litúrgica para ambientes digitais pode representar uma ampliação da missão e do testemunho da Igreja, desde que alicerçada em critérios teológicos sólidos, discernimento espiritual e fidelidade à tradição viva do Pentecostes. Neste artigo, argumentou-se que elementos centrais da liturgia pentecostal como a pregação, o louvor, a oração, a imposição de mãos e a ceia do Senhor podem ser

reinterpretados como atos espiritualmente eficazes mesmo em contexto de mediação tecnológica, desde que conduzidos com reverência, clareza pastoral e abertura ao Espírito Santo.

A liturgia em rede revela tanto a potência quanto os limites de uma espiritualidade que sempre se afirmou como experiência de encontro com o Deus vivo. Ela mantém a centralidade da Palavra e do Espírito, mas desafia a Igreja a repensar sua corporeidade, sua comunhão e sua prática de discipulado em tempos de virtualização. O culto digital, se vivido apenas como espetáculo ou produto de consumo, corre o risco de se esvaziar de sua função formativa e transformadora. Contudo, quando compreendido como ato de adoração, de proclamação e de presença profética, ele se torna lugar de resistência espiritual, evangelização encarnada e expansão do Reino.

A teologia pentecostal, por seu caráter experiencial, missionário e aberto à ação do Espírito, possui recursos teóricos e práticos para elaborar uma liturgia digital contextualizada, sem ceder ao pragmatismo tecnocrático nem ao misticismo desarraigado da Escritura. Cabe agora à comunidade teológica pentecostal, especialmente no contexto latino-americano, formular critérios, formar lideranças e consolidar práticas que dignifiquem o culto online como território santo, onde o Espírito continua a falar, curar, salvar e enviar.

Que a Igreja digitalizada do século XXI não perca a chama que incendiou o cenáculo. Que cada culto transmitido seja também sopro profético. E que, em todas as telas e corações onde a liturgia pentecostal se fizer presente, Cristo seja exaltado, o Espírito derramado e a missão cumprida, até que Ele venha.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível? *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020.

ANDERSON, Gordon L. *Sinais e maravilhas*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

ARRUDA, Reinaldo Pereira; SILVA, Hilquias Benício. Igrejas online em fortaleza: uma resposta circunstancial na quarentena da pandemia da COVID-19. *Via Teológica*, v. 22, n. 43, 2021.

BAPTISTA, Douglas. *O ethos pentecostal na esfera pública: valores cristãos, política e suas relações com o Estado Democrático de Direito à luz da Declaração de Fé Assembleiana*. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2018.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo Recriar, 2018.

CARSON, D. A. *Adoração por meio da palavra*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

CAWSTON, David. *A chamada do altar e o compromisso congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

COELHO, André Magalhães. A religião e a incidência dos meios eletrônicos na Comunidade Cristã Paz e Vida em tempos de Covid-19. *Revista NUPEM*, v. 16, n. 38, p. 1-19, 2024.

COELHO, Renato Arnellas. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. *Revista Eletrônica Espaço Teológico.*, v. 10, n. 17, p. 84-93, 2016

FISK, Bruce N. *Paulo: a vida e as epístolas*. In: McKnight, Scot; OSBORNE, Grant R. *Faces do Novo Testamento: um exame das pesquisas mais recentes*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018.

GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: EST; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

GILBERTO, Antonio. *Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo*. In: Gilberto, Antonio et. al. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2008.

GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos: consolo e afeto*. São Paulo: Loyola, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. São Paulo: Centauro, 2001.

HUGHES, R. Kent. *Culto na igreja livre: o desafio da liberdade*. In: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. (Ed). *Louvor: análise teológica e prática*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil. 2017.

JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexiones sobre estructura litúrgica. *Tear Online*, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018.

KESSLER, Nemuel. *O culto e suas formas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2017.

LEDNICKY, H. Maurice. *Antes de subir ao púlpito: a preparação do sermão*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2017.

MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a*

evangelização através do uso da mídia. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2012.

OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018.

PAUL, Ferrin. *O lugar da música na adoração congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

PUNTEL, Joana Teresinha; SBARDELOTTO, Moisés. Da reforma histórica à “reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos teológicos*, v. 57, n. 2, p. 350-364, 2017.

RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Numen*, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005.

SOARES, Esequias. *Heresias e modismos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

TESMER, Rodrigo Moulian. De la reflexividad social a las mediaciones rituales: mutaciones, convergencias y paradojas en el lepün y el culto pentecostal. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n. 8, p. 29-50, 2004.

WILSON, Bill. *O gabinete de estudos do pastor*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

## ENTRE REDES E REVELAÇÕES: O ACONSELHAMENTO PASTORAL PENTECOSTAL NA ERA DIGITAL

Janderson Nascimento da Silva Alves<sup>103</sup>

### RESUMO

Este artigo examina a evolução do aconselhamento pastoral pentecostal desde suas bases históricas, quando a Assembleia de Deus (AD) começou a empregar jornais impressos para difundir o evangelho e oferecer cuidado espiritual, até a atualidade, marcada pela disseminação de mídias digitais e novas formas de comunicação virtual. Destaca-se a capacidade da AD de adaptar-se aos recursos tecnológicos para evangelizar, discipular e aconselhar seus fiéis, evidenciando, ainda, a necessidade de sabedoria e prudência no uso desses meios. Conclui-se que a aliança entre tradição pentecostal e inovação midiática amplia o alcance missionário, mas requer limites éticos e fidelidade aos princípios bíblicos.

**Palavras Chaves:** Pentecostalismo; Aconselhamento Pastoral; Mídias Digitais

### Abstract:

This article examines the evolution of Pentecostal pastoral counseling from its historical foundations—when the Assemblies of God (AD) began using printed newspapers to spread the gospel and offer spiritual care—to the present day, characterized by the spread of digital media and new forms of virtual communication. It highlights the AD's ability to adapt to technological resources for evangelizing, discipling, and counseling its members, while also emphasizing the need for wisdom and prudence in using these media. The study concludes that the alliance between Pentecostal tradition and media innovation extends the

---

<sup>103</sup> Janderson Nascimento da Silva Alves doutorando pelas Faculdades EST, tendo obtido o título de Mestre em Teologia por essa instituição em 2023. E-mail: jandersonnascimento@hotmail.com

missionary reach but requires ethical boundaries and faithfulness to biblical principles.

**Keywords:** Pentecostalism; Pastoral Counseling; Digital Media

## INTRODUÇÃO:

Vivemos em uma era em que o mundo virtual se consolidou como uma extensão significativa de nossas vidas, onde a tecnologia e a internet não apenas abrem inúmeras oportunidades, mas também impõem desafios singulares. Embora a Bíblia não se refira explicitamente ao "mundo virtual", seus princípios eternos servem de guia para o comportamento no ambiente físico e digital.

Nesse mesmo contexto de transformação, o Pentecostalismo Clássico Brasileiro, surgido entre 1910 e 1911, demonstrou uma notável capacidade de adaptação ao incorporar os meios tecnológicos de comunicação de sua época. A partir de 1917, a Assembleia de Deus, por exemplo, utilizou as páginas impressas dos jornais — considerados o principal meio tecnológico e inovador daquele período — para disseminar informações, promover a evangelização, estabelecer o discipulado, oferecer cuidado e prestar aconselhamento pastoral<sup>104</sup>. Dessa forma, a trajetória histórica do Pentecostalismo Brasileiro evidencia uma continuidade no uso de ferramentas tecnológicas para a propagação de sua doutrina, estabelecendo um paralelo relevante com os desafios e oportunidades apresentados pela era digital atual.

De acordo com Alencar, o primeiro jornal utilizado pelos pioneiros foi o “Voz da Verdade”, lançado em novembro de 1917, em Belém do Pará, pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero. Trata-se de uma publicação gratuita

---

<sup>104</sup> ALVES, Janderson Nascimento da Silva. *O Aconselhamento Pastoral pentecostal: uma abordagem do cuidado a partir da literatura impressa da Igreja Assembleia de Deus* / Janderson Nascimento da Silva Alves; orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG, 2023, p.24.

que não estava vinculada a nenhuma igreja protestante, tendo como objetivo principal a propagação da fé apostólica na cidade de Belém<sup>105</sup>. Segundo Araújo, o jornal não era um órgão exclusivo das Assembleias de Deus, atendendo também às necessidades de comunicação e divulgação de outras três igrejas locais que acreditavam na mensagem pentecostal, e sendo distribuído gratuitamente<sup>106</sup>.

Embora não tenha sido o órgão oficial das Assembleias de Deus, o jornal Voz da Verdade utilizou o meio de comunicação mais avançado de sua época para divulgar as atividades pastorais e o cuidado prestado aos pentecostais em todo o estado do Pará. Dessa forma, mesmo que seu período de atuação informativa tenha sido breve, o jornal influenciou os pioneiros das Assembleias de Deus a explorar esse instrumento de comunicação de massa para a difusão da mensagem pastoral do pentecostalismo em Belém do Pará<sup>107</sup>.

Atualmente, a Assembleia de Deus no Brasil busca apresentar e unificar sua visão teológica pentecostal por meio de diversos meios modernos de comunicação, oficialmente endossados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Entre esses canais estão a televisão, rádios, redes sociais, o jornal Mensageiro da Paz, publicações de livros, hinos, notícias e as lições da Escola Bíblica Dominical, divulgadas pela Editora CPAD.

Este estudo tem como objetivo investigar como as inovações tecnológicas e o uso intensivo de mídias digitais estão transformando as práticas de aconselhamento pastoral no contexto pentecostal, bem como identificar estratégias para integrar os princípios bíblicos e o aconselhamento pastoral

---

<sup>105</sup> ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância* (1911-1946). São Paulo: Arte editorial, 2010, p.79.

<sup>106</sup> O jornal Voz da Verdade era um jornal comunitário entre igrejas e parece ter tido único número. ARAUJO, Israel de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p.123.

<sup>107</sup> ALVES, 2023, p.22.

pentecostal a essas novas práticas. A pesquisa se justifica pela transformação do ambiente digital, que, embora não explicitamente mencionado na Bíblia, exige uma conduta ética e espiritual adequada, e pela histórica capacidade do Pentecostalismo Brasileiro de incorporar tecnologias emergentes – desde os jornais do início do século XX até os atuais meios digitais. Dessa forma, o trabalho busca oferecer subsídios teóricos e práticos que possibilitem uma atuação pastoral eficaz e coerente com a tradição pentecostal na era digital, contribuindo para a ampliação do conhecimento acadêmico e para a formação de líderes religiosos adaptados aos desafios contemporâneos.

## **1. AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL PENTECOSTAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS**

De acordo com Silveira Campos, o pentecostalismo clássico brasileiro caracteriza-se por seus pioneiros, dentre os quais se destacam Luigi Francescon, imigrante italiano que fundou a Congregação Cristã no Brasil (CCB) em 1910, direcionando seu ministério pastoral aos imigrantes italianos do bairro do Brás, em São Paulo; e Gunnar Vingren e Daniel Berg, imigrantes suecos que, em 1911, iniciaram a Missão de Fé Apostólica — posteriormente conhecida como Assembleia de Deus —, voltando seu ministério para a comunidade paraense receptiva à mensagem do evangelho<sup>108</sup>.

Os fundadores da Assembleia de Deus (AD) conceberam uma estratégia comunicacional que integrava a criação de materiais destinados à evangelização, à disseminação de informação, à edificação e ao aconselhamento pastoral. Nesse contexto, investiram na produção de livros, artigos, biografias, estudos bíblicos e publicações em jornais impressos, cuja expressiva produção constituiu uma base

---

<sup>108</sup> GUTIÉRREZ. Benjamim F, e CAMPOS, Leonildo Silveira (Editores). Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina: Um desafio às igrejas históricas; Tradução Júlio Paulo Tavares Zabatiero – São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.p. 86.

histórica fundamental para o desenvolvimento do aconselhamento pastoral pentecostal<sup>109</sup>.

Durante as primeiras quatro décadas, a teologia pentecostal da AD foi propagada através dos meios de comunicação e estruturada com base em quatro princípios centrais em Cristo:

- **Jesus Salva:** A AD prega que a salvação é acessível a todos que se arrependem de seus pecados e creem que Jesus é o único e suficiente Salvador, o que reflete uma abordagem acolhedora e calorosa no cuidado e aconselhamento pastoral<sup>110</sup>.
- **Jesus Cura:** A igreja ensina que Jesus opera milagres de maneira sobrenatural, promovendo a cura física e emocional. Nesse sentido, o aconselhamento pastoral fundamentado na fé visa alcançar a cura emocional dos fiéis<sup>111</sup>.
- **Jesus Batiza com o Espírito Santo:** A atuação tangível do Espírito Santo, que capacita os crentes com dons específicos para propósitos ministeriais, é enfatizada no aconselhamento pastoral, o qual ressalta que a ação do Espírito fortalece a fé daqueles que enfrentam momentos de desânimo<sup>112</sup>.
- **Jesus em Breve Virá:** A AD professa a crença na segunda vinda de Cristo, interpretada em duas etapas: primeiramente, o arrebatamento da igreja, reservado aos salvos; e, posteriormente, a manifestação gloriosa de

---

<sup>109</sup> ALVES, 2023, p. 24.

<sup>110</sup> SILVA, Esequias Soares (ORG.) *Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus Salva, Cura, Batiza no Espírito Santo e Breve Voltará*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 109.

<sup>111</sup> SILVA, 2017. p. 179.

<sup>112</sup> SILVA, 2017. p. 165.

Cristo após sete anos, que culminará na derrota de Satanás, do anticristo e do falso profeta. Essa perspectiva, incorporada ao aconselhamento pastoral, fomenta a esperança necessária para a superação de desafios entre os fiéis<sup>113</sup>.

O surgimento da Assembleia de Deus no Brasil não apenas introduziu a mensagem do avivamento e um cuidado pastoral inovador, mas também marcou o início do uso de meios de comunicação modernos, como o jornal impresso, para a difusão da mensagem pentecostal. Durante um período em que a migração da população brasileira do campo para as cidades intensificava a necessidade de novos veículos de comunicação, a AD utilizou as páginas impressas como um meio eficaz para divulgar orientações pastorais, oferecer oportunidades de acolhimento e promover a evangelização. Nesse sentido, conforme apontado por Daniel Berg, esse contexto representou uma oportunidade única para alcançar e impactar positivamente a população<sup>114</sup>.

A análise das temáticas teológicas presentes em publicações como o jornal Boa Semente (1918-1929) revela a importância do cuidado e do aconselhamento pastoral. Seções dedicadas ao "compromisso com Cristo" enfatizavam a necessidade de uma fé sólida e ofereciam suporte aos novos convertidos diante dos desafios da jornada cristã; seções sobre o "conforto na tribulação" disponibilizavam artigos, estudos bíblicos, hinos e testemunhos que orientavam os fiéis na superação de dificuldades pessoais; e seções voltadas para a "oração" destacavam essa prática como um meio fundamental de alívio e sustentação espiritual. Assim, desde as primeiras iniciativas de divulgação da doutrina pentecostal, o aconselhamento pastoral esteve intrinsecamente presente nas publicações da AD, impactando inúmeras vidas por meio de orientações

---

<sup>113</sup> SILVA, 2017. p. 185.

<sup>114</sup> ALVES, 2023, p. 24.

baseadas na Bíblia, hinos, poemas, testemunhos, lições da Escola Bíblica Dominical e diversos estudos bíblicos, publicados nas páginas impressas, que contribuíram para o Aconselhamento Pastoral Pentecostal<sup>115</sup>.

## **2. ENTRE REDES E REVELAÇÕES: A INFLUÊNCIA DAS PLATAFORMAS DIGITAIS CONTEMPORÂNEAS NA PRÁTICA PASTORAL**

Segundo Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy, nas sociedades contemporâneas emerge um novo modelo comunicacional, caracterizado pela globalização e interligação em rede dos meios de comunicação. Esse paradigma reconfigura os padrões históricos de comunicação -interpessoal, de um para muitos e em massa - e possibilita diversas formas de interação. Entre elas, destaca-se a auto-comunicação de massa, exemplificada pelo uso de plataformas como Twitter, blogs e whatsapp; a comunicação interpessoal multimídia, que utiliza ferramentas como MSN, Google Chat e Skype; e a comunicação mediada de um para muitos, observada no funcionamento de redes sociais como Facebook, Instagram e YouTube<sup>116</sup>.

A transformação tecnológica redefine a produção e a disseminação da informação, ampliando o alcance e diversificando os métodos de interação no aconselhamento pastoral pentecostal. Em síntese, a integração das tecnologias digitais potencializa a eficácia do ministério, proporcionando uma abordagem dinâmica, interativa e acessível para a transmissão da mensagem do evangelho e o cuidado espiritual dos fiéis. Nesse contexto, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por meio da CPAD, utiliza esses avanços tecnológicos para promover orientações pastorais em seu site oficial (<https://www.tvcpad.com.br/>). Nesse ambiente virtual, são disponibilizados vídeos

---

<sup>115</sup> Idem, p. 31.

<sup>116</sup> CARDOSO, G., Lamy, C. *Redes sociais: comunicação e mudança*. (Acesso 03/02/2025); disponível em: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13383/1/pt\\_vol2\\_n1\\_art6.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13383/1/pt_vol2_n1_art6.pdf)

com temas relevantes — como "Como se proteger do divórcio – 315" e "Como pode uma criança ter ansiedade?" —, sob a orientação do Pr. Israel Ferreira, evidenciando a aplicação prática das inovações digitais no fortalecimento do ministério pastoral<sup>117</sup>.

No contexto do Aconselhamento Pastoral Pentecostal, a integração das tecnologias digitais tem fomentado novas estratégias de evangelização e disseminação do evangelho. Um exemplo notório é a utilização das pré-aulas da Escola Bíblica Dominical veiculadas pela TV CPAD - YouTube (@TVCPAD), que, com 264 mil inscritos e 3,5 mil vídeos, orienta os cristãos por meio de uma abordagem pastoral fundamentada em princípios bíblicos<sup>118</sup>.

Além dos canais institucionais, diversos comentaristas independentes contribuem com conteúdos religiosos voltados à Escola Bíblica Dominical, com ênfase em aconselhamento pastoral. Dentre os principais, destacam-se:

- **Rede Brasil Oficial** (@redebrasiloficial): 752 mil inscritos e 7,3 mil vídeos. Integra um dos maiores complexos de comunicação de Pernambuco, vinculado à Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco (IEADPE), sob presidência do Pastor Ailton José Alves<sup>119</sup>.
- **Pr. Osiel Gomes** (@PrOsielGomes): 748 mil inscritos e 4,4 mil vídeos. Presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tirirical (São Luís, MA), atua como escritor e comentarista da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), sendo também o terceiro presidente da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA)<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> <https://www.tvcpad.com.br/tag/cgadb/> (Acesso 03/02/2025).

<sup>118</sup> <https://www.youtube.com/@TVCPAD/> (Acesso 03/02/2025).

<sup>119</sup> <https://www.youtube.com/@redebrasiloficial> (Acesso 03/02/2025).

<sup>120</sup> <https://www.youtube.com/@PrOsielGomes> (Acesso 03/02/2025).

- **Academia de Pregadores (@academiadepregadores):** 412 mil inscritos e 1,4 mil vídeos. Reconhecida como uma escola de Teologia on-line, conta com professores de destaque nacional e internacional, oferecendo cursos a distância mediante assinatura mensal<sup>121</sup>.
- **Abra a Jaula (@abraajaula):** 355 mil inscritos e 1,1 mil vídeos. Apresenta pregações curtas, reflexões bíblicas e pré-aulas da Escola Dominical, além de projetos em desenvolvimento<sup>122</sup>.
- **Janderson Nascimento (@jandersonnascimento):** 166 mil inscritos e 1,9 mil vídeos. O canal disponibiliza pré-aulas da Escola Bíblica Dominical das Lições da CPAD<sup>123</sup>.

Observa-se que a internet, enquanto ferramenta poderosa, possibilita a difusão global da mensagem de Cristo, em consonância com a instrução bíblica de Marcos 16:15: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” Além disso, tais plataformas digitais promovem a comunhão e a edificação mútua entre os crentes, permitindo que, mesmo à distância, os fiéis se encorajem mutuamente, conforme enfatiza Hebreus 10:24: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.”

Adicionalmente, o uso da tecnologia no ministério pastoral deve ser conduzido pela busca contínua de sabedoria divina. Conforme Tiago 1:5: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropéria; e ser-lhe-á concedida.” Esse princípio ressalta a necessidade de integrar a orientação divina à utilização das ferramentas digitais, garantindo que a adoção tecnológica esteja em harmonia com os propósitos de Deus. Paralelamente, o discernimento constitui uma competência essencial, uma

---

<sup>121</sup> <https://www.youtube.com/@academiadepregadores> (Acesso 03/02/2025).

<sup>122</sup> <https://www.youtube.com/@abraajaula> (Acesso 03/02/2025).

<sup>123</sup> <https://www.youtube.com/@jandersonnascimento> (Acesso 03/02/2025).

vez que nem todo conteúdo disponível on-line contribui para o crescimento espiritual. Nesse sentido, 1 Tessalonicenses 5:21 orienta: “Examinai tudo. Retende o bem”, enfatizando a importância de filtrar informações e selecionar aquelas que promovem a edificação e o bem-estar espiritual.

Desse modo, ao relacionar a transformação digital aos fundamentos do Aconselhamento Pastoral Pentecostal, verifica-se que as tecnologias digitais não apenas ampliam o alcance do evangelho, mas também fortalecem a comunhão entre os crentes, desde que seu uso seja pautado por sabedoria e discernimento, em consonância com os preceitos bíblicos.

### **3. A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO ACONSELHAMENTO PASTORAL**

A partir das inovações tecnológicas, a modalidade de atendimento psicológico on-line, regulamentada em 2012 (Resolução CFP 011/2012), contempla tanto as interações assíncronas (e-mail) quanto as síncronas (chat e videoconferência). Esse formato de assistência amplia o alcance geográfico e proporciona maior acessibilidade a pessoas que enfrentam barreiras linguísticas, de saúde ou de locomoção<sup>124</sup>.

No contexto pentecostal, que valoriza a experiência do Espírito Santo, a oração e a interação dinâmica entre líder e fiel, o aconselhamento pastoral on-line pode constituir uma oportunidade de estender cuidados espirituais a públicos mais amplos, sem deixar de enfatizar a comunhão e a fidelidade aos princípios bíblicos<sup>125</sup>. A adoção de plataformas digitais permite que líderes ofereçam orientação, suporte e edificação a distâncias consideráveis, mantendo a essência

---

124

<https://site.cfp.org.br/cfp-publica-nova-resolucao-sobre-atendimento-psicologico-online/>  
(Acesso 03/02/2025).

<sup>125</sup> ALVES, 2023, p. 31.

pentecostal, pois a proximidade virtual não inviabiliza a ação divina, o fervor da oração coletiva e a busca pelos dons espirituais.

A adoção de plataformas on-line para estudos bíblicos e aconselhamento pastoral demonstra-se eficaz no incremento da frequência e alcance das interações ministeriais. Todavia, torna-se imprescindível o estabelecimento de normas de uso responsável e limites precisos, a fim de evitar dispersão de tempo e recursos. Em consonância com Efésios 5:15-16, ressalta-se a necessidade de “remir o tempo”, priorizando atividades que visem à edificação coletiva. Nesse sentido, as redes sociais e outras plataformas digitais, caso utilizadas sem a devida cautela, podem se converter em espaços de discursos infrutíferos ou mesmo prejudiciais. A advertência de Efésios 4:29, que insta ao uso de linguagem edificante, e o princípio do amor e respeito recíprocos, fundamentado em Mateus 7:12, evidenciam que as interações virtuais devem refletir o ethos cristão de promover união e cuidado mútuo.

No âmbito pentecostal, que enfatiza a experiência do Espírito Santo, a oração e a colaboração próxima entre líder e fiel, o aconselhamento on-line pode ampliar significativamente o alcance do cuidado espiritual, sem descaracterizar a comunhão e os valores bíblicos. A operacionalização desse recurso requer vigilância ética e o uso responsável das tecnologias, para que a identidade teológica seja mantida e o ministério seja fortalecido, chegando a um número crescente de fiéis. Assim, a integração da dimensão espiritual à inovação tecnológica viabiliza a disseminação da mensagem cristã, sustentando o fervor da oração conjunta, a busca pela manifestação dos dons espirituais e o zelo pastoral característico do movimento pentecostal.

## CONCLUSÃO:

A trajetória histórica do Pentecostalismo Brasileiro, associada à adoção progressiva de recursos de comunicação — desde a utilização do jornal impresso até as atuais plataformas digitais — evidencia sua capacidade de adaptação e inovação para difundir a mensagem cristã. Nesse sentido, a prática do aconselhamento pastoral, tão central à identidade pentecostal, encontra nas tecnologias digitais não apenas um veículo de alcance global, mas também um ambiente que pode potencializar a interação entre líder e fiel, mantendo-se fiel aos princípios bíblicos e às experiências caracteristicamente pentecostais, como a oração, a manifestação dos dons espirituais e o fervor evangelístico.

Entretanto, o uso eficaz e ético das novas mídias requer normas e limites precisos, garantindo que a comunicação virtual reflita a comunhão cristã e preserve a dimensão espiritual que sustenta o aconselhamento pastoral. Assim, ao mesmo tempo em que expande o campo missionário e proporciona maior acessibilidade, a implementação de plataformas on-line demanda prudência e discernimento, especialmente diante do volume de informações e conteúdos disponíveis. Efésios 5:15-16 e 1 Tessalonicenses 5:21, por exemplo, orientam o crente a remir o tempo e avaliar a qualidade dos materiais consumidos, enquanto Efésios 4:29 e Mateus 7:12 recomendam linguagem edificante e respeito mútuo. Desse modo, a integração entre a herança teológica pentecostal e as inovações tecnológicas apresenta-se como uma via promissora para fortalecer o aconselhamento pastoral na atualidade, sem comprometer a essência espiritual e a identidade doutrinária do movimento.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância* (1911- 1946). São Paulo: Arte editorial, 2010.

ALVES, Janderson Nascimento da Silva. *O Aconselhamento Pastoral pentecostal: uma abordagem do cuidado a partir da literatura impressa da Igreja Assembleia de Deus / Janderson Nascimento da Silva Alves; orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG, 2023.*

ARAUJO, Israel de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CARDOSO, G., Lamy, C. *Redes sociais: comunicação e mudança*. (Acesso 03/02/2025); disponível em: [https://repositorio.iscte.iul.pt/bitstream/10071/13383/1/pt\\_vol2\\_n1\\_art6.pdf](https://repositorio.iscte.iul.pt/bitstream/10071/13383/1/pt_vol2_n1_art6.pdf)

GUTIÉRREZ. Benjamim F, e CAMPOS, Leonildo Silveira (Editores). *Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina: Um desafio às igrejas históricas; Tradução Júlio Paulo Tavares Zabatiero – São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.*

<https://site.cfp.org.br/cfp-publica-nova-resolucao-sobre-atendimento-psicologico-online/> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.tvcpad.com.br/tag/cgadb/> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.youtube.com/@abraajaula> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.youtube.com/@academiadepregadores> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.youtube.com/@jandersonnascimento> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.youtube.com/@PrOsielGomes> (Acesso 03/02/2025).

<https://www.youtube.com/@redebrasiloficial> (Acesso 03/02/2025).

[https://www.youtube.com/@TVCPAD /](https://www.youtube.com/@TVCPAD/) (Acesso 03/02/2025).

SILVA, Esequias Soares (ORG.) *Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus Salva, Cura, Batiza no Espírito Santo e Breve Voltará*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

## A DINÂMICA DOS DONS E A UNIDADE ESPIRITUAL NA IGREJA: A PNEUMATOLOGIA PAULINA A PARTIR DA PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Eliabe Lima Caraúba<sup>126</sup>

Michell Platinir Silva Damasceno<sup>127</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga a pneumatologia paulina a partir de 1 Coríntios 12–14, com foco na compreensão e prática dos dons espirituais (carismas) na comunidade cristã primitiva. Partindo da análise exegética e teológica da seção, argumenta-se que Paulo compreende os dons como manifestações soberanas do Espírito Santo, cuja finalidade é a edificação da Igreja e a glorificação de Cristo, e não a promoção de prestígio individual. A pesquisa evidencia que, diante das distorções vividas pela igreja de Corinto, o apóstolo estabelece critérios teológicos e pastorais claros, destacando a unidade na diversidade dos dons e o amor (ágape) como princípio regulador da vida espiritual. Conclui-se que a espiritualidade autêntica, segundo Paulo, é marcada por ordem, maturidade e compromisso com a missão da comunidade cristã no mundo. A reflexão proposta contribui para uma leitura atualizada da pneumatologia neotestamentária e para o discernimento do exercício dos dons espirituais nas igrejas.

**Palavras-chave:** Pneumatologia; Paulo; Dons espirituais; 1 Coríntios; Igreja primitiva.

### ABSTRACT

This article investigates Pauline pneumatology based on 1 Corinthians 12–14, focusing on the understanding and practice of spiritual gifts (charisms) in the early Christian community. Based on the exegetical and theological analysis of the section, it is argued that Paul understands the gifts as sovereign manifestations

---

<sup>126</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); E-mail: eliabe.lima@aluno.uece.br.

<sup>127</sup> Doutorando em Filosofia (UnB); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

of the Holy Spirit, whose purpose is the edification of the Church and the glorification of Christ, and not the promotion of individual prestige. The research shows that, in the face of the distortions experienced by the church of Corinth, the apostle establishes clear theological and pastoral criteria, highlighting unity in the diversity of gifts and love (agape) as the regulating principle of spiritual life. It is concluded that authentic spirituality, according to Paul, is marked by order, maturity and commitment to the mission of the Christian community in the world. The proposed reflection contributes to an updated reading of New Testament pneumatology and to the discernment of the exercise of spiritual gifts in churches.

**Keywords:** Pneumatology; Paul; Spiritual gifts; 1 Corinthians; Early Church.

## INTRODUÇÃO

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios apresenta um dos retratos mais vívidos e profundos da ação do Espírito Santo na vida da Igreja. Em meio a desafios pastorais concretos e situações complexas vividas pela comunidade cristã de Corinto, o apóstolo se detém com especial cuidado sobre a temática dos dons espirituais, os carismas, revelando não apenas sua teologia do Espírito, mas também os critérios que devem nortear a vivência e o exercício desses dons no corpo de Cristo.

Para Paulo, os dons não são meras manifestações extraordinárias, tampouco sinais de prestígio individual, mas dádivas concedidas soberanamente pelo Espírito, com o propósito claro de glorificar a Cristo e edificar a comunidade. O apóstolo esclarece que o mesmo Espírito distribui diferentes dons a cada membro, conforme sua vontade, mostrando que, embora haja diversidade de manifestações, há uma unidade fundamental em sua origem e propósito. Assim, o uso dos dons espirituais deve sempre estar orientado por dois princípios centrais: a exaltação do nome de Jesus e o exercício do amor fraterno.

A igreja de Corinto, embora rica em manifestações carismáticas, enfrentava sérios desvios na compreensão e prática desses dons. Paulo, então,

ensina que a verdadeira ação do Espírito não conduz à confusão ou à exaltação pessoal, mas promove ordem, edificação mútua e maturidade espiritual. Ele apresenta, como critério essencial, o amor (ágape) como caminho mais excelente, regulador de toda experiência espiritual autêntica.

Ao longo da carta, especialmente nos capítulos 12 a 14, o apóstolo se dedica a instruir a igreja sobre a correta compreensão de dons como profecia e línguas, estabelecendo parâmetros teológicos e pastorais para sua prática. Sua abordagem não apenas corrige distorções, mas também aponta para o ideal cristão de uma igreja viva, conduzida pelo Espírito e comprometida com sua missão no mundo.

Este estudo, portanto, propõe uma reflexão ampla sobre a pneumatologia paulina, a partir de 1 Coríntios, destacando como os dons espirituais revelam a ação graciosa de Deus em meio ao seu povo, orientando a vida e a missão da Igreja. A caminhada espiritual dos crentes, desde suas experiências interiores até o testemunho coletivo, deve estar sempre subordinada à direção do Espírito Santo, que atua para glorificar a Cristo e construir uma comunidade unida, madura e santa.

## **1. A OUTORGA DOS DONS ESPIRITUAIS**

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios ocupa lugar de destaque no Novo Testamento por apresentar uma das abordagens mais detalhadas e teologicamente ricas sobre a atuação do Espírito Santo na vida da igreja. Nessa epístola, o apóstolo desenvolve uma pneumatologia pastoral, tratando com profundidade da presença e da ação do Espírito nas dinâmicas comunitárias, especialmente por meio dos dons espirituais. A importância crescente do tema nas cartas paulinas reflete não apenas uma construção doutrinária, mas uma experiência vivida pelas primeiras comunidades cristãs.

Como observa Grudem, “a presença evidente da condução do Espírito nas comunidades cristãs faz com que este tema seja cada vez mais destacado em suas cartas às igrejas”<sup>128</sup>. Esse destaque não surge de uma especulação teológica abstrata, mas da constatação de que a vida eclesial estava marcada por sinais claros da imanência divina, percebidos no culto, na comunhão e no serviço.

Nesse sentido, a teologia de Paulo sobre o Espírito é inseparável da vida concreta da igreja. Como afirma Hernandes Dias Lopes, ao refletir sobre a identidade da igreja como povo chamado por Deus, ecoando as palavras de Edmund Clowney: “A igreja é o povo chamado por Deus para experimentar e manifestar a presença do Espírito no mundo, como corpo de Cristo e templo do Espírito”<sup>129</sup>.

Um dos objetivos fundamentais dessa carta é oferecer diretrizes a respeito dos dons espirituais — realidade vivida intensamente pela igreja de Corinto. Paulo procura esclarecer o propósito e o uso correto dos dons, também chamados de carismas, os quais foram abundantemente concedidos àquela comunidade. Isso é evidenciado logo no início da epístola, quando ele afirma:

[...] Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento. Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que nenhum dom vos falte, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo.<sup>130</sup>

O apóstolo estabelece que a outorga dos dons espirituais é uma ação soberana do Espírito Santo, que distribui a cada membro da comunidade conforme Sua vontade. A variedade de dons é ampla, mas todos têm origem no mesmo Espírito, que age com liberdade e intencionalidade:

---

<sup>128</sup> GRUDEM, Wayne; PURSWELL, Jeff (Ed.). Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã. São Paulo: Vida, 2001, p. 117

<sup>129</sup> CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. (Série Teologia Cristã Contemporânea). apud LOPES, 2006, p. 45

<sup>130</sup> 1Cor 1,5-7 – BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 1994

A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fê; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz. (1Cor 12.8-11).

A atuação do Espírito, no entanto, não se manifesta de forma desordenada ou aleatória. Paulo oferece dois critérios fundamentais para a validação e a finalidade dos dons. O primeiro diz respeito à exaltação de Cristo: toda manifestação espiritual autêntica deve conduzir à glorificação do Senhor. Giuseppe Barbaglio destaca esse aspecto ao afirmar que “a primeira é o uso dos dons para a glorificação do nome de Cristo. Este se constitui no primeiro critério de avaliação que deve ser usado para verificar os carismas”.<sup>131</sup>

O segundo critério, segundo o próprio Paulo, está fundamentado no amor cristão. No capítulo 13, o apóstolo insere uma digressão teológica sobre o dom supremo — o ágape — apresentando-o como o caminho “ainda mais excelente” (1Cor 12.31). Essa ênfase aponta para a centralidade do amor como princípio regulador das manifestações espirituais. Wayne Grudem dá uma bela contribuição para nós, ele diz:

Paulo não está com isso aconselhando que a igreja desista da busca dos dons espirituais; pelo contrário, deseja mostrar que os dons espirituais devem ser buscados sem perder de perspectiva o caminho do amor. Nesse aspecto, Barbaglio faz afirmações incisivas no sentido de condicionar o potencial construtivo das manifestações carismáticas do Espírito ao impulso do ágape, levando os cristãos a se interessar pelo crescimento e bem-estar do outro. Tudo que não seja voltado

---

<sup>131</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *1-2 Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 162,

para a glória de Cristo e para o amor pelo outro, não procede do Espírito.<sup>132</sup>

Diante do exposto, a legitimidade dos dons está vinculada ao seu potencial construtivo, ou seja, à edificação do corpo de Cristo e ao benefício mútuo entre os crentes; contudo, quando desvinculadas do amor e da glória de Cristo, tais manifestações não podem ser consideradas autênticas expressões do Espírito. Portanto, o estudo da pneumatologia paulina em 1 Coríntios revela não apenas a riqueza dos dons espirituais, mas também sua orientação teológica, ética e pastoral. Dessa forma, os carismas, enquanto dádivas divinas, são instrumentos para a glorificação de Cristo e para a edificação da igreja, devendo ser exercidos sob a direção do amor.

No próximo capítulo, será abordada a importância da subordinação da vida comunitária e do exercício dos dons espirituais à liderança e ao direcionamento do Espírito. Serão analisados os princípios que garantem que a atuação do Espírito na igreja ocorra de forma ordenada e eficaz, cumprindo assim seu propósito edificador para o corpo de Cristo.

## **2. A ORIENTAÇÃO DA IGREJA SOB A DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO**

Inicialmente, os aspectos comportamentais relacionados à vivência dos carismas na igreja de Corinto constituíram os principais fatores que motivaram o apóstolo Paulo a tratar desse tema em sua primeira carta aos coríntios. O teólogo Mezzabora destaca, com precisão e profundidade, que Paulo foi enfático ao lembrar os membros da igreja sobre suas origens e os perigos de reproduzirem, no ambiente cristão, práticas carismáticas semelhantes às experiências pagãs das quais procediam:

---

<sup>132</sup> GRUDEM, 2001, p 125.

Ele é claro e enfático em seu primeiro alerta aos membros da igreja, lembrando-lhes suas origens e os riscos de estarem vivendo suas experiências com os carismas na igreja pautados na forma como viviam experiências equivalentes na vida pagã da qual procediam.<sup>133</sup>

Ademais, esse alerta é ilustrado por episódios específicos relatados na carta, como o caso daqueles que, ao falar em línguas sem compreender o significado, proferiam expressões como “Jesus é anátema”. Tal comportamento evidencia o risco de se assumir que todas as manifestações extáticas procedem necessariamente do Espírito Santo. Nesse sentido, a reflexão de Barbaglio reforça que a forma externa dessas manifestações não assegura sua autenticidade espiritual. Conforme expresso por Grellmann:

Ser movido por um impulso interno irresistível e arrebatador, experimentar sensações extraordinárias, abandonar um nível de racionalidade e se entregar a um nível fora do racional, não implica estar sendo movido pelo Espírito Santo. Ademais, sempre essa inspiração autêntica deve conduzir a Cristo.<sup>134</sup>

Além disso, entende-se aqui que a subordinação ao Espírito Santo se refere à sujeição voluntária e consciente do crente à sua direção, sendo o Espírito quem detém o controle da experiência espiritual. Dois aspectos fundamentais devem ser observados no que tange à atuação do Espírito: primeiro, sua ação no íntimo do crente; segundo, sua manifestação na comunhão entre os membros da igreja. No que concerne ao primeiro aspecto, a verdadeira atuação do Espírito no interior do crente é evidenciada pelo “fruto do Espírito”, conforme descrito em Gálatas 5.22-23, “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência,

---

<sup>133</sup> MEZZARоба, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. *Manual da metodologia da pesquisa no direito*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 55.

<sup>134</sup> GRELLMANN, Hélio L.; LESSA, Rubens S. (Ed.). *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 188.

amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”.<sup>135</sup>

Ademais, o domínio próprio destaca-se como elemento essencial que capacita o fiel a manter-se deliberada e propositalmente sob a orientação do Espírito, evitando perder o controle de si mesmo em experiências extáticas. Em outras palavras, quando o Espírito atua, o cristão preserva sua racionalidade e autocontrole, pois é Jesus quem governa a manifestação espiritual. Qualquer manifestação que prive o indivíduo desse controle certamente não procede de Deus, como ressalta Warren:

Quanto ao segundo aspecto, à comunhão, a questão se volta para a vivência dos dons espirituais, sob sujeição do Espírito, naquilo que é a forma de desenvolver os relacionamentos entres os crentes no seio da igreja. Esta questão será abordada na sequência deste trabalho quando se tocar no assunto do uso dos dons com ordem para edificação.<sup>136</sup>

Por fim, no que diz respeito ao segundo aspecto, relacionado à comunhão, o foco recai sobre a prática dos dons espirituais dentro da comunidade cristã, enfatizando que seu exercício deve estar subordinado à direção do Espírito Santo para promover relacionamentos saudáveis e a edificação mútua. Essa dimensão será aprofundada na sequência deste estudo, quando será tratado o uso ordenado dos dons espirituais para a construção do corpo de Cristo (WIERSBE, 2007, p. 88).

### **3. A RELEVÂNCIA TEOLÓGICA DOS DONS DE LÍNGUAS E PROFECIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS**

---

<sup>135</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2037.

<sup>136</sup> WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol 2. Santo André: Geográfica, 2007, p. 88.

Dando continuidade à análise da pneumatologia paulina, observa-se que, nos capítulos 12 e 14 da Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo aprofunda, de maneira sistemática e abrangente, a temática da manifestação dos dons espirituais no contexto da vida comunitária. Nesse sentido, o autor sagrado apresenta uma diversidade de carismas distribuídos entre os crentes, conforme a soberana vontade do Espírito Santo, e esclarece os critérios e os propósitos que orientam essa concessão divina.

Considerando que a principal motivação paulina ao escrever sobre os dons espirituais a essa comunidade era corrigir práticas equivocadas em sua vivência, este capítulo concentra-se nos dons de línguas e de profecia, seguindo, inclusive, a ênfase oferecida pelo próprio apóstolo ao tratar dessas manifestações específicas.

Para compreender adequadamente a orientação de Paulo, é necessário, inicialmente, delinear as características fundamentais de cada dom. Em relação ao dom de línguas, o próprio texto bíblico fornece elementos importantes para sua definição: “Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios.” (1Co 14.2). Nas palavras de Rinaldo Fabris:

Em outras palavras, o cristão que fala em línguas fala com Deus, louvando-o e adorando-o. Isso ocorre devido ao fato de ter recebido essa aptidão do próprio Espírito, embora o crente fale em uma língua que não conhece. Isso mostra a realidade de que o propósito deste dom não é ganhar almas, mas edificar os salvos.<sup>137</sup>

Quanto ao dom da profecia, o apóstolo igualmente oferece uma definição clara e direta: “Mas o que profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens.” (1Co 14.3). Nota-se, portanto, que a profecia, ao

---

<sup>137</sup> FABRIS, Rinaldo. *Primeira carta de Paulo aos Coríntios*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987, p. 98.

contrário do dom de línguas, opera de modo inteligível, visando à edificação coletiva, o que a torna especialmente relevante no contexto do culto público.

Além da caracterização dos dons, Paulo avança ao recomendar, enfaticamente, a busca pelos dons mais úteis à edificação do corpo. Ele afirma: “Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons” (1Co 12.31), e acrescenta: “Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (1Co 14.1). Tais exortações poderiam, à primeira vista, parecer contraditórias, já que o mesmo apóstolo afirma que os dons são distribuídos pelo Espírito “a cada um, como quer” (1Co 12.11), e que nem todos recebem os mesmos dons. (FABRI, 1987, p. 112) ajuda a elucidar essa aparente tensão “parece que a chave para desfazer esta contradição está no entendimento de que, para Paulo, ninguém era mais importante que ninguém pelo fato de ter sido agraciado com um ou com outro dom”.

Em outras palavras, a distinção entre os dons não visa estabelecer hierarquias entre os crentes, mas sim orientar o exercício ministerial em direção à edificação comum. Isso é particularmente relevante no contexto de Corinto, onde se verificavam atitudes de vaidade e competitividade no uso dos dons, especialmente o de línguas.

Com essas bases estabelecidas, é possível compreender melhor as comparações feitas por Paulo entre os dois dons. Em primeiro lugar, torna-se evidente que o dom da profecia figura entre os dons mais relevantes, por sua capacidade de comunicar a mensagem divina de forma inteligível e eficaz. Em segundo lugar, Paulo declara explicitamente que a profecia é superior ao dom de línguas no contexto do culto coletivo, pois este último, quando não interpretado, torna-se ininteligível para os demais membros da comunidade.

Essa linha de argumentação é reforçada por Barbaglio, que destaca a orientação pastoral de Paulo ao priorizar aquilo que promove a edificação comum:

Pelo fato de ser o crescimento comum, a harmonia dos crentes e o progresso espiritual da comunidade toda, a grande preocupação de Paulo, o apóstolo decididamente mostra sua preferência pelo dom da profecia.<sup>138</sup>

O mesmo autor observa que, enquanto o dom de línguas pode se manifestar por meio de expressões inarticuladas e incompreensíveis à comunidade, tornando-se estéril e ineficaz, a profecia, por outro lado, é dotada de clareza e compreensibilidade, sendo capaz de provocar resposta, encorajamento e transformação nos ouvintes.

Dessa maneira, a análise paulina sobre esses dons aponta para um princípio fundamental: os carismas devem estar a serviço do corpo de Cristo, sendo guiados pela inteligibilidade, pela edificação mútua e, sobretudo, pelo amor. A centralidade da profecia nesse contexto reflete a preocupação apostólica com a maturidade espiritual da comunidade, sua ordem e coesão.

#### **4. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA E A MISSÃO DA IGREJA**

É inegável o vínculo profundo e dinâmico que existe entre o Espírito Santo e a Igreja. Desde os seus primórdios, a Igreja cristã foi concebida, sustentada e conduzida sob a influência direta do Espírito. A origem do termo “igreja” advém do grego *ekklesia*, junção das palavras *ek* (para fora) e *kaléo* (chamar), significando literalmente “os chamados para fora”. No Novo Testamento, *ekklesia* refere-se majoritariamente ao povo de Deus reunido em torno de Cristo, constituindo uma nova comunidade espiritual.

O primeiro registro do uso dessa expressão por Jesus ocorre em Mateus 16.18, quando Ele afirma: “Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Essa

---

<sup>138</sup> BARBAGLIO, 2013, p. 133.

declaração inaugura uma realidade escatológica: a constituição de uma comunidade cuja existência, propósito e perseverança estão fundamentados em Cristo, mas cuja administração é confiada ao Espírito Santo.

Com o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes (At 2), inaugura-se oficialmente a era da Igreja, caracterizada por sua dependência direta da ação do Espírito. Desde esse marco fundacional, a presença do Espírito passou a ser não apenas um sinal, mas o sustentáculo vital da nova comunidade cristã. Conforme observa Hawthorne:

Entre as ações do Espírito Santo com relação à Igreja, podemos dizer que é Ele quem a conforta (At 9.31), infunde o amor divino nos cristãos (Rm 5.5; Gl 1.4,8), guia e dirige os membros do Corpo de Cristo (Rm 8.26,27; At 10).<sup>139</sup>

Além disso, o Espírito Santo exerce funções fundamentais e contínuas na vida do crente, selando-o como propriedade exclusiva de Deus “para o dia da redenção” (2Co 1.22; Ef 1.13-14; 4.30). Esse selo não é apenas um símbolo externo de pertencimento, mas uma garantia interna de que a obra redentora iniciada em Cristo será plenamente consumada no tempo escatológico. O selo do Espírito serve, portanto, como penhor da herança futura, assegurando ao crente a perseverança até o fim. Paralelamente, o Espírito atua como agente revelador das realidades espirituais profundas, tornando acessíveis aos fiéis os mistérios outrora ocultos da sabedoria divina. Conforme 1 Coríntios 2.9-14, é o Espírito quem perscruta todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus, e comunica aos regenerados aquilo que é incompreensível à mente natural. Através dessa ação reveladora, os crentes podem discernir espiritualmente a vontade de Deus, bem como crescer no entendimento das Escrituras e das verdades da fé cristã.

Ainda, é por meio do Espírito que o cristão experimenta verdadeira liberdade espiritual (2Co 3.17), libertando-se não apenas da escravidão do pecado,

---

<sup>139</sup> HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G., (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola; Paulus; Vida Nova, 2008, p. 133.

mas também das imposições da letra da lei, passando a viver em uma nova dimensão de relacionamento com Deus baseada na graça e na condução interior. Por fim, é o Espírito quem reveste os discípulos com poder para o testemunho e para a missão (At 1.8; Lc 24.49; Rm 8.13). Esse poder não se refere apenas a manifestações extraordinárias, mas à capacitação cotidiana para viver uma vida santa, eficaz no serviço e corajosa na proclamação do evangelho. O Espírito, portanto, não apenas inicia a jornada do crente, mas a sustenta em todas as suas dimensões — teológica, ética, espiritual e missionária — até a consumação final em Cristo. Nesse mesmo sentido, o testemunho do Novo Testamento deixa claro que o Espírito não apenas guia os indivíduos, mas também ordena a estrutura eclesial. A liderança da Igreja, por exemplo, é estabelecida sob sua autoridade: “Cuidai, pois, de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele adquiriu com seu próprio sangue” (At 20.28). A eclesiologia neotestamentária, portanto, reconhece no Espírito o administrador divino da Igreja, responsável por sua integridade, vitalidade e missão.

Nesse processo contínuo, o Espírito Santo atua na Igreja em múltiplas dimensões. Primeiramente, no campo da administração, a formação das lideranças e a orientação nas decisões práticas são atribuídas diretamente ao Espírito (At 6.3; 20.28). Em segundo lugar, no âmbito da pregação, torna-se evidente que a eficácia da mensagem cristã não reside na eloquência humana, mas na ação capacitadora do Espírito, como afirma o apóstolo Paulo: “nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1.5).

Adicionalmente, a oração ocupa um lugar privilegiado na experiência comunitária, sendo profundamente marcada pela ação do Espírito. A epístola de Judas (v. 20) recomenda aos crentes que orem “no Espírito Santo”, o que implica uma disposição interior de rendição, humildade e devoção que transcende as

limitações humanas e conecta o fiel à vontade divina. A música e o louvor, por sua vez, também são influenciados pela plenitude do Espírito, conforme Efésios 5.18-19: “enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor”.

Outro aspecto essencial é o testemunho cristão, que se dá sob a unção e o poder do Espírito. O livro de Atos registra a missão apostólica sob essa capacitação: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (At 1.8). Essa unção transforma crentes comuns em proclamadores ousados da fé, sustentando a expansão do evangelho ao longo dos séculos.

A sobrevivência e o vigor espiritual da Igreja ao longo de dois milênios são testemunhos da contínua assistência do Espírito. Ele é o selo da nova criação, fazendo dos cristãos “concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2.19). A presença do Espírito não é um adorno ou um acessório da vida eclesial, mas sua marca definidora, sua fonte de identidade e missão.

Nesse contexto, Grellmann destaca que:

O Espírito Santo é o representante de Cristo a quem está entregue toda a administração da Igreja até a volta de Jesus. Cristo sentou-se no céu onde Deus sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da Igreja, e o Espírito desceu para começar a obra de edificar o Corpo de Cristo. O propósito final do Consolador é o aperfeiçoamento do Corpo de Cristo.<sup>140</sup>

Diante disso, é possível afirmar que a Igreja permanece viva e operante apenas enquanto estiver submetida à direção do Espírito. Sua atuação é indispensável e insubstituível em todos os aspectos da vida cristã, desde a organização institucional até a edificação espiritual de cada membro. Em última

---

<sup>140</sup> GRELLMANN, 2003, p. 85.

análise, é Ele quem garante que a Igreja seja, de fato, a expressão visível do Reino de Deus no mundo.

## CONCLUSÃO

A primeira carta do apóstolo Paulo à igreja de Corinto, especialmente nos capítulos 12 a 14, revela-se como um dos textos neotestamentários mais significativos no que diz respeito à pneumatologia prática, ou seja, à atuação concreta do Espírito Santo na vida da igreja. Dessa forma, o contexto da comunidade coríntia — marcada por divisões, disputas por prestígio espiritual e uso desordenado dos dons — serve como pano de fundo para a exposição paulina sobre a natureza, a finalidade e a correta administração dos carismas. Portanto, a análise desse trecho da epístola evidencia que o Espírito Santo opera de forma ordenada, intencional e edificadora, distribuindo dons de maneira soberana, visando sempre o bem comum e a unidade do corpo de Cristo.

Ademais, a partir do ensino paulino, compreende-se que os dons espirituais não são instrumentos de exaltação pessoal ou de distinção hierárquica dentro da comunidade de fé, mas expressões da multiforme graça de Deus (1 Pe 4.10), conferidas a cada membro para a mútua edificação. Assim, a diversidade de dons é, paradoxalmente, um meio de promover a unidade do corpo, à medida que todos se reconhecem interdependentes, vinculados pelo mesmo Espírito e direcionados a um único propósito: a edificação da igreja. De fato, a metáfora do corpo (1 Co 12.12-27) é particularmente eloquente ao reforçar a ideia de que a verdadeira espiritualidade se manifesta não na busca por status, mas na disposição em servir.

Outrossim, o capítulo 13, situado no coração da argumentação paulina, funciona como eixo teológico que dá sentido à prática carismática. Nesse sentido, o amor ágape, como critério último para o exercício dos dons, indica que, sem ele,

até mesmo manifestações extraordinárias do Espírito tornam-se vazias ou prejudiciais. Por conseguinte, o Espírito não atua de maneira arbitrária ou meramente espetacular, mas sempre em consonância com o caráter de Cristo, promovendo o amor, a paz e a edificação da comunidade. Em suma, a presença do amor como orientador do uso dos dons revela que o verdadeiro propósito da manifestação do Espírito é a construção de uma igreja unida e madura em Cristo.

Assim sendo, conclui-se que a igreja de Corinto serve como um importante exemplo negativo, evidenciando os perigos do uso inadequado dos dons espirituais e a prevalência de interesses pessoais sobre as necessidades coletivas. Portanto, para a igreja contemporânea, o ensino paulino continua sendo um guia indispensável para o exercício saudável e equilibrado da espiritualidade carismática, enfatizando sempre a centralidade do amor e a busca pela unidade no corpo de Cristo. Dessa maneira, o Espírito Santo se manifesta não apenas por meio dos dons, mas sobretudo por meio da transformação das relações comunitárias, conduzindo o povo de Deus a um contínuo processo de edificação, santificação e testemunho no mundo.

## REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. *1-2 Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2013.

CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. (Série Teologia Cristã Contemporânea).

FABRIS, Rinaldo. *Primeira carta de Paulo aos Coríntios*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G., (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola; Paulus; Vida Nova, 2008.

- LOPES, Hernandes Dias. *A Igreja e o seu Ministério*. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LOPES, Hernandes Dias. *I Coríntios: como resolver conflitos na igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. *Manual da metodologia da pesquisa no direito*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009.
- GRELLMANN, Hélio L.; LESSA, Rubens S. (Ed.). *Nisto cremos: 27 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003).
- GRUDEM, Wayne; PURSWELL, Jeff (Ed.). *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol 2. Santo André: Geográfica, 2007.

## **OS PENTECOSTALISMOS BRASILEIROS DIANTE DAS MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: ENTREVISTA COM MAGALI CUNHA<sup>141</sup>**

**Victor Breno Farias Barrozo<sup>142</sup>**

Os pentecostalismos e as/nas mídias – e suas relações mútuas – constituem-se como duas realidades interconectadas que dinamizam o cenário religioso e social do Brasil contemporâneo. Ao longo século XX e início do XXI, as igrejas pentecostais, em suas mais diferentes e variadas expressões, utilizaram-se das mídias e por elas foram transformadas. Desde os primórdios do pentecostalismo moderno, as mídias foram meios e ferramentas para propagação e consolidação da mensagem pentecostal. Durante esse período, os usos ou desusos da imprensa escrita, rádio, televisão, redes sociais, entre outros, modificaram o modo como a experiência pentecostal era compartilhada e vivida.

Os múltiplos pentecostalismos tem tido a capacidade adaptativa às linguagens e meios midiáticos e, nestes, a experiência e conteúdos religiosos vem sendo traduzidos, ressignificados e reapropriados nas práticas comunicacionais. A era digital, sobretudo impulsionada tem tempos recentes com a pandemia de COVID-19, acelerou o processo de mudanças das dinâmicas comunicacionais das igrejas e grupos pentecostais. Em tal cenário, vemos uma alteração do exercício do modelo tradicional de autoridade pastoral-institucional, o lugar da performatividade religiosa na reconstrução das identidades coletivas e individuais,

---

<sup>141</sup> Doutora em Ciências da Comunicação com estágio pós-doutoral em Comunicação e Política. Investigadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER). E-mail: magali.ncunha@gmail.com

<sup>142</sup> Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com estágio sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidad Complutense de Madrid (UCM, Espanha). E-mail: victorbrenofb@gmail.com.

com forte apelo emocional e sensorial, da ritualização da experiência digital – orações ao vivo, campanhas de fé, intercessão por comentários – que reconfigura os modos de pertencimento comunitário.

A partir desta perspectiva, este *ciberpentecostalismo* que emerge na era das mídias contemporâneas aponta para o fato de que àqueles não são meros receptores passivos das inovações tecnológicas, mas sobretudo, protagonistas de ativos de um processo de reinvenção religiosa. Dessa forma, pensar sobre os pentecostalismos e mídias, é refletir sobre as interpelações mútuas dessas duas áreas sobre a realidade religiosa brasileira atual. E para discutir sobre esse assunto, a pesquisadora brasileira Magali Cunha<sup>143</sup> nos oferece uma entrevista<sup>144</sup> para falar sobre como os pentecostalismos no Brasil interagem com as mídias contemporâneas, seus sentidos e significados, a partir da perspectiva das ciências sociais da religião e da comunicação.

Vamos a entrevista:

**Victor Breno:** Olá Dra. Magali. Em sua opinião, que lugar os pentecostalismos ocupam nos estudos sobre religiões e mídias no Brasil?

**Magali Cunha:** É um lugar destacado. Na trajetória dos pentecostalismos no Brasil, desde o início do século XX, este segmento cristão ganhou intensa visibilidade por conta da ocupação das mídias tradicionais, rádio e TV, além da produção de impressos, e dos projetos de participação política. Na virada para o século XXI, pastores e líderes neopentecostais tornaram-se empresários de mídia e detentores, do que se poderia chamar, “verdadeiros impérios” no campo da

---

<sup>143</sup> Doutora em Ciências da Comunicação com estágio pós-doutoral em Comunicação e Política. Investigadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER).

<sup>144</sup> Entrevista realizada por e-mail com a pesquisadora no mês de Junho de 2025.

comunicação, buscando competir até mesmo com empresas não-religiosas historicamente consolidadas.

A Igreja Universal do Reino de Deus ganhou posição consolidada como o segundo maior império de mídia no Brasil, com estreita relação com processos político-partidários. O mesmo se deu com outras igrejas de identidade pentecostal como a Deus é Amor, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, a Internacional da Graça, a Renascer em Cristo, a Sara a Nossa Terra. A presença destes evangélicos na política está fortemente relacionada a esta ampliação de poder midiático, já que as concessões de rádio e TV passaram a ser obtidas por ações diretas de parlamentares evangélicos no Congresso Nacional

Na era digital, marcadamente o século XXI, igrejas e grupos pentecostais passaram a ocupar intensamente espaços virtuais, junto com outras igrejas evangélicas do ramo tradicional, como websites, blogs, mídias sociais e suas diferentes plataformas. Isto tornou ainda mais estreita a relação pentecostalismo-mídias.

**Victor Breno:** Outra questão é, como você vê o modo das diferentes igrejas pentecostais lidarem com a questão das mídias?

**Magali Cunha:** A contrário dos grupos norte-americanos, a presença dos evangélicos brasileiros nos meios de comunicação sempre foi mais intensa no rádio – pela facilidade de aquisição de concessões ou de compra de espaços na grade das programações. Os pentecostais foram os que mais investiram nesse meio: a Igreja Brasil para Cristo, a Igreja Deus é Amor e a Igreja Universal do Reino de Deus. Compravam horários nas grades das rádios AM, as mais populares, de maior público na época, e transmitiam seus programas por meio de centenas de emissoras. Outras igrejas evangélicas do ramo tradicional também buscavam espaço no rádio, porém com menor incidência.

Foram e são muito poucas as igrejas pentecostais que estabeleceram restrições à interação com mídias eletrônicas – uma parcela das Assembleias de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Igreja Restauração.

Na prática, no início, havia pentecostais proprietários de emissoras AM que as transformavam em rádios religiosas de tempo integral. As primeiras foram: Rádio Copacabana (desde os anos de 1950), Rádio Boas Novas e Rádio Relógio, no Rio de Janeiro. Outras tinham programação quase que totalmente evangelística: Rádio Tupi e Rádio Mulher, Rádio Clube de Santo André, ABC e Gazeta, em São Paulo. O mesmo dava-se em outras metrópoles brasileiras.

A ênfase da programação radiofônica AM eram as curas e o exorcismo. A exacerbação deste modelo levou a Igreja Metodista no Rio de Janeiro, por exemplo, a retirar um programa que veiculava na Rádio Copacabana.

Na TV, os primeiros televangelistas evangélicos brasileiros foram Nilson do Amaral Fanini, R. R. Soares e Edir Macedo. Fanini, pastor batista, ascendeu nos anos de 1970 com o programa “Reencontro” veiculado pela TV Educativa do Rio de Janeiro, retransmitido em todo o país, com versão radiofônica. O programa televisivo viajou para outros países como a África do Sul, Paraguai e Estados Unidos (Miami). A imagem de Fanini era reforçada nas concentrações “evangelísticas” que ele realizava em estádios de futebol.

Entre os pentecostais, destacam-se R. R. Soares e Edir Macedo, que iniciaram a trajetória de fundação da Igreja Universal do Reino de Deus juntos. Soares, em curto tempo, traçou rumos autônomos e se tornou o pastor líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, o evangélico que está há mais tempo na TV: desde os anos de 1970, com programas diários – inicialmente pela TV Record, tendo passado por diferentes emissoras, como a Rede TV, Gazeta e a Bandeirantes, além de ter a sua própria TV, a RIT (Rede Internacional de TV). É o

apresentador do programa brasileiro de maior extensão global, o Show da Fé, que chega a quase 200 países. Além da histórica presença na TV, R. R. Soares criou a Fundação Internacional de Comunicação onde estão agrupadas mais de dez empresas, entre emissoras de rádio e TV, gravadora, editora, produtora de vídeos e filmes, jornal e revista.

Já Edir Macedo foi o responsável, por meio da Igreja Universal do Reino de Deus que fundou, pela consolidação do segundo maior império de mídias do Brasil composto pelo Grupo Record, que conta com a Rede Record de TV, mais de cem emissoras afiliadas e a Record News, o jornal Correio do Povo, entre outros jornais adquiridos em diferentes cidades, o portal R7, entre outras publicações e empresas com editora, gravadora, produtora de vídeos e filmes.

R. R. Soares e Edir Macedo e outras lideranças pentecostais investiram na ocupação das mídias para ampliar presença pública e os negócios relacionados às suas igrejas. Emergiram nomes e grupos como os das Igrejas Renascer em Cristo, com o casal Estevan e Sonia Hernandez à frente; Sara a Nossa Terra, sob a liderança do bispo Robson Rodovalho, bastante destacadas em presença de mídias. Este destaque foi alcançado, ao mesmo tempo, com articulações políticas, e ocupação da bancada evangélica no Congresso Nacional, com deputados federais eleitos como representantes dessas igrejas, uma vez que as concessões de rádio e TV são negociadas com o governo federal por intermédio de lideranças políticas.

A maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus, com seus diferentes ministérios e convenções, não se destaca como proprietária de mídias. Como outras igrejas evangélicas, Assembleias de Deus, como uma denominação, não construíram empresas de mídias, e adquiriram e seguem adquirindo horários comprados de emissoras de rádio e TV. A exceção foi a aquisição da Rede Boas

Novas de TV, nos anos 90, pelo pastor das AD de Belém (Pará) Samuel Câmara, irmão do pastor e deputado federal Silas Câmara. A rede é parte da Fundação Boas Novas. Destaca-se entre assembleianos o pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que se tornou nacionalmente conhecido pela veiculação de programas de rádio e TV com horários comprados em diferentes emissoras.

Com a popularização das mídias digitais, a presença de evangélicos nas mídias ampliou muito o processo de midiaticização das igrejas, pentecostais aí incluídas. A dimensão da participação e da transformação dos receptores em emissores, por meio de processos de interação possibilitados pelas novas mídias, especialmente, pela internet, mudou radicalmente o quadro da relação igrejas-mídias. É desafio a ser respondido enumerar todas as páginas na internet ligadas a grupos cristãos, listadas pelos mecanismos de busca na rede: elas são milhares e a relação inclui desde as institucionais, de todas as denominações cristãs, passando pelas mais artesanais, montadas por grupos de igrejas, até as mais sofisticadas e mais acessadas pertencentes a grupos musicais ou grupos de mídia.

Quando pensamos nas mídias sociais, a infinidade de articulações e espaços é nítida. Igrejas e grupos cristãos, pentecostais incluídos, perceberam que as mídias podem não apenas apresentar o Evangelho e dar visibilidade, mas podem articular, promover socialidade, firmar comunidade. Isto passou a dar novo caráter para a relação das igrejas com as mídias. Até porque, com a ideia de convergência de mídias (TV, rádio, computador, telefone celular conectados), um programa já não é só projetado para emitir, mas tem a dimensão da interação estimulada. Abriu-se mais espaço para encontros, troca de ideias, debates, informações, divulgações. A dimensão da comunicação como

interação/comunhão fica potencializada. A socialidade promovida pelas mídias digitais facilita a socialidade cristã e a evangelização.

Com isto surgem também os chamados influenciadores digitais. Pessoas das igrejas, muitas pentecostais, que passaram a se comunicar com o público mais amplo, e que se tornam referência para muita gente, somando-se à categoria dos artistas gospel, que para além de serem cantores, expressam ideias, pregam, estabelecem comunidades virtuais.

**Victor Breno:** Que transformações você, Magali, identifica com respeito ao processo de midiaticização dos (neo)pentecostais ao longo da história e na atualidade?

**Magali Cunha:** A midiaticização é a forma como as igrejas passam a localizar nas mídias o canal de comunicação por excelência e o seu próprio projeto pastoral. No próprio funcionamento dessas igrejas, é possível identificar marcas dessa característica. Por exemplo, os espaços de culto, os templos, não existem sem equipamentos midiáticos como sistemas de som sofisticados, aparelhos de projeção de textos e imagens, telões, sistemas integrados para transmissão dos conteúdos websites, rádios, canais de TV. Tempo e espaço ganham outras significações.

A midiaticização destas igrejas passa pelo controle e a ocupação de múltiplas mídias, como mencionado na questão anterior, e, como consequência, o lobby político no Parlamento, também já considerado.

Muitas igrejas classificadas como neopentecostais são consideradas igrejas midiáticas: a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Renascer em Cristo, a Sara a Nossa Terra, a Mundial do Poder de Deus. Porém, a lógica das mídias está nas comunidades em geral. Os fiéis lidam com o digital no seu cotidiano e isto reflete na relação com as igrejas.

Dando sentido a esta nova cultura estão as dinâmicas (lógicas midiáticas) que envolvem discursos e atos religiosos por parte das lideranças e dos fiéis em geral, baseadas em fluidez, imediatismo, privilégio à imagem, espetacularização das práticas, fragmentação, esvaziamento da espontaneidade, distanciamento/virtualidade, relacionamento com grandes audiências. E a pandemia de COVID-19 (2020 a 2022) este processo ganhou mais força: as restrições a atividades presenciais-coletivas como medidas sanitárias no período interferiram intensamente na forma de comunicação das igrejas e no modo de ser e viver a fé coletivamente. As igrejas e as articulações que delas se derivam se tornaram ainda mais midiáticas.

**Victor Breno:** De que forma os pentecostalismos configuram um modo particular da midiática religiosa à brasileira?

**Magali Cunha:** Os pentecostalismos estimularam a midiática vivida pelas igrejas cristãs de um modo geral. Foi deste grupo de igrejas que se estabeleceu um modelo de propagar a fé evangélica com pregações e orações, primeiramente pelo rádio, depois pela TV, passando pela cultura gospel do mercado e do entretenimento, chegando ao universo digital com as múltiplas possibilidades que ele oferece.

A particularidade desta experiência está nesta propulsão da ocupação das mídias que os pentecostalismos promoveram e foi seguida pelos demais evangélicos e pela Igreja Católica, inclusive. Neste rastro vem também o engajamento na política institucional e todo o protagonismo que os evangélicos adquiriram na cena pública nacional.

**Victor Breno:** Uma última questão Dra. Magali, é – quais seriam os desafios éticos e na esfera política que as dinâmicas da midiática pentecostal impõem sobre a sociedade brasileira?

**Magali Cunha:** Ocupar as mídias não é algo nocivo para as igrejas pentecostais e para as pessoas de fé – pelo contrário. A dimensão da socialidade, das trocas possíveis, do acesso a conteúdos diversos e da ampliação do alcance da mensagem evangélica são pontos muito positivos que devem ser ressaltados, valorizados e estimulados.

O comprometimento ético passa pela compreensão da parte de lideranças desta ocupação das mídias como negócio, para empresas que alimentam corporações religiosas que se distanciam dos valores da doutrina cristã e são embasados na competição, no lucro e na busca de público a qualquer custo. Da mesma forma a questão política, ancorada nas alianças e nas trocas fisiológicas que alimentam os negócios midiáticos.

Do ponto de vista das comunidades de fé pentecostal, que envolve os fiéis, há uma demanda importante que é a construção de uma orientação a ética de quem se afirma cristão e cristã e da postura teológica para que haja atitudes compatíveis na ocupação das mídias: não ser fonte de desinformação, não contribuir com polarizações e muito menos com o ódio, pacificar, humanizar, evangelizar *as* redes e não só *nas* redes. Questionar o isolamento em bolhas, a negação da diferença e da diversidade, o ódio, a violência, a superficialidade, a exacerbação da aparência (o que se quer mostrar ao invés do que se é de fato) e a religião da aparência e do sensacionalismo “caça-cliques”.

Assumir, portanto, a fé cristã em espaços midiáticos significa evocar uma compreensão de comunicação que seja plena, abrangente, dialogal, e que vise à inserção cristã nos espaços públicos plurais, o que implica participação de cada cristão/cristã como cidadão. É um desafio imenso!

## **RESUMO DO CURRÍCULO DA ENTREVISTADA**

### **Dra. Magali Cunha:**

É especialista em religiões, comunicação, mídias e política. Doutora em Ciências da Comunicação com estágio pós-doutoral em Comunicação e Política. Investigadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER). Jornalista, editora-geral do Coletivo Bereia – Informação e Checagem de Notícias. Dentre alguns de seus livros, estão, “A Explosão Gospel: um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil” (Mauad X, 2009), “Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital” (Appris, 2019), “Evangélicos na Política Brasileira” (Actual, 2022), entre outros livros, capítulos e artigos.

## A TEOLOGIA PENTECOSTAL DIANTE DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTREVISTAS COM CLAITON POMMERENING<sup>145</sup>, EDUARDO LEANDRO<sup>146</sup> E VALMIR NASCIMENTO<sup>147</sup>

Victor Breno Farias Barrozo<sup>148</sup>

Com o advento e difusão das mídias digitais na segunda metade do século XX e início do XXI, a teologia pentecostal tem defrontando-se com novos desafios e oportunidades. Ao mesmo tempo que a era midiática tem potencializado à dimensão evangelístico-missionária da fé pentecostal, a propagação da educação bíblica-teológica e ministerial e o fomento de novas formas de discipulado – para além das fronteiras geográficas e geracionais – o ciberespaço impõe os desafios da superficialidade da fé moldada pelos algoritmos, enfraquecimento do conteúdo doutrinário, dissolução da autoridade institucional e vínculos comunitários e da espetacularização da experiência religiosa, dentre outros problemas.

Diante dessas questões, o desenvolvimento de uma *ciberteologia pentecostal* é impulsionada pela busca por respostas bíblicas críticas e criativas diante da cultura midiática, iluminadas pelo Espírito, cultivando tanto um discernimento espiritual digital, como também um engajamento profético na

---

<sup>145</sup> Doutor e Mestre em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br

<sup>146</sup> Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). E-mail: eduleandroalves@gmail.com

<sup>147</sup> Doutorando em Filosofia Política e Social na UNISINOS/RS. E-mail: valmir.milomem@gmail.com

<sup>148</sup> Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com estágio sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidad Complutense de Madrid (UCM, Espanha). E-mail: victorbrenofb@gmail.com.

sociedade em rede. Diante dessas questões, colocar-se: que impasses se colocam à reflexão teológica pentecostal no ambiente midiático? Como produzir uma teologia especificadamente pentecostal nesse contexto? Que possibilidades uma teologia pentecostal no Brasil tem diante do ciberespaço?

É necessário considerar que as mídias digitais não são meramente ferramentas ou espaços neutros, mas sim, espaços teológicos onde disputa-se a forma como se crê, se comunica e se vive a fé pentecostal. Portanto, uma teologia do pentecostal *nas, das e para* as mídias digitais deve orientar-se pela sabedoria carismática do Espírito que, com poder e graça, pode oferecer direcionamentos pastorais e para a espiritualidade cristã, sobre como manifestarmos uma presença fiel e relevante do evangelho no mundo hiperconectado.

Para refletirmos sobre essa temática, entrevistamos<sup>149</sup> os teólogos Claiton Pommerening, Eduardo Leandro e Valmir Nascimento que tem se dedicado nos últimos anos – cada um a seu modo – à reflexão sobre teologia pentecostal, espaço público e questões pastorais no Brasil, para discutir sobre as interfaces da reflexão teológica pentecostal no contexto das mídias digitais contemporâneas.

Eis a entrevista:

**Victor Breno:** *Como compreender a relação entre a espiritualidade pentecostal e a cultura digital contemporânea? Há mais tensões ou possibilidades?*

**Claiton Pommerening:** A relação entre a espiritualidade pentecostal e a cultura digital contemporânea pode ser descrita como aquele tipo de encontro que, à primeira vista, parece improvável, mas que o Espírito Santo insiste em usar para surpreender a todos. Se nos anos 1930, os crentes de paletó e Bíblia na mão

---

<sup>149</sup> Entrevistas realizadas por e-mail com os pesquisadores no mês de junho de 2025.

batiam de porta em porta com zelo evangelístico, hoje o “ide” de Jesus passou a incluir o algoritmo, o engajamento e até o famoso “arrasta pra cima”.

Sob uma perspectiva assembleiana, a espiritualidade pentecostal é marcada por sua oralidade, espontaneidade, afetividade e busca constante pelo mover do Espírito. A cultura digital, por sua vez, é fluida, veloz, saturada de imagens e sons — um terreno onde memes, reels e lives se tornam púlpitos improvisados. E aí está uma das maiores possibilidades: o ambiente digital se torna, para o pentecostal, um novo “cenáculo global”. Onde há dois ou três conectados em nome de Jesus, ali há Wi-Fi do céu.

Mas não sejamos ingênuos — há tensões, sim. O risco de uma espiritualidade superficial, pautada por likes em vez de frutos do Espírito, é real. O culto ao “influencer gospel” pode obscurecer a centralidade da cruz. A tentação do espetáculo pode abafar a simplicidade do evangelho. E o excesso de estímulos pode atrofiar a prática da oração silenciosa e da escuta da Palavra.

Contudo, o pentecostal assembleiano sabe que o Espírito sopra onde quer. A chave está na *discernência*, como diriam os mais antigos, isto é, no discernimento espiritual que nos ajuda a separar o trigo do TikTok.

Portanto, há mais possibilidades do que tensões — desde que a espiritualidade digital seja conduzida não pela vaidade, mas pela vocação. A cultura digital pode ser um campo missionário, um espaço de discipulado, uma vitrine de testemunho — desde que os dedos que digitam estejam submetidos ao mesmo Espírito que unge os pés daqueles que anunciam boas novas.

**Eduardo Leandro:** Entendo que a espiritualidade pentecostal, marcada por experiências pessoais com Deus, manifestações do Espírito Santo e comunhão

comunitária, encontra na cultura digital contemporânea tanto tensões quanto possibilidades.

Por que eu digo isso? Por um lado, há tensões em relação ao risco de superficialidade espiritual, isolamento e consumo de conteúdo religioso descontextualizado. Por outro, surgem grandes possibilidades de evangelização, ensino e edificação por meio de ferramentas que permitem a pregação da fé em escala global, a formação de comunidades online e a ampliação do acesso a conteúdos devocionais e teológicos.

**Valmir Nascimento:** A espiritualidade pentecostal é dinâmica e adapta-se bem a diversos contextos culturais, inclusive ao ambiente das mídias digitais. Evidentemente, como o pentecostalismo é plural, o relacionamento dos crentes pentecostais com esse tipo de mídia pode variar conforme a tradição específica a que pertencem. Há algumas décadas, essa relação era marcada por certa tensão, muitas vezes motivada por uma visão apocalíptica em relação à tecnologia e à internet. Prevalencia a preocupação de que a cultura digital pudesse corromper a fé e enfraquecer a espiritualidade vivida de forma presencial nas igrejas.

No entanto, a experiência tem mostrado que esse tempo ficou para trás. Com o amadurecimento teológico, a ampliação do diálogo com a cultura e a intensificação inevitável da presença digital, vivemos hoje um momento caracterizado mais por aproximações do que por distanciamentos. A espiritualidade pentecostal passou a explorar inúmeras possibilidades de expressão e vivência da fé no ambiente digital, atingindo um novo patamar sobretudo após a pandemia da Covid-19.

Atualmente, essa espiritualidade também se manifesta de forma concreta na cultura digital, por meio de uma variedade de práticas: ensino, pregação,

relacionamentos, transmissões de cultos, defesa da fé e muitas outras formas de engajamento.

**Victor Breno:** *A teologia pentecostal, marcada por oralidade, experiência e emoção, encontra nas mídias digitais um ambiente favorável ou ameaçador? Por quê?*

**Claiton Pommerening:** A teologia pentecostal, com sua ênfase na oralidade, na experiência do sagrado e na emoção como parte legítima da relação com Deus, encontra nas mídias digitais um verdadeiro *campo de batalha espiritual midiático* — onde há tanto armadilhas quanto oportunidades unguidas.

Por um lado, o ambiente digital é altamente favorável à expressão pentecostal. Ora, estamos falando de uma tradição teológica que nasceu nos improvisos do culto, que valoriza o testemunho vivo, a palavra falada com autoridade espiritual e a manifestação visível da fé. Isso se traduz lindamente em vídeos curtos, pregações ao vivo, reels com coreografias unguidas, e até aquele clássico “responde com um amém” no final do post. A internet virou um novo púlpito — só que com mais filtros e menos paletó.

Além disso, a oralidade encontra nas mídias digitais uma extensão poderosa. Lives, podcasts, áudios no WhatsApp — tudo isso ajuda a manter viva a tradição pentecostal de falar, ouvir, narrar milagres e partilhar experiências do Espírito. A emoção, por sua vez, é combustível ideal para viralizações: uma lágrima sincera num story tem mais impacto que muito tratado teológico, felizmente ou infelizmente?

Por outro lado, há riscos claros. A superficialidade digital pode esvaziar a profundidade da experiência espiritual. A busca por curtidas pode substituir a

busca por santificação. A emoção pode ser editada, roteirizada, artificializada — o que nos leva àquela velha pergunta assembleiana: “É fogo do céu ou fogo de palha?”. O culto pode virar performance. O pregador, influencer. O altar, palco. E isso ameaça a autenticidade que é a alma da espiritualidade pentecostal.

A resposta assembleiana a esse dilema deve ser: “Use, mas não abuse. Sirva-se, mas não se curve”. As mídias digitais não são neutras, mas também não são essencialmente malignas. São instrumentos — e como diria qualquer bom pentecostal: *nas mãos de Deus, até um celular vira vara de Moisés*.

Em suma: é ambiente favorável *com risco de desvio*. Cabe à teologia pentecostal formar crentes e líderes que sejam digitais sem deixar de ser espirituais, que usem tecnologia sem perder a unção, e que publiquem com autoridade e não apenas com algoritmo.

**Eduardo Leandro:** As mídias digitais oferecem um ambiente favorável à teologia pentecostal em vários aspectos, pois valorizam a comunicação audiovisual, que potencializa a oralidade, as experiências e a expressividade emocional típicas da fé pentecostal.

Vídeos de pregações, cultos transmitidos ao vivo e testemunhos compartilhados em redes sociais ampliam o alcance da mensagem. No entanto, existem ameaças, como o risco de espetacularização da fé, a perda do discernimento espiritual e a substituição da vivência comunitária na igreja local por consumo passivo de conteúdo religioso.

**Valmir Nascimento:** Antes de tudo, é necessário compreender a relevância das mídias digitais como instrumentos de comunicação. Elas são fruto da capacidade inventiva e da inteligência concedida por Deus ao ser humano. Como escreveu o apóstolo Paulo: “nenhuma coisa é impura em si mesma” (Rm 14.14); no entanto,

algo se torna impuro, corrompido ou perverso quando o ser humano, em sua condição caída, expressa rebelião contra Deus.

Walter Kaiser Jr. foi preciso ao afirmar que “embora os meios de comunicação tenham um enorme potencial de unir a humanidade por meio de satélites e da internet (...), também é grande seu potencial para gerar efeitos nocivos e negativos na sociedade, dependendo da qualidade do conteúdo transmitido”. Esse mesmo princípio aplica-se às mídias digitais. Com isso, entendo que a teologia pentecostal enxerga esses instrumentos comunicativos a partir de duas perspectivas fundamentais: pela ótica da doutrina da Criação, reconhece-se a capacidade humana — dada por Deus — de desenvolver recursos benéficos e edificantes, como ocorreu com a imprensa que possibilitou a ampla difusão da Bíblia; e, sob a perspectiva da Queda, entende-se que o ser humano, em sua natureza corrompida, pode perverter aquilo que originalmente é bom.

Isso nos leva a entender que os ambientes digitais podem ser tanto favoráveis quanto ameaçadores à espiritualidade pentecostal, dependendo dos princípios que orientam sua utilização. De modo positivo, pode-se destacar que ensinamentos e pregações disseminados nesses espaços têm o potencial de alcançar pessoas distantes, promover a oralidade, e gerar experiências e emoções espirituais autênticas, mesmo em contextos remotos. Por outro lado, há sérios riscos que ameaçam a integridade da fé e a autenticidade do pentecostalismo, especialmente quando essas ferramentas são utilizadas com propósitos ou meios que desonram as Escrituras. Uma dessas ameaças consiste na idolatria tecnológica e no uso excessivo das mídias digitais, o que pode comprometer a vivência da fé em comunidade e o valor das relações presenciais — elementos essenciais da espiritualidade pentecostal.

**Victor Breno:** *Quais são os principais desafios que o pentecostalismo enfrenta ao transmitir sua teologia por meio das redes sociais e plataformas digitais?*

**Claiton Pommerening:** Os principais desafios que o pentecostalismo enfrenta ao transmitir sua teologia nas redes sociais e plataformas digitais giram em torno de três eixos: profundidade, autenticidade e discernimento.

A Superficialidade teológica disfarçada de conteúdo devocional nas redes sociais favorece o curto, o rápido e o emocional. Mas a teologia pentecostal — por mais experiencial que seja — é profunda, enraizada na Bíblia, nas práticas da comunidade e nos testemunhos que resistem ao tempo. As plataformas digitais exigem síntese, mas a fé exige substância.

O ambiente digital ama espetáculo, embora o culto pentecostal tem elementos altamente visuais e emocionantes. Mas há uma linha tênue entre manifestar o poder de Deus e montar um show para a audiência. Quando a manifestação espiritual vira conteúdo de entretenimento, o risco é trocar o bíblico pelo conveniente e pragmático. A lógica do palco digital pode engolir a pedagogia do discipulado.

Outro desafio é a confusão entre dons espirituais e carisma pessoal. A cultura digital premia quem tem boa oratória, boa câmera, bom marketing. Mas nem sempre quem fala bonito tem unção. A teologia pentecostal precisa lembrar que carisma humano sem cruz é só charme gospel. A autoridade vem do Espírito, não do número de seguidores.

A fragmentação e a descontextualização praticada pelos cortes de uma pregação de 50 minutos para um vídeo de 30 segundos é quase como tentar explicar a Trindade com emojis. Trechos soltos, sem contexto, podem distorcer a teologia pentecostal, que é comunitária, litúrgica e cheia de camadas. O risco é

formar uma geração de crentes superficiais, que consomem trechos emocionantes sem compreender os fundamentos da fé.

O ambiente digital tende a criar “autoridades paralelas”, os gurus digitais ou ainda os *coach* cristãos: *influencers* que se tornam referência teológica, mesmo sem qualquer compromisso com a tradição, a comunidade de fé ou a responsabilidade pastoral. Isso pode gerar confusão, cismas e até heresias travestidas de "novas revelações".

O desafio é fazer com que a chama pentecostal continue acesa sem virar fogos de artifício. É comunicar a Palavra com poder e graça, sem perder o conteúdo na embalagem. E acima de tudo, é manter o joelho no chão mesmo com o celular na mão. Porque o maior influenciador da história ainda é o Espírito Santo.

**Eduardo Leandro:** É uma pergunta com respostas abrangentes, mas resumo que os principais desafios incluem:

- Preservar a integridade doutrinária diante da pluralidade de discursos religiosos nas redes;
- Evitar a banalização das experiências espirituais, que podem ser expostas sem o devido contexto pastoral e bíblico (os famosos cortes).
- Manter o vínculo com a igreja local, evitando que o crente se isole em uma fé individualizada;
- Lidar com os algoritmos e a lógica do engajamento, que muitas vezes priorizam o sensacionalismo em detrimento da profundidade teológica e espiritual

**Valmir Nascimento:** O primeiro desafio é manter sua identidade sem deixar a sua mensagem ser moldada pelo ambiente. Devemos lembrar de Marshall

McLuhan que disse “o meio é a mensagem” — ou seja, os meios de comunicação não apenas veiculam conteúdos, mas moldam o modo como pensamos, nos relacionamos e vivemos. A mediação tecnológica pode gerar uma espiritualidade marcada pela velocidade, fragmentação e superficialidade, caso não haja intencionalidade teológica e pastoral.

O segundo desafio, diretamente relacionado ao primeiro, é resistir à lógica utilitarista e consumista que predomina nos ambientes digitais. Na cultura digital contemporânea, a capacidade das pessoas muitas vezes é medida pelo número de seguidores, pela visibilidade nas redes e pela repercussão de suas publicações — o que tem contribuído para o surgimento de uma espécie de “subcelebridade gospel”. O pentecostalismo, contudo, precisa romper com esse paradigma. A motivação para a comunicação da teologia pentecostal não pode ser a simples produção de conteúdo, mas sim a geração de valor espiritual, algo que edifique, transforme e glorifique a Deus. Ao mesmo tempo, a teologia precisa ser contraintuitiva em relação à lógica dominante das mídias. Em vez de reforçar a dependência constante das plataformas digitais, a mensagem veiculada por esses meios deve, sempre que possível, conduzir o público para além das mídias, despertando o desejo por uma espiritualidade mais profunda, vivida na intimidade com Deus.

O terceiro desafio diz respeito ao impacto crescente da inteligência artificial. Embora ainda não saibamos com precisão até que ponto a teologia cristã em geral, e a teologia pentecostal em particular, será afetada por essa revolução tecnológica, é inegável que estamos diante de uma transformação sem precedentes. As novas ferramentas estão reconfigurando práticas de leitura, estudo, ensino e até mesmo de vivência espiritual. Diante disso, é essencial que a comunidade pentecostal se aproxime da IA com discernimento espiritual e

reflexão teológica, para que essas inovações sejam usadas com sabedoria, sem comprometer os fundamentos da fé e da tradição pentecostal.

**Victor Breno:** *Como os Institutos Bíblicos, Seminários e Faculdades Teológicas podem oferecer formação teológica pentecostal diante das demandas dos novos formatos digitais, garantindo qualidade acadêmica, zelo pela espiritualidade e capacitação ministerial?*

**Claiton Pommerening:** Os Institutos Bíblicos, Seminários e Faculdades Teológicas que desejam formar ministros e ministras cheios do Espírito e também preparados para os desafios do mundo digital precisam fazer o que todo bom assembleiano já faz: equilibrar unção e estudo, devoção e racionalidade.

A formação teológica pentecostal, nesse novo contexto, exige uma tríplice fidelidade: à Palavra, ao Espírito e ao tempo presente. Não adianta formar pastores com domínio do hebraico bíblico, mas que titubeiam na hora de abrir uma live no Instagram; tampouco adianta formar influenciadores digitais que não conhecem os principais termos teológicos.

A formação com qualidade, espiritualidade e capacitação vem através da atualização dos métodos sem diluir os valores. É possível usar ferramentas digitais — AVAs, podcasts, vídeos curtos, e-books, plataformas de aprendizagem gamificada — sem perder a ênfase na oração, no jejum, na devoção e no estudo bíblico com lágrimas. A tecnologia deve ser o meio, não o espírito da coisa. É o “novo odre”, mas o vinho continua sendo pentecostal raiz.

Precisa-se formar ministros digitais com teologia encarnada, enfrentando o desafio de ensinar teologia sistemática com referências acadêmicas, e ao mesmo tempo mostrar como pregar de forma envolvente nas mídias sociais. A formação

precisa incluir disciplinas que abordem mídia, comunicação, cultura digital, ética da tecnologia e espiritualidade online, além das demais disciplinas tradicionais.

Ainda, nada substitui a comunhão dos santos. Por isso, mesmo no ensino remoto, a formação teológica pentecostal deve cultivar espaços de oração coletiva, momentos de clamor e partilha de experiências espirituais, ainda que por videochamada. É possível sentir a presença de Deus numa sala do Google Meet — desde que quem ensina esteja cheio do Espírito, e não só de racionalidade.

A capacitação ministerial precisa contemplar o púlpito e a câmera, o gabinete pastoral e o inbox do Instagram, a visita ao enfermo e a live de aconselhamento. O pastor e a pastora pentecostais de hoje precisam saber interceder, interpretar textos bíblicos e lidar com comentários de haters nos vídeos — tudo isso com graça, sabedoria e o discernimento do Espírito.

**Eduardo Leandro:** Penso que as instituições teológicas podem adaptar seus currículos e metodologias pedagógicas ao meio digital, utilizando plataformas interativas, fóruns de discussão, videoaulas e mentorias online.

Devem, contudo, preservar a centralidade da Palavra de Deus, o compromisso com a oração, a comunhão e a prática ministerial. É essencial que a formação digital esteja integrada a vivências presenciais, como encontros, estágios e cultos, garantindo a união entre o conteúdo acadêmico e a espiritualidade pentecostal.

**Valmir Nascimento:** Creio que os institutos de ensino teológico exercem um papel fundamental na forma como a igreja promove o conhecimento bíblico e teológico. É inegável que os formatos digitais se tornaram indispensáveis em nossos dias, dada a praticidade e o alcance que proporcionam. No que diz respeito à assimilação de conhecimento, essas modalidades são legítimas e podem

contribuir significativamente para a formação bíblica, acadêmica e ministerial dos cristãos. Tenho tido a oportunidade de ministrar em diversos institutos bíblicos, tanto no Brasil quanto no exterior, por meio de plataformas virtuais, o que dificilmente seria possível de maneira presencial.

No entanto, é importante lembrar que a educação cristã vai muito além da simples transmissão de informações. Trata-se de um processo de formação e transformação pela Palavra de Deus. Por essa razão, não devemos equiparar nossos institutos cristãos às instituições de ensino secular, cujas finalidades e fundamentos são distintos.

Inspirando-nos no pensamento do filósofo inglês Roger Scruton, já falecido, podemos dizer que a educação cristã atua, em certo sentido, como uma agência formativa que desafia e subverte os padrões do ensino formal convencional.

Como tenho reiterado em meus livros, é essencial manter o princípio do retorno constante ao cenáculo, o ambiente comunitário de fé, onde se cultivava a intimidade com Deus e a comunhão com os irmãos. A verdadeira espiritualidade, a meu ver, floresce no equilíbrio entre a vida interior e a prática comunitária e ministerial. Os recursos tecnológicos são valiosos, mas jamais devem substituir a vivência espiritual partilhada no corpo de Cristo.

**Victor Breno:** *Você acredita que o uso crescente das mídias digitais está moldando uma nova forma de discipulado pentecostal? Isso é positivo ou negativo?*

**Claiton Pommerening:** Sim, o uso crescente das mídias digitais está moldando uma nova forma de discipulado pentecostal. E como todo processo

histórico-teológico, essa transformação é ambígua: tem progressos abençoadores, mas exige discernimento profético.

O que está mudando? No modelo tradicional pentecostal, o discipulado se dava na vivência comunitária: oração nos lares, culto de ensino na quarta-feira, conselhos do pastor no corredor da igreja, discipulador que conhecia a luta espiritual do discípulo de forma íntima. Esse modelo formava crentes por meio da convivência, da observação, da prática e do poder do exemplo num discipulado intencional e contínuo.

Com a explosão das mídias digitais, surge um novo tipo de discipulado: das telas, onde o conteúdo formativo é transmitido por vídeos, reels, podcasts, devocionais por WhatsApp, e até grupos de mentoria no Zoom. O novo discípulo muitas vezes aprende com pregadores que nunca viu pessoalmente e compartilha experiências de fé por comentários e reações.

Isso é positivo? Sim — desde que bem conduzido, havendo vantagens claras: acessibilidade onde crentes em regiões remotas têm acesso a conteúdos profundos e edificantes; multiplicação de vozes formadoras em que pastores, teólogas, missionárias, leigos e músicos podem alcançar milhares com ensino bíblico e vida devocional; incentivou um estímulo ao protagonismo, onde muitos crentes passaram a produzir conteúdo, escrever devocionais, liderar grupos de estudo online — algo maravilhoso!

E o lado negativo? Se perdermos o foco relacional e comunitário do discipulado, isso atenta contra a relacionalidade do Evangelho de Cristo. Discipulado não é apenas informação, mas formação, e isso envolve convivência, correção amorosa, partilha de vida, contato, olho no olho. A “fé sob demanda” pode gerar discípulos autônomos, que seguem quem fala o que agrada, em vez de quem confronta com amor. A formação pastoral digital corre o risco de ser

“personalizada” demais e “comunitária” de menos — crentes plugados, mas não plantados. Além disso, o excesso de opções pode gerar confusão doutrinária, consumismo espiritual e perda da identidade pentecostal histórica.

O discipulado digital é inevitável, é real e pode ser profundamente frutífero — mas não pode ser desencarnado. O desafio é pentecostalizar esse discipulado, não apenas digitalizá-lo. Ou seja, mantê-lo marcado pelo poder do Espírito, pela comunhão dos santos, pela centralidade das Escrituras, pelo compromisso com a missão e por relacionamentos comprometidos e saudáveis.

Nem sempre as mídias sociais são usadas pelas igrejas e lideranças para a promoção do Reino de Deus de forma correta. Embora haja muita evangelização pelas mídias sociais, o que é muito louvável, existe uma grande carência de promoção de discipulado através delas, migrando assim de uma ênfase demasiada em evangelismo superficial para a formação de discípulos de Jesus. Além disso, é preciso discernir o entorpecimento mental, emocional e espiritual que o excesso de telas pode produzir para promover uma espiritualidade sadia que leva em conta a influência das redes sociais.

**Eduardo Leandro:** Sim, acredito. E isto pode ser tanto positivo quanto negativo. Por um lado, abre-se a possibilidade de acompanhar e discipular pessoas à distância, ampliar o acesso a recursos de ensino e conectar crentes em diferentes partes do mundo.

Por outro, há o risco de um discipulado despersonalizado, com pouca prestação de contas, com pouca (ou nenhuma reflexão bíblica), sem vínculos comunitários e sem o acompanhamento pastoral necessário. Penso que discipulado digital precisa ser complementar, não substitutivo ao convívio real.

**Valmir Nascimento:** Na resposta anterior, já ofereci algumas pistas para esta questão. Não acredito que estejamos diante de uma nova forma de discipulado, mas sim de um novo tipo de mediação por meio da qual o discipulado pode ser realizado.

Essa mediação tecnológica pode ser positiva ou negativa, a depender de como é utilizada e integrada à vida comunitária da fé. Sugiro que os recursos tecnológicos devem ser vistos como instrumentos de apoio, e não como a base do discipulado. O discipulado cristão continua sendo essencialmente relacional, e a presencialidade é essencial para isso.

**Victor Breno:** *Quais cuidados teológicos e pastorais os líderes pentecostais devem ter ao utilizar as redes sociais para pregar, aconselhar ou ensinar?*

**Claiton Pommerening:** As redes sociais são hoje extensões dos nossos púlpitos e gabinetes pastorais. Se antes o pastor ensinava da tribuna e aconselhava no banco da igreja, hoje ele pode estar fazendo isso enquanto segura um celular e desvia das notificações. Mas o ambiente digital não é neutro — ele exige cuidado, responsabilidade e discernimento.

Deve-se cuidar com a superficialidade doutrinária, pregar online não significa pregar “pela metade”. Evitar reduzir temas profundos da fé pentecostal a slogans ou frases de impacto que cabem num post. Milagres, batismo no Espírito Santo, escatologia, santificação — tudo isso precisa de explicação bíblica sólida, mesmo em formatos curtos. Síntese é bênção; simplismo é cilada.

Aconselhar online exige sabedoria dobrada, deve-se evitar expor a dor alheia, mesmo que seja com boas intenções. O que é dito em particular precisa continuar sendo sagrado, mesmo na era das mensagens de voz. E cuidado: o conselho que se dá num story pode ser interpretado por centenas de formas — ou distorcido por um print fora de contexto.

Deve-se ainda evitar ataques pessoais, polêmicas fúteis, lacradas gospel, ter zelo com o vocabulário — linguagem simples não significa linguagem vulgar e coerência entre vida e conteúdo digital. As redes amplificam nossa voz, mas também nossas contradições. Por isso, o cuidado com o caráter precisa ser tão forte quanto o cuidado com o conteúdo.

O líder pentecostal também precisa ser disciplinado digitalmente: saber quando falar, quando calar, quando responder com sabedoria e quando simplesmente orar e deixar passar. Precisa cuidar ainda com a “idolatria da visibilidade”. Nem tudo o que Deus manda dizer precisa virar postagem. E nem toda viralização é sinal de aprovação divina. A tentação do ego digital é real — e até ministros ungidos podem cair na armadilha de medir seu ministério por métricas de engajamento.

Três critérios de relevância podem ser levados em conta no engajamento do Evangelho nas mídias sociais: a bondade (comportamentos éticos), a verdade (informação precisa) e a beleza (estética e criatividade). Às vezes fala-se com bondade apontando para as coisas boas do Evangelho, mas falta a beleza, o que não cativa as pessoas; algumas vezes fala-se coisas belas, mas desprovidas da verdade; outras vezes fala-se a verdade, mas sem bondade, levando à agressividade, acusações e formas não amorosas de se relacionar nas mídias sociais. Quando o ministério cristão se utiliza da verdade sem bondade nas mídias sociais ela se impõe de forma agressiva sobre os que não a querem, assim, a fé se torna coercitiva; no intuito de evitar a coerção social, a fé se torna ociosa, faltando com a verdade e priorizando a bondade ou a beleza, conforme escreve o teólogo Miroslav Volf.

**Eduardo Leandro:** De forma simples e direta, penso que os líderes precisam:

- Ter discernimento espiritual e sabedoria pastoral ao compartilhar conteúdos;
- Evitar polêmicas inúteis e posturas que prejudiquem o testemunho cristão;
- Respeitar os limites do aconselhamento virtual, que não substitui a escuta presencial e o cuidado pastoral contínuo;
- Assegurar que o ensino seja fundamentado nas Escrituras, com clareza e fidelidade doutrinária;
- Demonstrar humildade e coerência de vida, lembrando que a autoridade espiritual se apoia no exemplo e na integridade, mesmo no ambiente digital.

**Valmir Nascimento:** O mundo virtual exige discernimento, sobriedade e vigilância constante (1 Pe 5.8). Líderes devem fugir da superficialidade e das polêmicas passageiras (Tt 3.9). Não devem buscar a relevância pela repercussão, mas pela fidelidade bíblica do conteúdo que compartilha.

O que realmente importa não é o número de curtidas, mas a verdade que se transmite. E, sobretudo, vigie o tempo dedicado às redes sociais. Elas têm o poder de consumir energia, foco e até mesmo a vitalidade espiritual. Cristãos em geral e pastores em particular são embaixadores de Cristo também no ambiente digital, com temor, profundidade e propósito.

**Victor Breno:** *Por fim, quais são os caminhos possíveis para um uso ético, missionário e teológico das mídias digitais por igrejas e líderes pentecostais hoje?*

**Claiton Pommerening:** Fazer evangelização de forma contextualizada e criativa, pois a internet é um campo missionário global. Lives, podcasts, vídeos curtos, devocionais em carrossel no Instagram — tudo pode ser um instrumento evangelístico. Mas atenção: não basta “falar de Jesus”, é preciso falar de Jesus do jeito certo, para o público certo, com linguagem apropriada e conteúdo bíblico. Missão digital não é marketing evangélico — é encarnação do Evangelho.

Professar uma teologia acessível, mas sem diluição. A mídia digital permite ensinar teologia com amplitude: vídeos explicando doutrinas pentecostais, cursos online sobre os livros bíblicos, devocionais sobre o fruto do Espírito, etc. Tudo isso democratiza o acesso ao ensino e ao evangelismo.

Manter a ética no conteúdo e na conduta, conforme resposta da pergunta anterior. A ética digital pentecostal envolve três posturas básicas: verdade no conteúdo (sem fake News, sem distorção teológica); respeito e bondade no diálogo (sem brigas públicas, sem ódio disfarçado de zelo apologético); e beleza e transparência na prática (nada de manipulação emocional para ganhar seguidores ou ofertas).

Cultivar uma espiritualidade autêntica e não performática, evitando o risco da espetacularização. Claro que Deus pode usar um vídeo — mas a pergunta é: isso foi feito para glorificar a Deus ou para promover a personalidade do líder? Usar a mídia como púlpito e como ponte — nunca como pedestal.

As igrejas pentecostais podem (e devem) construir espaços de comunhão digital, formando comunidades híbridas, que não substituam o culto presencial, mas complementem a vivência cristã. Grupos de oração por WhatsApp, discipulado por videoconferência, células online, cultos transmitidos com interação ao vivo — tudo isso pode manter a chama acesa até para quem está longe.

As redes também são espaço para o testemunho profético, promovendo justiça e misericórdia. Igrejas pentecostais podem usar suas plataformas para denunciar injustiças, promover solidariedade, divulgar campanhas missionárias, projetos sociais, ações ambientais.

**Eduardo Leandro:** Penso que alguns caminhos possíveis incluem:

- Desenvolver estratégias de comunicação cristocêntricas e bíblicas, que promovam o evangelho com verdade e amor;
- Capacitar líderes e membros para o uso consciente e responsável das mídias;
- Criar conteúdos devocionais, teológicos e evangelísticos relevantes e acessíveis;
- Usar as redes como espaço de acolhimento, discipulado e comunhão, sem perder de vista a importância da igreja local;
- Cultivar uma presença digital que reflita a ética do Reino de Deus, com respeito, esperança e fidelidade à missão.

**Valmir Nascimento:** Devemos lembrar que as mídias digitais são uma característica da sociedade de consumo, na qual os indivíduos projetam suas identidades e sonhos em produtos, objetos e outros elementos da cultura material. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman observou que, na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem antes se transformar em mercadoria. O que Bauman quer dizer é que o consumidor também se torna uma espécie de mercadoria, passível de manipulação e uso para diversos interesses.

Como cristãos, devemos nos aproximar das redes sociais com esse cuidado: para não sermos usados como mercadoria no mercado de dados, e tampouco enxergarmos os outros, seguidores, amigos, pessoas, sob essa lógica mercadológica.

Numa análise pertinente, o teólogo pentecostal Amós Yong afirmou que, diante da lógica que impera nessa sociedade consumista, marcada pelo egoísmo e hedonismo, a Igreja precisa oferecer uma alternativa — um outro conjunto de desejos — capaz de contribuir para a cura do mundo, nesse caso, do mundo digital. Em vez de uma teologia egocêntrica de autoajuda e empoderamento (econômico, digital etc), diz Yong, é necessário fazer emergir uma teologia trinitária do desejo, formada pelas práticas da Igreja e sensível às particularidades e necessidades de cada pessoa, criada à imagem de Deus.

Ou seja, enquanto o mundo vê cada indivíduo como um consumidor anônimo, e o mundo virtual secular enxerga cada usuário como um cliente em potencial, para consumir seu conteúdo e comprar os produtos do seu marketing digital, a Igreja valoriza o ser humano como pessoa carente de salvação. Como filhos de Deus, somos convidados a rejeitar a lógica consumista do tempo presente e a nos afastar da cultura materialista e coisificada que nos cerca. Para isso, é necessário viver a santificação, por meio do que Yong chamou de “consumo santificado”. Isso abre espaço para pensar no “uso santificado” das mídias digitais.

Creio que Paulo sintetizou bem essa orientação em Filipenses 4:8: *“Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.”*

## RESUMO DOS CURRÍCULOS DOS ENTREVISTADOS

### **Dr. Claiton Pommerening:**

É pastor-auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville/SC e teólogo pentecostal. Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). Diretor e Professor da Faculdade Refidim e outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “Teologia da Experiência” (CPAD, 2024) e “A obra da salvação” (CPAD, 2019), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.

### **Dr. Eduardo Leandro:**

É pastor na Assembleia de Deus em Rio Tinto/PB e teólogo pentecostal. Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). Diretor e Professor do CETAD-PB (Centro de Estudos Teológicos da Assembleia de Deus da Paraíba) e outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “Introdução à teologia pentecostal” (CPAD, 2023), “A sociedade brasileira e o pentecostalismo clássico” (CPAD, 2021), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.

### **Me. Valmir Nascimento:**

É pastor-auxiliar na Assembleia de Deus em Cuiabá/MT e teólogo pentecostal. É doutorando em Filosofia Política e Social na UNISINOS/RS. Professor da FEICS/MT e de outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “A mente carismática” (Thomas Nelson, 2024), “Cosmovisão pentecostal” (CPAD, 2025), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.